

A Leitura em Instituições de Acolhimento
Um projeto de promoção cultural para crianças

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Carina Correia Almada Costa e Silva Freitas
MESTRADO EM GESTÃO CULTURAL



UNIVERSIDADE da MADEIRA

A Nossa Universidade

www.uma.pt

abril | 2014



agência regional para o
desenvolvimento da investigação
tecnologia e inovação

Os melhores RUMOS para os Cidadãos da Região



REGIÃO AUTÓNOMA DA MADEIRA



REPÚBLICA PORTUGUESA



UNIÃO EUROPEIA
Fundo Social Europeu

A Leitura em Instituições de Acolhimento
Um projeto de promoção cultural para crianças
DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Carina Correia Almada Costa e Silva Freitas
MESTRADO EM GESTÃO CULTURAL

ORIENTAÇÃO
Maria Teresa Duarte de Jesus Gonçalves do Nascimento

CO-ORIENTAÇÃO
Maria Regina Teixeira Ferreira Capelo

Agradecimentos

Começo por agradecer a todos aqueles que direta ou indiretamente contribuíram para a realização do presente trabalho.

À Professora Doutora Maria Teresa do Nascimento e à Professora Doutora Maria Regina Capelo, por me terem orientado nesta dissertação. Agradeço por terem confiado em mim e por toda a disponibilidade, apoio e incentivo que sempre me transmitiram.

Ao Abrigo Infantil Nossa Senhora da Conceição e à Fundação Patronato de São Filipe, em especial à direção e às responsáveis, pela sua disponibilidade e simpatia, por permitirem a recolha de dados e tornarem possível a implementação do projeto de leitura.

Às doze crianças das instituições, o meu muito obrigado pela inspiração. Agradeço a motivação e o interesse com que participaram neste projeto.

Ao escritor José Viale Moutinho um agradecimento especial pela sua participação nos encontros literários com as crianças. O meu reconhecido agradecimento pela sua disponibilidade, apoio e pela transmissão de sabedoria e cultura.

À Associação CRIAMAR, nomeadamente à Professora Ana Freitas pela sua disponibilidade, apoio e pela partilha de conhecimento.

À Ana, Lénia, Cátia e à Cristina, pelo apoio, pelas palavras de incentivo e por estarem sempre do meu lado.

À minha família, em particular aos meus pais por tudo o que me têm dado e transmitido, à minha irmã e aos meus sogros pelo seu apoio e incentivo.

Ao Miguel, pela sua compreensão e paciência nos momentos de ausência, pelo amor e apoio incondicionais, por ter acreditado sempre em mim e por me transmitir força e segurança nos momentos mais difíceis.

Resumo

Os hábitos de leitura devem ser criados e fortalecidos desde a primeira infância. Acreditamos que estes continuam a ser significativos para o desenvolvimento intelectual, social, cultural e emocional de todas as crianças e devem ser estimulados pelos vários mediadores de leitura, seja em contexto escolar ou não escolar.

Para além da escola, a família também tem um papel fulcral no incentivo e fomentação destes hábitos. No entanto, nem sempre todos podem contar com este apoio. Exemplo disso são as crianças institucionalizadas que, por vários motivos, estão afastadas do seu contexto familiar.

Em alguns casos, as instituições de acolhimento são os principais agentes de socialização destas crianças e transmissores de educação, competências e valores. Deste modo, é nosso propósito refletir sobre o papel das instituições na criação e promoção de hábitos de leitura.

Assim, convictos da importância que esta prática cultural pode representar para esta população, realizámos um estudo de caso que teve como objetivos principais aferir os hábitos de leitura das crianças acolhidas e implementar um projeto de promoção de leitura.

Este estudo foi realizado no Abrigo infantil da Nossa Senhora da Conceição e na Fundação Patronato de São Filipe, da Região Autónoma da Madeira e contou com a participação de doze crianças, em processo de promoção e proteção, com idades compreendidas entre os oito e os doze anos.

Tratando-se de uma abordagem qualitativa, recorremos à observação participante, a entrevistas e questionários como fontes de recolha de dados. A análise dos resultados obtidos permitiu-nos constatar que estas crianças possuem hábitos reduzidos de leitura. Verificámos, no entanto, que a participação em atividades de promoção da leitura infantil, torna as crianças mais motivadas para desenvolverem esta prática.

Palavras-chave: leitura, literatura infantil, hábitos de leitura, promoção da leitura, crianças e jovens em risco, instituições de acolhimento.

Abstract

Reading habits should be created and strengthened since early childhood. We believe that these habits remain significant for the intellectual, social, cultural and emotional development of all children and should be encouraged by several reading mediators, whether in school context or out of school context.

Besides school, family also has a key role in encouraging and fostering those habits. However, not everyone can always count on this support. Example of this are institutionalized children, who, for various reasons, are away from their family context.

In some cases, shelter institutions are the main agents of socialization of these children and they are also their educational, skills and values educators. Thus, is our purpose to reflect on the role of institutions in creating and promoting reading habits.

This way, we are convinced of the importance that this cultural practice can represent to this population, we conducted a case study that aims to assess their main reading habits and to implement a project to promote children's reading .

This study was conducted in the children shelter *Nossa Senhora da Conceição* and in the Foundation *Patronato de São Filipe* in the Autonomous Region of Madeira and it involved the participation of twelve children , in the process of promotion and protection, aged between eight and twelve years old.

Since this is a qualitative approach, we used participant observation, interviews, and questionnaires as a source of data collection. The results allowed us to conclude that these children have low reading habits. We found, however, that by applying activities that promote reading, makes children feel more motivated to develop this practice.

Keywords: reading, children's literature, reading habits, promoting reading, children and youth at risk, the shelter institutions.

Índice Geral

Introdução	1
Parte I: Fundamentação teórica	4
Capítulo 1: A importância da leitura.....	4
O ato de ler.....	4
Literacia	6
Compreensão e Aprendizagem em leitura	7
O prazer da leitura.....	9
Hábitos de leitura	11
A influência dos principais mediadores de leitura	14
Literatura para a Infância	17
Literatura para Infância de José Viale Moutinho	22
Capítulo 2: Promoção e dinamização da leitura	24
A leitura enquanto promotora e divulgadora de cultura	24
Promoção da leitura	26
A importância do gestor cultural na promoção da leitura	29
Animação da leitura	31
O animador cultural como elemento de intervenção.....	32
Capítulo 3: Destinatários e contexto de intervenção	33
Instituições de acolhimento para crianças em risco	33
Crianças e jovens em processo de promoção e proteção	36
Parte II: Estudo Empírico	40
Capítulo 4: Apresentação e objetivos do estudo	40
Capítulo 5: Metodologia	41
Amostra.....	42
Caracterização da População.....	44
Caracterização dos Participantes	46
Instrumentos.....	49
Entrevistas	49
Questionário	54
A observação participante	54

Procedimentos.....	55
Análise dos dados.....	55
Aplicação do projeto de promoção de leitura.....	57
Programa de atividades	58
Capítulo 6: Apresentação dos resultados	63
Entrevistas realizadas às responsáveis	63
Entrevistas realizadas às crianças	72
Projeto de promoção de leitura infantil.....	82
Capítulo 7: Discussão	105
Conclusão	113
Referências Bibliográficas	115
Anexos.....	121

Índice de Tabelas

Tabela 1: Identificação das responsáveis.....	48
Tabela 2: Identificação das crianças	48
Tabela 3: Contexto institucional.....	64
Tabela 4: Atividades culturais das crianças.....	66
Tabela 5: Perspetiva das responsáveis sobre os hábitos de leitura das crianças.....	68
Tabela 6: Apreciação do projeto de leitura.....	71
Tabela 7: Atividades culturais nos tempos livres	73
Tabela 8: Interesses e gostos culturais das crianças	75
Tabela 9: Hábitos de leitura das crianças	76
Tabela 10: Projeto de promoção de leitura.....	82

Índice de Figuras

Figura 1: Sala de Atividades.....	83
Figura 2: Ludoteca.....	83
Figura 3: Leitura em voz alta I.....	87
Figura 4: Leitura em voz alta II.....	87
Figura 5: Contar histórias I.....	89
Figura 6: Contar histórias II.....	89
Figura 7: Escrita criativa I.....	90
Figura 8: Escrita criativa II.....	90
Figura 9: Banda Desenhada I.....	92
Figura 10: Banda Desenhada II.....	92
Figura 11: Ilustração da BD.....	94
Figura 12: Descrição dos diálogos.....	94
Figura 13: Pintar a BD.....	95
Figura 14: Conclusão da BD.....	95
Figura 15: I Encontro Literário.....	97
Figura 16: Criar uma história.....	97
Figura 17: II Encontro literário.....	99
Figura 18: Leitura de histórias.....	99
Figura 19: Preparar as capas.....	99
Figura 20: Criar o livro.....	99
Figura 21: Dados biográficos.....	100
Figura 22: Ilustração da história.....	100
Figura 23: Sessão de autógrafos.....	101
Figura 24: III Encontro literário.....	101

Índice de Anexos

Anexo 1: Consentimento Informado	122
Anexo 2: Apresentação das Instituições	124
Anexo 3: Ocupação por género e faixa etária (2012).....	126
Anexo 4: Missão e objetivos das instituições.....	128
Anexo 5: Guião de entrevista às responsáveis.....	130
Anexo 6: Guião de Entrevista às crianças	132
Anexo 7: Questionário realizado às crianças.....	134
Anexo 8: Programas de atividades	135
Anexo 9: Planos das Sessões	137
Anexo 10: Transcrição das entrevistas gravadas	178
Anexo 11: Definição das categorias	203

Introdução

A leitura é fundamental e imprescindível para o nosso desenvolvimento individual e profissional e está intrínseca na nossa sociedade atual, da qual não conseguimos dispensar. No entanto, continua a ser um ato complexo de definir, dada a abrangência do seu significado. Deste modo, é nossa intenção refletir sobre a sua importância e verificar em que moldes é que esta se pode renovar, impor e dinamizar.

Acreditamos que os primeiros contactos com os livros e com a leitura literária, logo na infância, continuam a ser essenciais para alcançar o interesse e o prazer de ler. Por isso, torna-se crucial criar e fortalecer hábitos de leitura nas crianças, uma vez que estes continuam a ser significativos para o seu desenvolvimento intelectual, social, cultural e emocional e devem ser estimulados pelos vários mediadores de leitura, independentemente do contexto em que se inserem.

Para além da escola, a família deverá ser a principal mediadora no que diz respeito ao incentivo e fomentação destes hábitos. Contudo, nem sempre todos podem contar com o apoio da família. Exemplo disso são as crianças institucionalizadas que, por vários motivos, estão afastadas do seu contexto familiar e acabam por desenvolver dificuldades a vários níveis, nomeadamente relacionadas com problemas sociais, psicológicos, comportamentais e com o absentismo escolar. Em alguns casos, as instituições de acolhimento são os principais agentes de socialização destas crianças e transmissoras de educação, competências e valores. Neste sentido, consideramos interessante compreender o papel destas instituições na criação e promoção de hábitos de leitura.

Com esta investigação, subordinada ao tema “A leitura em instituições de acolhimento – Um projeto de promoção cultural para crianças”, pretende-se encontrar resposta para a seguinte questão: Quais são os hábitos de leitura das crianças residentes no Abrigo da Nossa Senhora da Conceição e na Fundação Patronato de São Filipe?

Tomando estas duas instituições como estudos de caso, contamos com a participação de doze crianças, em processo de promoção e proteção, com idades compreendidas entre os oito e os doze anos, junto de quem procurámos aferir hábitos de leitura. Foi nosso desígnio, posteriormente, o da implementação de um projeto de promoção da leitura, na plena convicção da sua importância como prática cultural.

Tendo em consideração os objetivos propostos para este estudo, pensamos que uma abordagem qualitativa seria a mais adequada para a nossa investigação. Através do recurso

a esta metodologia pretendemos compreender o contexto em que os participantes estão envolvidos e qual a influência que este contexto exerce sobre as suas ações.

Como estratégias mais significativas da investigação qualitativa, recorreremos à observação participante (através de notas de campo e registos fotográficos), a entrevistas e a questionários. Uma vez que pretendemos ser descritivos, sistemáticos e detalhados em relação a tudo o que vemos e observamos, constatamos que a observação participante seria a mais apropriada. Segundo Tuckman (2000) este dispositivo é o mais utilizado para a recolha de dados qualitativos.

A entrevista também é um instrumento fundamental para o nosso estudo, pois com os dados obtidos iremos aferir os hábitos de leitura da população em estudo, bem como verificar a viabilidade da implementação de um projeto de promoção de leitura. Neste contexto optamos por realizar entrevistas semi-diretivas às duas responsáveis das instituições em análise e a doze crianças que residem nestas instituições. Relativamente à análise dos dados das entrevistas iremos aplicar um processo de codificação, de acordo com Bardin (2008), onde pretendemos transformar o objetivo de estudo em categorias de análise, bem como classificá-las.

Não podemos deixar de referir os questionários que também constituem uma ferramenta de recolha de dados. Neste caso optamos pelo questionário de perguntas abertas, com a finalidade de apurar o interesse dos participantes em relação às atividades de leitura desenvolvidas.

No que diz respeito à organização do nosso trabalho, decidimos dividi-lo em duas partes. A primeira parte refere-se à fundamentação teórica e está constituída em três grandes capítulos. Relativamente ao primeiro capítulo consideramos fundamental contextualizar a importância da leitura e compreender os principais conceitos inerentes a esta. Neste âmbito, referimos alguns tópicos que remetem para o ato e o prazer de ler, para a compreensão e aprendizagem em leitura, para os hábitos de leitura e a influência dos principais mediadores. Também procuramos esclarecer alguns conceitos, tais como, literacia e literatura para a infância.

No segundo capítulo abordamos a temática da promoção e dinamização da leitura. Uma vez que um dos objetivos principais desta investigação é implementar atividades que fomentem a leitura infantil em instituições de acolhimento, entendemos que seria crucial referir alguns estudos sobre a planificação e programação de projetos de animação da leitura e demonstrar a utilidade que estes podem ter para as crianças. Neste capítulo

procuramos também destacar a importância da gestão cultural na promoção da leitura e o animador cultural enquanto elemento de intervenção.

É precisamente o contexto de intervenção e os seus destinatários que constituem o terceiro e último capítulo. Não queríamos concluir a fundamentação teórica sem antes contextualizar o papel das instituições que acolhem crianças e jovens em processo de promoção e proteção e compreender os principais motivos de acolhimento.

O estudo empírico refere-se à segunda parte da nossa investigação e é constituído por quatro capítulos. Deste modo, iniciamos o quarto capítulo com a apresentação do estudo e os seus objetivos gerais e específicos. De seguida prosseguimos com o quinto capítulo referente à Metodologia utilizada. Neste caso caracterizamos a amostra e demonstramos os instrumentos e procedimentos utilizados.

Concluimos a segunda parte da nossa investigação com os últimos dois capítulos alusivos à apresentação dos resultados que obtivemos através das entrevistas e da aplicação do projeto de promoção da leitura e à sua discussão.

A presente dissertação foi organizada de acordo com a norma APA (*American Psychological Association*), 6ª edição e foi escrita ao abrigo do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Levando em consideração todos os argumentos apresentados e os temas analisados iremos finalizar o nosso trabalho com algumas reflexões finais, bibliografia e anexos.

Parte I: Fundamentação teórica

Capítulo 1: A importância da leitura

O ato de ler

A leitura continua a ser indispensável para o nosso desenvolvimento individual e profissional e é uma prática constante no nosso quotidiano. No entanto, continua a ser um ato complexo de definir se considerarmos algumas “características pessoais dos leitores como as diferenças sociais e culturais associadas a estes” (Cruz, 2007, p.2) e as alterações tecnológicas ocorridas ao longo dos tempos, nomeadamente entre os meios de comunicação e informação.

Faria & Pericão (2008, p.715) definem leitura como:

“Ato ou efeito de ler e decifrar um texto escrito; aquilo que se lê, lição; processo de transformação de um sistema de signos escritos num sistema de significantes orais sonoros ou não (...); é um ato completo de comunicação; Técnica de descodificação de signos inscritos de acordo com um determinado código que pode ser usada para ocupação de tempos livres, lazer, trabalho, passatempo, etc.; prática cultural ligada aos suportes de transmissão da sua textualidade”.

Segundo Cruz (2011), a leitura é “um instrumento de aquisição de saber, uma forma de comunicar, de partilhar informações, sentimentos e valores” (p.15). Na sua opinião ela é agente e promotora do desenvolvimento humano e está presente em praticamente todas as nossas atividades, quer sejam profissionais, interpessoais, culturais ou mesmo de lazer.

Na perspetiva de Morais (1997, p. 108) estamos “a ler neste preciso momento”. Lemos quando consultamos uma lista telefónica, quando verificamos os preços de produtos numa loja ou mesmo quando percorremos a rúbrica da televisão, do cinema ou do jornal. Sacristán (2008) é da mesma opinião ao afirmar que a leitura infiltrou em tantos momentos da vida humana, quer seja “em casa, na escola, na biblioteca, na igreja, no autocarro, na cama (...), no ecrã do computador, no telemóvel, onde quer que se esteja” (p.98).

Silva (2008) também indica que “tudo pode e deve ser alvo de leitura” (p.63), através do intercâmbio de livros que se debatem em grupo, de filmes que se veem, de exposições que se visitam.

De acordo com Sim-Sim (2006) a leitura é um ato cognitivo, linguístico, social e afetivo e é através deste ato que podemos levar a criança a enriquecer-se pelo contato com outras vivências e com outros mundos.

Para além de ser uma competência essencial para um bom desempenho na vida escolar da criança, para a sua inserção social e para a sua vida profissional, também desenvolve as capacidades de compreensão e interpretação e permite-nos descobrir sentimentos desconhecidos “onde muitas vezes nos encontramos, nos reconhecemos, sentimos e imaginamos acordados ou nos nossos sonhos” (Duarte, 2001, p.46).

Existirão sempre variadas razões para ler. Ferreira & Pereira (2007) demonstram que “os proveitos da leitura são igualmente plurais e indispensáveis” (p.128). Para estes autores, lemos para compreendermos, refletir e estarmos informados, para conhecer e dominar a língua, para comunicar e partilhar, para interpretarmos e sentirmos emoções, para nos comovermos e sonharmos. Lemos também para conhecer o mundo, os outros e a nós próprios.

O ato de ler também proporciona ao leitor variadas possibilidades. Ouaknin (1994) considera que este permite a possibilidade de descobrir uma segurança material e económica, uma segurança emocional e espiritual, permite uma abertura a outras culturas e valores individuais e profissionais e ajuda a ultrapassar as dificuldades.

Ferreira & Pereira (2007) reconhecem que com a “evolução cultural e comunicacional” (p.119), se alteraram as formas e os hábitos de leitura, se inovaram os suportes de divulgação ou de comunicação e se afirmaram novos conceitos de leitura. No entanto, apesar das mudanças ocorridas, os autores afirmam que o texto e o livro continuarão a desempenhar um papel fundamental, uma vez que simbolizam a própria natureza e a vida humana.

Freire (1991) indica que a importância do ato de ler não se resume somente à descodificação da palavra e da linguagem escrita, ou seja, antes de aprendermos a “ler a palavra”, aprendemos a “ler o mundo” (p.9). De acordo com o referido autor o ato de “ler o mundo” é uma experiência vivida no momento em que ainda não se lê a palavra e depende do contexto em que cada pessoa está inserida. Refere ainda que esta experiência se sucede logo na primeira infância cujo contexto se relaciona com “o universo da linguagem dos mais velhos, expressando as suas crenças, os seus gostos, os seus receios, os seus valores” (p.10).

Como refere Sacristán (2008) a leitura é uma prática que “nos faz verdadeiramente humanos” (p.91). Segundo o autor, é ela que reflete e determina uma forma de adquirir e

de se relacionar com a experiência dos outros, uma vez que “a ação de ler é, por si mesma, um meio específico de socialização” (p.97).

A importância da leitura é indissociável da sociedade atual. Quase que podemos afirmar que é impossível vivermos sem este ato, como se ele fosse comparado com outros atos essenciais para o ser humano como comer, digerir, respirar (Morais, 1997, p. 13). Hoje é inaceitável separarmos-nos desta realidade, pois tudo tem uma leitura, tudo tem uma interpretação.

Literacia

O conceito de literacia também é complexo de definir, dada a sua abrangência. Na opinião de Furtado (2012), esta noção parece conhecer um alargamento de significado, ou seja, pode ser compreendida como a capacidade de ler e escrever, como aquisição de capacidades e competências, ou ainda como elementos de aprendizagem.

De acordo com o referido autor, este termo é muitas vezes entendido como relativo, variando de país para país. No entanto, refere que a literacia se distingue de alfabetização, uma vez que não tem só em conta o ato de ensinar e aprender a leitura, a escrita e o cálculo, mas também a capacidade de posicionar cada pessoa num processo contínuo de competências.

Em Portugal, em meados do século XX, era considerada apenas a questão da alfabetização. Atualmente, na chamada sociedade do conhecimento e da informação, Ribeiro & Viana (2009) indicam que o termo literacia é utilizado para salientar que “a competência leitora deve permitir a todos uma utilização plena de informação escrita” (p.156).

Faria & Pericão (2008) definem literacia como “neologismo de origem inglesa que exprime um conceito funcional de leitura, que inclui a mestria da compreensão e uso de todas as formas e tipos de material escrito, que são requeridos pela sociedade e usados pelo indivíduo na sua língua materna” (p.756).

Para uma avaliação das competências em literacia é fundamental utilizar instrumentos com diferentes tipos de tarefas. Benavente (1996, p.7) indica que essas tarefas passam pela “leitura e interpretação de textos em prosa” (nomeadamente artigos de jornais, revistas e livros); “identificação e uso de informação localizada em documentos” (como por exemplo impressos, quadros, gráficos e índices); “aplicação de operações

numéricas a informação contida em material impresso” (no caso de um horário, um livro de cheques ou um anúncio).

Como já referimos anteriormente, não devemos designar literacia apenas como a capacidade de ler e escrever, mas também como a capacidade “(...) para desenvolver o conhecimento e a compreensão e para assegurar a formação efetiva e integral da pessoa” (Azevedo & Sardinha, 2009, p. 1).

Furtado (2012) considera que o seu conceito deve ser entendido de forma dinâmica, uma vez que as competências de literacia não se adquirem para todo o sempre e estas podem regredir ou desenvolver-se. Segundo o autor, anteriormente recorriamos ao nível de escolaridade dos adultos para conhecermos os seus níveis de literacia. Hoje, é importante refletirmos sobre os níveis de literacia das pessoas, no seu quotidiano.

Na perspetiva de Benavente (1996), quando falamos em literacia devemos ter em consideração vários aspetos: não podemos considerar o perfil de literacia de uma população constante, nem este perfil deve ser compreendido somente pelos níveis de escolaridade formal atingidos; não devemos encarar a literacia como algo que se obtém num determinado momento e que é válido para todo o sempre; os níveis de literacia têm de ser vistos no quadro dos níveis de exigência das sociedades num determinado momento.

Compreensão e Aprendizagem em leitura

Ler não é apenas transformar os símbolos escritos em sons, mas é também compreendê-los. De acordo com Carvalho (2011, p.35), para compreender a leitura é preciso ter em conta três processos essenciais: o “processo ortográfico” (identidade das letras que compõem a palavra e as suas combinações); o “processo fonológico” (identidade dos fonemas das palavras, as suas combinações e organização silábica) e o “processo semântico” (conjunto dos conhecimentos conceptuais necessários à compreensão das palavras).

A compreensão em leitura depende “da experiência do leitor, do conhecimento que possui do assunto que está a ler, do conhecimento linguístico, da língua em que está a ler, da capacidade e da rapidez de descodificação” (Sim-Sim, 2006, p.42). Por isso a leitura é uma competência que requer uma aprendizagem formal e deverá ser adequada às várias etapas de desenvolvimento das crianças. Na perspetiva de Chall (1983), Frith (1985), Gough & Juel (1991) e Ehri (1996), “a natureza da leitura varia com o desenvolvimento e portanto os processos implicados na leitura diferem conforme a idade e o nível de leitura”

(Lopes *et al.*, 2004, p. 111). Os diferentes modelos apresentados pelos citados autores se diferenciam pelo número e características das fases que descrevem e também como conceptualizam a transição entre cada uma delas. Apresentamos, deste modo, as seis fases de desenvolvimento da leitura, segundo Chall (1983) que propõe seis estádios de evolução até à idade adulta:

O estágio 0, que pode acontecer antes de iniciar o ensino formal (crianças até aos três anos). É também considerado como o estágio da pré-leitura onde a criança adquire competências linguísticas orais e conhecimentos sobre o material impresso que, posteriormente irão firmar a aprendizagem da leitura;

O estágio 1 que corresponde à descoberta do princípio alfabético transitando para a prática de leituras de conteúdo e estrutura familiar e o estágio 2 que está associado ao segundo e terceiro anos de escolaridade e que está relacionado com o desenvolvimento da fluência na decodificação e com a descoberta de estratégias para extrair o significado dos textos;

O estágio 3 que surge entre o final do primeiro ciclo do ensino básico e o final do terceiro ciclo, onde decorre o aumento da competência leitora com diferentes tipos de textos e onde se desenvolve o vocabulário e estratégias de compreensão;

O estágio 4 que ocorre no secundário, onde aumentam as exigências cognitivas e linguísticas e onde os jovens possuem um sentido crítico sobre os textos lidos e o estágio 5 que sucede quando a leitura é considerada verdadeiramente construtiva, onde o leitor constrói e utiliza o seu próprio conhecimento.

Devemos ter sempre em consideração os vários estádios da leitura para que esta seja devidamente compreendida. No entanto, quando o problema reside na falta de compreensão é necessário reforçar várias competências. Para Lopes, *et al.* (2004) essas competências estão ligadas à “análise visual da palavra, seguida de uma identificação do vocábulo, e análise visual de frases simples, seguida de identificação dos diferentes termos que as compõem” (p.43).

Prole (2008) acredita que a principal razão de existirem muitas dificuldades de compreensão e aprendizagem é a ausência de hábitos de leitura. Na sua opinião, as crianças que têm o hábito de ouvir e contar histórias, desde a primeira infância, “conseguem alargar o seu vocabulário, desenvolvem um conhecimento da estrutura e da sequência narrativa, e estão mais motivadas para a difícil aprendizagem da decodificação do código escrito” (p.8). Acrescentamos que as dificuldades de aprendizagem em leitura também podem estar associadas aos baixos níveis económicos das famílias e a alguns fatores sociais e

ambientais. Lopes, *et al.* (2004) destacam alguns desses fatores, como por exemplo, a baixa frequência na interação com livros ou outros materiais impressos; baixo nível de interação entre pais e filhos em atividades de leitura conjunta; baixo número de materiais didáticos; maior distância entre ambiente linguístico familiar e pré-escolar.

Como indica Carvalho (2011), “não temos uma cultura de avaliação de aprendizagem, sendo muito mais frequente a atitude do “esperar para ver” acreditando-se que “com o tempo vai melhorar”” (p.16). Por isso grande parte dos alunos com insucesso escolar tem uma leitura pouco fluida e apresenta muitas dificuldades para descodificar e compreender a mensagem, comprometendo, assim, o seu percurso académico e profissional.

Deste modo, é importante criar atividades e estratégias quando verificamos as dificuldades de compreensão em leitura de uma criança. Lopes, *et al.* (2004, p.43) sugerem algumas delas: reconhecimento e leitura de cada signo; reconhecimento, por leitura e escrita, de sílabas diretas e inversas por ordem de dificuldade crescente; leitura de palavras em que faltam letras; leitura compreensiva das palavras; formação de palavras a partir de letras isoladas; leitura compreensiva silenciosa; cumprimento de ordens escritas; formação de frases; resumos orais e escritos.

Citando Prole (2008), o leitor também deve confrontar os seus sentimentos, conhecimentos e a sua experiência pessoal, com o que é expresso numa obra, pois só assim poderá compreendê-la. Na sua opinião, “é nesta interação que se dá o encontro do leitor com a narrativa, condição essencial para a compreensão” (p.9).

O prazer da leitura

Como pudemos constatar existem inúmeras razões para ler, como razões pessoais, profissionais, sociais, educativas, culturais, entre outras. Apesar de sabermos que a leitura faz parte do nosso quotidiano e que está subjacente nas mais diversas atividades diárias, questionamo-nos quais as razões que levam o leitor a alcançar o prazer de ler.

Morais (1997) elucida-nos em relação a esta questão, ao referir que “os prazeres da leitura são múltiplos” (p.12). Segundo o autor, lemos para saber, para compreender, para refletir, para partilhar. Também lemos para nos comovermos, para sonhar e até para nos esquecermos.

Pennac (1993) considera que “a toda a leitura preside, por mais inibida que seja, o prazer de ler” (p.41) e este não deverá rejeitar qualquer imagem nem qualquer meio de

comunicação e de informação. De acordo com o autor, por mais inibido que esteja o prazer de ler, é fácil encontrá-lo, “(...) basta não deixar passar vários anos. Basta esperar pelo cair da noite, abrir novamente a porta do seu quarto, sentarmo-nos à sua cabeceira e retomarmos a leitura comum” (p.54).

Quanto mais cedo o prazer da leitura for descoberto, melhor. Por isso, o citado autor sugere que uma das maneiras de iniciar ou descobrir este prazer é através do conto de histórias e da leitura em voz alta logo na primeira infância.

Ler bem “é um dos grandes prazeres que a solidão nos pode proporcionar, porque é o prazer mais regenerador” (Bloom, 2001, p. 15) e para além de proporcionar a capacidade de compreensão, interpretação, descodificação de signos, letras, palavras e frases, a leitura também deverá ser um ato de satisfação pessoal.

Para Morais (1997) ler é “alimentar-se, respirar. É também voar (...). O prazer da leitura é uma criação nossa” (p.272). Este prazer deverá ser da nossa responsabilidade, tal como a leitura em si. No entanto, só iremos alcançá-lo se desde cedo proporcionarmos aos mais novos o contacto com os livros e com as várias práticas da leitura.

Partilhamos da mesma opinião de Morais (1997) e Pennac (1996) ao afirmarem que contar e ouvir histórias, ou ler em voz alta para as crianças, poderá ser um caminho para o tão desejado prazer de ler.

Outros autores como Ribeiro & Viana (2009) também consideram que quem adquiriu o gosto de ler “teve livros ao alcance da mão, em casa, ou numa biblioteca próxima, (...) teve alguém que lhe contasse e/ou lesse histórias, alguém que desse voz ao livro” (p.121). Sendo assim, uma das preocupações principais dos adultos deverá ser a do desenvolvimento da linguagem oral, aliada à transmissão de valores coletivos. Deste modo, partilhar-se-á com os mais novos o prazer de ler e transmitir-se-lhes-á o gosto pela leitura.

Não podemos esquecer que um leitor é um indivíduo com sentimentos, desejos e gostos particulares e, como refere Pennac (1993), acima de tudo tem direitos:

“ (...) o direito de não ler; o direito de saltar páginas; o direito de não acabar um livro; o direito de reler; o direito de ler não importa o quê; o direito de amar os «heróis» dos romances; o direito de ler não importa onde; o direito de saltar de livro em livro; o direito de ler em voz alta; o direito de não se falar do que se leu” (Pennac, 1993, p. 139).

O citado autor acredita que os leitores deverão usufruir destes direitos, pois só assim irão ganhar o gosto e interesse pela leitura. Se adequarmos a leitura à idade, aos desejos, e aos direitos dos leitores então, possivelmente, estes conseguirão encontrar o verdadeiro prazer de ler.

Hábitos de leitura

Para compreendermos os hábitos de leitura de uma determinada sociedade, é importante esclarecer as características que constituem o contexto no qual estes hábitos se formam. No entanto, Freitas, Casanova & Alves (1997) referem que antes de analisarmos tais características é fundamental “delinear alguns dos traços mais identificadores” (p.23) dessa sociedade. No caso da sociedade portuguesa contemporânea, uma parte desses traços está relacionada com as alterações sociais que ocorreram em meados do século XX, principalmente a partir dos anos 60.

De acordo com os autores supracitados, as alterações sociais mais significativas surgiram com a implantação do regime democrático, sobretudo no campo socioprofissional, mais concretamente com a diminuição de trabalhadores na área da agricultura e da pesca e o aumento de diretores e quadros dirigentes e de profissionais intelectuais, científicos e técnicos, com a participação feminina na atividade profissional e com o crescimento na procura e frequência do sistema de ensino. Apesar da expansão económica, social e cultural registada ao longo destes anos, Freitas, Casanova & Alves (1997) afirmam que esta deve ser relativizada, uma vez que, na década de 90, Portugal apresentava baixos níveis de escolarização, aumento do analfabetismo funcional e elevada taxa de abandono escolar.

Ribeiro & Viana (2009) também consideram importante verificar o contexto histórico e social em que tais hábitos se inserem. Segundo os autores, o contexto continua a ser “o de um país onde os hábitos de leitura dos pais das nossas crianças e jovens são frágeis, onde ainda há muitos avós analfabetos, e onde as práticas culturais são escassas” (p.27).

Sim-Sim (2006) é da mesma opinião ao afirmar que os jovens deixam a escolaridade obrigatória a ler pouco e mal e “quando já são adultos consomem pouca leitura (...) educando as novas gerações sem interesse para a informação escrita” (p.8). Na sua opinião, para muitas das crianças que chegam ao primeiro ano de escolaridade, os hábitos de leitura dos adultos não fazem parte do seu quotidiano.

Como refere Cadório (2001) “há muito tempo que se fala no declínio do livro e da leitura” (p.12), no entanto afirma que o título de livros, revistas e jornais duplicam, bem como o número de bibliotecas é cada vez maior. Corroboramos da mesma opinião da autora ao afirmar que não é a leitura funcional que está a baixar mas sim o prazer gratuito da leitura.

Com o progresso tecnológico, particularmente nos meios de comunicação e informação, estes hábitos alteraram-se significativamente. Tal como Pennac (1993), reconhecemos que “a televisão, o consumismo universal e a invasão electrónica” (p. 9) são fortes transmissores de cultura que prejudicam os conhecimentos adquiridos através dos livros.

Quando falamos em hábitos de leitura é importante refletir sobre os vários tipos de textos e suportes acedidos pelo leitor. Deste modo, Ribeiro e Viana (2009) demonstram três tipos: a “leitura funcional” que “corresponde a necessidades de resposta às solicitações do quotidiano”; a “leitura informativa” que recai sobre “a necessidade de ter conhecimento actualizado sobre o país em que se vive” e que fazem com que se recorra a um jornal, a uma revista, à internet; a “leitura recreativa” que “vai da leitura fortemente expressiva à leitura literária” (pp.10-13).

Dos estudos com informação extensa e recente sobre os hábitos de leitura dos portugueses, destacamos os *Hábitos de Leitura: um inquérito à população portuguesa* (Freitas, Casanova, & Alves, 1997) e *A Leitura em Portugal* (Santos et al., 2007). O universo ao qual se referem estes estudos é constituído pelos portugueses residentes no continente que têm 15 ou mais anos que declaram saber ler e escrever.

Apesar de os inquéritos não abrangerem todas as faixas etárias (nomeadamente crianças e jovens com menos de 15 anos) nem todas as regiões de Portugal (como é o caso das regiões autónomas da Madeira e dos Açores), consideramos que nos dão uma perspetiva geral sobre os hábitos dos portugueses em relação à leitura.

Comparando os dois estudos acima referidos, Ribeiro & Viana (2009) constataram que em 2007 os portugueses liam mais que em 1997, dado que existiu “um significativo decréscimo dos não leitores (de 12% para 5%) e um crescimento das percentagens de leitores dos três suportes considerados (jornais, revistas e livros)” (p.10). Segundo estes autores, em 2007, o jornal era o suporte mais lido, seguido das revistas e, por último, o livro. Os referidos autores mencionam ainda que os dados destes estudos indicam que “o aumento dos hábitos de leitura não é acompanhado por melhoria no desempenho na compreensão do que é lido” (p.16). Deste modo, questionam que razões levam ao facto de lermos mais mas não lermos melhor.

Embora as últimas décadas apresentem enormes mudanças sociais e várias investigações e estudos no âmbito do ensino da leitura, as repercussões têm sido lentas e assistemáticas. No entanto, Ribeiro & Viana (2009) indicam que as respostas passam pela motivação da leitura e, para que exista motivação, a criança terá de “atribuir um sentido à

leitura, saber quais as suas funções e quais os seus objectivos e desenvolver um projecto pessoal de leitor” (p.17).

Atualmente existem novos estudos que também comprovam que na Europa, nomeadamente em Portugal, continuam a existir fracos hábitos de leitura.

Em 2012 um grupo de peritos de alto-nível lançou um relatório final (Literacy, 2012), no qual é feita uma avaliação aos hábitos de leitura e níveis de literacia da União Europeia. De acordo com este relatório, Androulla Vassiliou (a então Comissária Europeia da Educação, Cultura, Multilinguismo, Juventude e Desporto) refere que na UE, um em cada cinco jovens de 15 anos de idade continuam a ter competências leitorais escassas. A Comissária afirma que, atualmente, mais de 73 milhões de adultos têm baixas qualificações e, muitos deles, não adquiriram níveis de literacia suficientes, o que dificulta a sua vida pessoal, social e económica.

Para além de demonstrar os fracos hábitos de leitura na UE, o relatório procura encontrar estratégias e soluções para que os cidadãos possam alcançar melhores níveis de literacia e faz diversas recomendações de acordo com as diferentes faixas etárias, desde a primeira infância até à idade adulta. A motivação também é referida como uma das principais impulsionadoras para melhorar estes níveis e não deverá ser uma responsabilidade somente do sistema educativo, mas sim da sociedade em geral. Uma das diversas soluções apresentadas passa por fomentar a leitura em espaços não convencionais.

A motivação para ler e a aprendizagem da leitura começa antes do ensino formal, deste modo, Ribeiro & Viana (2009) referem que se a criança viver num ambiente em que a leitura e a escrita estão presentes nas atividades quotidianas dos pais então terá “mais oportunidades para levantar hipóteses sobre o funcionamento da língua escrita e de realizar aprendizagens (...)” (p.19). Estes autores acreditam que a importância da leitura na vida dos adultos que convivem com crianças irá influenciar o seu projeto de futuro leitor.

Outros investigadores, como Prole (2008) e Silva (2008), também são da opinião que é importante a criação de hábitos de leitura logo na primeira infância. Este é um processo que deve iniciar-se antes de a criança aprender a ler.

Citando Prole (2008), “é importante que os hábitos de leitura criem as suas raízes logo na primeira infância e este é um processo que se deve iniciar antes da aprendizagem formal da leitura” (p.2).

Silva (2008) também partilha da mesma opinião, ao referir que o hábito de ler não poderá ser imposto na adolescência, uma vez que “ele terá que possuir raízes vindas da infância o que a escola dará continuidade e a sociedade reforçará (...)” (p.59).

Para que sejam criados hábitos de leitura na infância é importante que exista uma forte motivação e incentivo por parte dos principais mediadores de leitura. Neste caso, é fundamental o papel da família, das escolas, das bibliotecas, e da sociedade em geral, na criação de hábitos de leitura.

A influência dos principais mediadores de leitura

Na perspectiva de Calixto (2010), são os pais, professores, bibliotecários e animadores que deverão transmitir o amor pela literatura, de modo a contagiar e propagar esta ligação. O autor refere que cabe aos “(...) mediadores, libertar os jovens do século XXI, do papel passivo a que os condena o jugo de alguns audiovisuais, com imagens estereotipadas, pouco ou nada facilitadoras da criatividade” (p.176).

Linuesa (2007) também considera que o estímulo à leitura “é um triângulo com três vértices: família, escola, biblioteca” (p.168). Estes se interrelacionam entre si e reforçam-se mutuamente.

Tal como Ferreira & Pereira (2007), acreditamos que a leitura deve ser desenvolvida através de planos de formação adequados e motivadores e, para estes autores, o fomento desta prática não deve ser tarefa de alguns (por exemplo dos professores de língua e de literatura portuguesa), mas “uma atividade que deve dizer respeito a todos” (p.120).

São os adultos que devem acompanhar, desde muito cedo, os mais novos, de forma a transformar a leitura numa rotina, sem qualquer sentido de obrigação. De acordo com Pennac (1993, p. 53):

“Ele continuará a ser um bom leitor se os adultos que o cercam alimentarem o seu entusiasmo em vez de tentarem provar a sua competência, se estimularem o desejo de aprender em lugar de lhe imporem a obrigação de recitar (...)”.

Um bom mediador de leitura, para além de estimular e motivar a criança para o prazer de ler, também deve possuir, segundo Calixto (2010), “conhecimentos aprofundados sobre a literatura para a infância, conhecimentos sobre as características pessoais (emotivas, afectivas, linguísticas e outras) e conhecimentos sobre as especificidades dos livros de literatura infantil” (p.177).

Partilhamos da mesma opinião de Prole (2008), ao afirmar que a família tem um papel fundamental e decisivo enquanto mediadora, “(...) dado que os pais como modelos afetivos mais significativos para as crianças, cujos comportamentos elas imitam, são

mediadores de importância acrescida” (p.2). O autor indica que é necessário que os pais e/ou os encarregados de educação se apercebam da relevância do livro e da leitura na formação das crianças, tornando esta prática numa realidade habitual em casa.

Na opinião de Calixto (2010) são os pais que podem, desde os primeiros dias de vida, “estimular a sensibilidade, a inteligência e a imaginação dos pequenos seres com as formas primeiras da literatura oral, as chamadas rimas infantis, e com narrações na música das palavras” (p.184).

Linuesa (2007, p.153, citado por Docampo, 2002) considera que a relação família-leitura apresenta três situações: a primeira é aquela na qual os pais são leitores; a segunda nos casos em que, ainda que os pais não leiam, valorizam a leitura e quem lê; em terceiro a família não coloca obstáculos a que os seus filhos leiam. A autora refere que é fundamental que a leitura seja partilhada entre pais e filhos. Como tal, especifica alguns exemplos que consideramos importante demonstrar (Linuesa, 2007, p. 157):

- Pais e filhos devem partilhar a leitura e criar um espaço de tempo todos os dias para desfrutarem juntos do prazer de ler. As crianças sentir-se-ão alvo de atenção, acompanhadas e valorizarão o ato de ler;
- Nos casos em que ainda não sabem ler, dar-se-lhes-ão a contemplar livros de imagens. Contar e ler contos à noite é uma das experiências mais desejadas e pedidas pelas crianças aos pais;

De facto, como afirma Calixto (2010), se os pais contarem ou lerem histórias em momentos importantes da vida como o adormecer, estas serão “absorvidas como esponjas pelos filhos, encantados com o calor da voz dos adultos e com a musicalidade dos textos (...)” (p.184). Na sua opinião, os pais deveriam ser bem aconselhados no que diz respeito aos livros de literatura para a infância. Deste modo, os filhos ficariam a conhecer o que de melhor se produz no mercado editorial.

Também as escolas e os professores deverão estimular e fomentar o interesse dos mais jovens pela leitura. Calixto (2010) refere que o professor ocupa um lugar privilegiado na implementação de estratégias de mediação. Tal como a família, “os professores necessitam de dispor de informação credível sobre o movimento editorial no respeitante a livros para crianças e jovens e no tocante aos estudos e ensaios sobre esta matéria” (p.183).

Contudo, para fomentar e incutir nos mais novos o gosto de ler, não bastará à escola e aos professores terem competências e conhecimentos sobre as práticas da leitura.

Como indica Linuesa (2007), à semelhança do que acontece com a família, “oferecer modelos é uma das técnicas mais eficazes de fazer leitores” (p.142). Neste

contexto, consideramos que os professores devem também transmitir o gosto pela leitura e pela escrita em geral.

A citada autora destaca alguns aspetos cruciais para fomentar o gosto pela leitura em contexto escolar, tais como: o da valorização da leitura como um assunto importante, divertido e aprazível; a criação de um clima que favoreça a relação com a literatura, com o livro; a existência de uma biblioteca de aula, bem dotada e organizada; a consagração de um espaço para leitura livre no horário escolar mostrará que a escola valoriza a leitura. Ouvir a opinião dos alunos, e fomentar entre eles a troca de comentários sobre o que leem; relacionar a leitura com outras possibilidades expressivas, como a banda desenhada (Linuesa, 2007, pp. 148-150).

Embora existam muitas sugestões para a mediação da leitura em contexto escolar, é importante que a leitura seja fomentada através de projetos partilhados entre os vários mediadores de leitura. Deverá existir uma inter-relação entre as escolas, as bibliotecas e as famílias.

As bibliotecas também são mediadoras de igual relevância para a fomentação e criação de hábitos de leitura. Silva (2008) refere que “a elas caberá um papel fulcral facilitando aos jovens o acesso ao conhecimento de que carecem e que, em certas situações apenas elas disponibilizam” (p.60).

Em primeiro lugar, destacamos o papel da biblioteca escolar que, de acordo com Linuesa (2007) é um espaço essencial para trabalhar de um modo mais ativo na escola, onde o aluno, orientado pelos professores “(...) deverá aprender, procurar informação e integrá-la no conhecimento escolar de forma produtiva” (p.169).

Em segundo lugar, referimos a biblioteca pública que, na perspetiva de Ferreira & Pereira (2007) é “a maior iniciativa de natureza política, implementada nos anos 90, pela secretaria de estado da cultura, com mais de 160 bibliotecas municipais (...) sob a alçada da Direção Geral do livro e das bibliotecas (DGLB)” (p. 121). Resultam de protocolos e contratos-programa entre o governo central e as respetivas autarquias.

Na opinião de Ferreira & Pereira (2007) as bibliotecas públicas são consideradas como “espaços culturais polivalentes” (p. 121), adaptados aos novos tempos, com instalações e equipamentos adequados e direcionados para o fomentar a leitura, a educação artística e cultural. De acordo com os referidos autores, elas promovem não só o acesso gratuito a bens e serviços culturais, mas também desenvolvem “uma série de atividades de dinamização do livro e da cultura: lançamentos de livros, actividades de animação, exposições, feiras do livro, concursos, (...)” (p. 122).

Também Linuesa (2007) refere que estas instituições são lugares de cultura, de encontro, de estudo, de lazer e um meio de ocupar o nosso tempo livre. Acrescenta ainda que estas devem ser reconhecidas como “lugares onde se fomenta o gosto pela leitura” (p.169) e devem estar em constante atualização, no que diz respeito aos fundos bibliográficos, às revistas, e às novas tecnologias.

Como podemos constatar, os mediadores de leitura, tais como a família, a escola e as bibliotecas públicas ou escolares, deverão ser os primeiros a acreditar na importância que a leitura tem para a formação dos mais novos e devem, sobretudo, gostar ou estimular o gosto de ler através das várias práticas de leitura. São eles que deverão aproximar as crianças dos livros com o intuito de criar hábitos e motivá-las para a leitura.

Literatura para a Infância

Tal como Prole (2008), acreditamos que a leitura literária é um instrumento fundamental na mediação e criação de hábitos de leitura e é uma forma privilegiada para estimular a interação entre o leitor e o texto. É por meio desta interação que a criança desenvolve os seus sentimentos e emoções e descobre um mundo repleto de fantasia e imaginação. Através dos vários géneros literários a criança poderá encontrar e alcançar o prazer de ler.

Antes de definirmos literatura para a infância consideramos que é fundamental compreendermos o conceito de literatura que, segundo Calixto (2010, p.176):

“(...) ela comporta muito de viagem pelo que tem de mergulho num outro, que é o autor, pelo que tem de descoberta de um eu, que é o leitor, pelo que tem de diálogo entre essas vozes distintas (...), às quais acresce, com frequência, um olhar outro, que é o do ilustrador”.

Para Menezes (1993, p. 10) a literatura “está carregada de sentidos diversos”. Se considerarmos a sua definição num sentido mais lato, a literatura é tudo o que se escreve e tudo o que é impresso. O “Dicionário do livro” também demonstra a abrangência do seu significado referindo que a literatura é:

“Conhecimento das Belas-Letras; segundo Fernando Pessoa é a arte que vive primordialmente dos sentidos indirectos da palavra, daquilo que a palavra contém, não do que simplesmente diz; conjunto de produções literárias de um país, de uma região ou de uma época; arte de fazer composições literárias (...); no seu sentido mais lato, nome dado às mensagens escritas e impressas sob forma de texto” (Faria & Pericão 2008, p.756).

Na perspectiva de Eco (2003), a literatura é uma arte que nos convida à liberdade de interpretação “porque nos propõem um discurso a partir dos inúmeros planos de leitura e nos colocam perante as ambiguidades da linguagem e da vida, de uma forma única e mágica” (p.12). O citado autor considera que a capacidade de interpretar e compreender pode surgir a partir da leitura de obras literárias.

No que diz respeito à literatura infantil ou aos textos literários para a infância, Azevedo (2010, p.47) indica que estes são “o reflexo das nossas sociedades interculturais”, uma vez que abordam questões como a identidade, a etnia, a cultura e a língua e, segundo Gomes (2007) são eles que irão proporcionar aos mais novos “a possibilidade de se tornarem em seres humanos mais livres, cultos, solidários e críticos” (p.5).

Faria & Pericão (2008, p.758) definem literatura infantil como um “conjunto de obras que foram concebidas para crianças”. Contudo, existem muitas dúvidas e opiniões que divergem relativamente a este conceito.

Ao recuarmos na história da literatura infantil em Portugal, Pires (1981) questiona se “as obras para crianças constituem um ramo da literatura em geral ou, se devido às suas origens e evolução, se têm de considerar totalmente à parte” (p.21). Na sua opinião, “este tipo de literatura” tem uma evolução cronológica que surge com a idade média. Deste modo, a autora destaca a influência da “literatura de cordel” e dos “temas de viagem” que inspiraram muitos livros infantis, bem como “os romances de cavalaria”, “as cartilhas, catecismos, exemplários e fábulas” (p.22).

Uma análise mais recente sobre esta definição, Araújo (2008, p.7) diz que “(...) não se pode, talvez, considerar que haja uma literatura infantil”. O autor corrobora que a literatura infantil não é, necessariamente, a que se escreve para crianças, mas sim a que é lida pelas crianças. Considera ainda que são as crianças que decidem o que é a literatura infantil, pois existem livros que não são destinados aos mais novos e, no entanto, eles gostam de lê-los. O autor fala, neste caso, de uma literatura de receção infantil.

De facto, as crianças constituem o destinatário preferencial da literatura para a infância e são elas que, em última instância, irão decidir o que gostam de ler. Contudo, Azevedo (2010) refere que “elas não possuem autonomia e a iniciativa factual para selecionarem e decidirem aquilo que querem ler” (p.11). Neste contexto, destaca a importância do papel do mediador na interação do texto com o seu leitor preferencial.

A produção e diversidade de livros para o público infantil é cada vez maior e, como afirmam Viana, Martins e Coquet (2002), grande parte dessa produção não pode se inserir

na literatura, uma vez que, frequentemente, o livro é substituído pelo material audiovisual, de mais fácil consumo. Na sua opinião, quando se trata do livro “(...) a fatia preferida é a dos sucedâneos dos vídeos, em edições importadas e pessimamente traduzidas, com ilustrações confrangedoras e de enorme mau-gosto” (p. 119).

O estudo realizado pelos autores supracitados está fortemente ligado à crítica literária e procura responder a questões elementares, tais como: o que leem as nossas crianças hoje; o que é que as livrarias lhes destinam; que livros têm à sua disposição em casa; quais são os critérios de seleção dos textos destinados aos mais jovens e quem são os responsáveis por esta seleção. Sobre este ponto de vista, mencionam que os professores, animadores, bibliotecários e livreiros devem possuir instrumentos de referência que contribuam para a formação da criança.

É fundamental que exista uma seleção criteriosa e uma análise do que realmente deve fazer parte da literatura para a infância, “daí a importância da crítica realizada por pessoas com formação nas várias áreas do saber, desde a Psicologia à Linguística, passando pela Literatura e pela Arte” (Viana, Martins, & Coquet, 2002, p. 122).

Logo, no que diz respeito à seleção e análise de obras para crianças, devemos considerar a necessidade de adequar textos e ilustrações às várias fases de desenvolvimento dos mais novos.

Na opinião de Calixto (2010), as pessoas que se interessam pelos assuntos de literatura deverão ter conhecimento dos nomes de vulto que constituem o panorama da literatura para a infância mundial. De acordo com o autor, destacamos alguns desses nomes:

“Lygia Bojunga e Ana Maria Machado, do Brasil; Christine Nostlinger, da Áustria; Katherine Paterson ou Virgínia Hamilton, dos Estados Unidos; René Guillot, da França; e, de Portugal, Alice Vieira, António Torrado, Luísa Dacosta, Luísa Ducla Soares, António Mota, Álvaro Magalhães, Manuel António Pina e Matilde Rosa Araújo. No que diz respeito à ilustração (...) Kveta Pacovská, da República Checa; Maurice Sendak, dos Estados Unidos, Mitsumasa Anno, do Japão; Lisbeth Zwerger, da Holanda; Wolf Erlbruch, da Alemanha; Alain Corbel, Teresa Lima, Gémeo Luís e tantos outros do panorama nacional” (Calixto, 2010, p.178).

Os livros para a infância e juventude não se restringem somente ao campo da literatura, por isso Gomes (2007) indica que ao selecionarmos estes livros devemos ter em consideração a diversidade de gostos e interesses que caracterizam o “universo multifacetado dos seus utilizadores” (p.5). Na sua opinião, é preciso ter em conta que estes utilizadores, mormente crianças e jovens, têm diferentes idades e sexos, diferentes

experiências linguísticas, cognitivas, sociais e culturais e em fases diferenciadas do desenvolvimento das competências de leitura.

Calixto (2010, p.179) também reitera que é crucial falar sobre “os livros de literatura, sobre as imagens nos livros de literatura, partilhar o gosto por eles, expô-lo e dividi-lo com aqueles que queremos captar para a leitura literária”. Refere ainda que é fundamental selecionar um conjunto de livros de acordo com os interesses dos destinatários.

Gomes (2007, pp. 6-7) destaca alguns géneros literários, no campo da ficção que, na sua opinião, influenciaram e influenciam a literatura destinada à infância e juventude. Menciona, em primeiro lugar, a literatura tradicional e a transmissão oral (contos populares, rimas infantis, romances tradicionais, provérbios, etc.) e os contos tradicionais provenientes da literatura popular oral que deram forma à escrita literária. Neste contexto, o referido autor indica alguns escritores internacionais tais como, Charles Perrault (França, séc. XVII), os irmãos Grimm (Alemanha, séc. XIX) e os portugueses Ana de Castro Osório, António Torrado e Alice Vieira (séc. XX).

As obras de ficção narrativa, relativamente extensas (que surgiram no início do séc. XX) também têm as crianças como destinatárias preferenciais. Gomes (2007, p.6) dá como exemplo *Alice no País das Maravilhas* de Lewis Carroll, *As aventuras de Tom Sawyer* de Mark Twain, *As aventuras de Pinóquio* de Collodi, *Peter Pan* de James M. Barrie, *O Romance da Raposa* de Aquilino Ribeiro, entre outros. Provenientes deste género literário, surgem as narrativas juvenis, como é o caso das séries inglesas *Os Cinco* e o *Clube dos Sete* de Enid Blyton e as coleções nacionais *Uma Aventura...* de Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada, *Triângulo Jota*, de Álvaro Magalhães e outras obras de João Aguiar e Alexandre Honrado.

Gomes (2007) também faz referência aos contos ilustrados para crianças, destacando importantes escritores da segunda metade do séc. XX, entre eles, Sophia de Mello Breyner Andresen, Matilde Rosa Araújo, Luísa Dacosta, José Jorge Letria, Álvaro Magalhães, António Mota, entre outros. De igual importância são os ilustradores desses contos que se distinguem no panorama nacional, tais como, Manuela Bacelar, André Letria, Gémeo Luís e Marta Torrão. O citado autor salienta ainda outros géneros como a literatura dramática, destinada à representação teatral, a poesia e a banda desenhada, bem como outras obras de grande importância na formação de leitores, como por exemplo os livros de plástico, de pano ou cartão para bebés, os livros informativos e as enciclopédias, atlas e dicionários.

Também consideramos importante referir alguns estudos que contribuíram para o conhecimento da literatura infantil na Região Autónoma da Madeira (RAM). Neste âmbito importa destacar o livro *Literatura Infanto-Juvenil*, de Silva (2001), onde a autora faz uma retrospectiva sobre alguns escritores madeirenses e os seus livros, destinados ao público infanto-juvenil, que foram surgindo ao longo do século XX.

Silva (2001) indica que a década de 70 ficou marcada pelo “aparecimento do jornal infantil *A Canoa*, criado e orientado por Maria do Carmo Rodrigues” (p.35). Por sua vez este jornal veio revelar alguns autores que escreveram poesia para crianças, entre os quais surgem o professor Marques da Silva, Luísa Clode, Irene Lucília de Andrade, Manuela Velosa e Maria da Conceição Caldeira. A citada autora também menciona algumas obras de escritores da década de 80, com maior destaque para João da Silva e Irene Salomão e para a poesia de Bernardette Falcão e Maria do Carmo Rodrigues.

Recentemente surgiram novos estudos insulares sobre a literatura de receção infantil e juvenil, da autoria de Leonor Martins Coelho, dos quais destacamos *A literatura de receção infantil de Francisco Fernandes: Propostas de Fruição, Escritas de Formação* e *A Literatura de Receção Infanto-Juvenil na Madeira: Percursos e Discursos*.

O primeiro estudo referido centra-se na análise de catorze obras infantis da autoria do escritor madeirense Francisco Fernandes e tem como intuito “demonstrar que os seus livros reúnem elementos necessários quer à educação cívica do jovem leitor (...) quer à construção da sua vida afectiva e relacional” (Coelho, 2011, p. 43). Na opinião de Coelho (2011), os livros de Francisco Fernandes promovem “uma pedagogia de pluralidade, apoiando o processo de inclusão cultural e escolar” (p.44) e realçam o carácter educativo que a literatura comporta.

O segundo estudo tem como principal objetivo realizar uma perspetiva histórica sobre a literatura de receção infanto-juvenil na Madeira, desenvolvendo uma abordagem crítica da sua evolução e dos seus conteúdos. Numa entrevista concedida ao *Diário de Notícias* da Madeira, Leonor Martins Coelho refere a importância desta análise, uma vez que “nos últimos anos tem-se verificado uma ampla oferta de textos e de livros para a infância de autores oriundos do campo literário regional” (Rocha, 2011, p. 34).

De acordo com Rocha (2001), este estudo procura dar maior ênfase a várias temáticas, entre as quais destaca a representação da infância na literatura de ambientação madeirense, os artefactos literários para a infância (ilustradores e ilustrações), as narrativas direccionadas para o público mais jovem, nomeadamente as de Maria do Carmo Rodrigues, Ana Teresa Pereira, Francisco Fernandes, António Fournier e Maria Aurora. Nesta análise,

também são tidas em conta as várias iniciativas literárias desenvolvidas na RAM, como por exemplo as feiras do livro, os festivais e os concursos literários, o baú de leitura e outros espaços infanto-juvenis das bibliotecas da região.

Literatura para Infância de José Viale Moutinho

“(…) A história parece que, cada vez me absorve mais, em termos de testemunho e de base para a ficção, da Guerra Civil de Espanha aos campos de concentração. Depois, por um bando de pardais que se renova, escrevo para a miudagem (…)” (Moutinho, 2013).

Assim apresenta José Viale Moutinho o seu percurso literário, assumindo-se como um contínuo apaixonado pela vida, “atraído pelos muitos rostos de um universo plural” (Moutinho, 2013). Acreditamos que esta paixão leva o escritor a aventurar-se na literatura pelos mais variados géneros: ensaio, poesia e ficção, incluindo a literatura para a infância e juventude.

Tal como Rocha (2001, p. 25), consideramos que Viale Moutinho é “um autor eclético, com uma obra jornalística e literária à qual imprimiu uma personalidade e um estilo muito próprios”. Os estudos etnográficos e antropológicos da nossa história e de outros países, como por exemplo, as raízes populares portuguesas, a guerra civil de Espanha e os campos de concentração, são alguns dos temas abordados pelo escritor e que sempre lhes suscitaram muito interesse.

Embora tenha nascido no Funchal, em 1945, é no Porto que o escritor desenvolveu a maior parte da sua vida profissional e literária. Para além de exercer a sua profissão de jornalista no *Jornal de Notícias* (1966-1975) e no *Diário de Notícias* de Lisboa (1975-2003), também possui uma vasta obra no campo da poesia e da ficção e por diversas vezes viu o seu trabalho ser reconhecido com a atribuição de vários prémios, entre os quais destacamos “O Grande Prémio do Conto Camilo Castelo Branco”, “Pedrón de Honra”, “Prémio Edmundo de Bettencourt”, “Prémio Nacional de Reportagem Norberto Lopes”, “Prémio Literário Orlando Gonçalves”, entre outros.

Também investigou outros escritores do século XIX “realizando um grande trabalho de recuperação de textos inéditos de Camilo Castelo Branco, de Trindade Coelho, de António Nobre ou de Joaquim de Araújo” (Rocha, 2001, p.25).

De acordo com Correia (2001), *Aquém e Além Montes*, *As mãos cheias de terra*, *A Última navegação de Cadamosto* e *Os sapatos do defunto* são algumas das peças jornalísticas que contribuíram para a vasta obra do escritor. O citado autor refere ainda

outras obras literárias de referência de José Viale Moutinho, tais como *Piano Bar* (1986), *Máscaras* (1987), *Retrato de braços cruzados* (1989), *Auto-retrato parecido com fantasmas* (1993), *Diário de Ansberg* (1996), *O amoroso* (1997), *Areias onde gregos se perdem* (1998), *Los Moros* (2000).

De igual importância são os seus contos, como por exemplo: *Cenas da vida de um Minotauro* (2002); *Já os galos pretos cantam* (2003); *Destruição de um jardim romântico* (2008); *Velhos deuses empalhados* (2010) e *Camilo Castelo Branco e o garfo* (2013).

A residir atualmente na Madeira, José Viale Moutinho também demonstra o seu profundo interesse pela literatura tradicional e oral madeirense, como é o caso dos livros *Saudades da ilha: evocações poéticas da Ilha da Madeira* (2002), *A ilha do ogre* (2003) *Histórias da Deserta Grande* (2006), *Contos populares das ilhas da Madeira e do Porto Santo* (2011); *Lendas das Ilhas da Madeira e Porto Santo* (2011).

José Viale Moutinho é ainda autor de mais de meia centena de livros para a infância e juventude, muitos dos quais integram a lista das obras recomendadas pelo Plano Nacional de Leitura (PNL) e pela Casa da Leitura, tais como *O livrinho das adivinhas*, *O livrinho das lengalengas*, *Pedro Pescador*, *O menino gordo*, *O livrinho dos contos do Alto Douro*”, *365 histórias: Tradições Populares Portuguesas*, *O rapaz de pedra*, *Os dois fradinhos*, entre outros.

Para além de continuar a dedicar grande parte do seu tempo à escrita e à investigação de obras literárias de outros ilustres autores nacionais, o escritor é regularmente convidado para encontros literários, pelas mais diversas entidades, nomeadamente escolares. Muitos dos seus livros infantis e juvenis fazem parte dos conteúdos programáticos de várias escolas e bibliotecas escolares e estão inseridos em iniciativas promovidas pela Secretaria Regional da Educação (SRE), como por exemplo o Plano Regional de Leitura e o projeto Baú de Leitura ou ainda pela Biblioteca Pública Regional da Madeira.

De facto, José Viale Moutinho é um poeta, ficcionista e ensaísta cujas obras literárias continuam a espelhar aspetos sociais e históricos da cultura tradicional portuguesa, recorrendo a uma realidade quotidiana e a memórias ficcionadas do seu passado. São também algumas destas características que encontramos nas obras infantis do escritor e que despertaram, desde logo, a nossa curiosidade e interesse.

O escritor não só possui uma vasta obra destinada ao público infanto-juvenil, como também é um notável contador de histórias, cujos contos infantis estão repletos de fantasia e de imaginação, aliados a momentos reais do quotidiano e a vivências passadas da sua

infância. *Os dois fradinhos* e *Será que sou neto da bruxa?* são dois exemplos de obras infantis que para além de refletirem algumas experiências da infância e juventude do escritor, também remetem para um universo ficcional, para a magia dos sonhos e para o imaginário. Na nossa opinião, são dois livros que procuram transmitir valores e tradições, aliados a uma linguagem muito clara, com expressões muito alegres e humorísticas. Consideramos que os seus livros reúnem características essenciais para estimular a curiosidade e criatividade dos mais novos e para incentivar o seu interesse e gosto pela leitura e pelo conto de histórias.

Capítulo 2: Promoção e dinamização da leitura

A leitura enquanto promotora e divulgadora de cultura

“Se a cultura nos constitui em seres humanos e nos insere criativamente numa tradição, se uma parte essencial da mesma é a que se encontra depositada para ser interpretada constantemente em codificações escritas, as leituras que fazemos são os materiais da nossa própria construção como animais culturais” (Sacristán, 2000, p.96).

Leitura e Cultura são dois termos complexos que podem ter diversas perspetivas, dependendo do contexto em que estão inseridos. No entanto, importa aqui referir a leitura e/ou leitura literária enquanto prática cultural e compreender a importância que estas representam para a nossa sociedade.

Segundo Cuche (1999) “o homem é essencialmente um ser de cultura” (p.23) e esta permite-lhe “não só adaptar-se ao meio, mas também adaptar este a si próprio, às suas necessidades e aos seus projectos (...)” (p.24). Na perspetiva do autor, a cultura tem o poder de transformar a natureza humana.

Nunes (2012) também considera que a cultura é sinónimo de afirmação da natureza de um povo e das suas gentes e é também “um conjunto de práticas que constroem identidade, conhecimento, criatividade, significados e valores” (p.45). Deste modo, consideramos que a leitura faz parte desse conjunto de práticas, pois como refere Sacristán (2008), ela “é uma prática que reflete e determina uma forma de adquirir e de se relacionar com a experiência dos outros” (p.91).

De acordo com o autor acima mencionado, “a fonte mais potente, desenvolvida da cultura reside no mundo escrito” e a “leitura é a tarefa pedagógica fundamental para penetrar nesse mundo codificado” (Sacristán, 2000, p. 96). Neste sentido, o autor considera

que a escola é o principal sistema difusor e criador de cultura nos sujeitos, com capacidades para transmitir tradições, conteúdos e habilidades e é também o principal meio para ampliar os saberes. Para Sacristán (2000) o que constitui o depósito dessa cultura transformadora, num contexto educativo, são “os elevados resultados da música, da literatura, da arte e dos conteúdos das mais diversas disciplinas científicas e humanas” (p.23).

Contudo, o ideal cultural baseado na leitura vai muito além das instituições escolares. Sacristán (2008) acredita que a leitura deve ser considerada como “um bem digno de ser entendido a todos os indivíduos” (p.89), tanto através das escolas como por outros meios e deve ser compreendida como uma condição do progresso humano em geral.

Hoje em dia verificamos que continua a existir uma grande preocupação por parte das instituições públicas e particulares em fomentar a cultura através da literatura e, regularmente são desenvolvidas iniciativas que proporcionam um maior acesso aos livros e à leitura, quer em contexto escolar ou para a comunidade em geral.

No caso particular do arquipélago da Madeira, constatamos que existem diversas iniciativas culturais que visam promover a leitura, a um público diversificado. Podemos mencionar algumas delas, tais como: a publicação de livros que refletem o panorama cultural madeirense, como por exemplo, o livro *E depois? Sobre a cultura na Madeira*. Este livro proporcionou diversos debates sobre o estado da produção cultural madeirense, que reuniu diferentes perspetivas de vários intervenientes das mais diversas áreas culturais, como a “literatura (ficção, poesia, crónica de viagens e literatura para a infância e juventude), edição (histórica, literária, didática), preservação do património e gestão e produção culturais (...)” (Moniz, Pimentel, & Santos, 2005, p. 193).

Outra iniciativa que tem vindo a conquistar o público madeirense, pela sua componente cultural, é o *Festival Literário da Madeira (FLM)*, que tem como entidade responsável pela sua organização, a editora Nova Delphi. Em 2013 a editora organizou a III edição do FLM, onde promoveu diversas atividades culturais associadas à literatura.

Nesse mesmo ano surge também um projeto intitulado *Ler com amor*, organizado pela Companhia *Contigo Teatro*, em parceria com a Direção Regional da Educação (DRE), onde decorreram diversos encontros literários de leitura em voz alta. Apesar de ser um projeto em contexto de sala de aula, com a finalidade de melhorar as competências leitoras dos alunos, consideramos que é enriquecedor, uma vez que alia a literatura a outras práticas culturais (expressão dramática, plástica e musical, etc.) e, consecutivamente, aproxima-a a outros públicos.

De igual importância cultural é a *Feira do Livro da Madeira* que, no ano de 2013 desenvolveu a 38ª edição e fez parte do programa da *Festa da Cultura do Funchal*, organizado pela Câmara Municipal do Funchal. As feiras proporcionam não só o contacto direto com os livros, autores e editoras, mas também organizam encontros literários com escritores nacionais e regionais, apresentação de livros, sessões de autógrafos, conferências e outras atividades culturais destinadas à comunidade em geral.

Estes são alguns exemplos que demonstram que a leitura e as práticas em que se realiza continuam a ser os principais transmissores de conhecimento, tradição, valores, identidade e criatividade. Deste modo, acreditamos que um dos principais meios de promoção e divulgação da cultura é a leitura.

Promoção da leitura

Promover a leitura é fomentar o gosto e o interesse pelos livros. É também a importância de dinamizar atividades que despertem a vontade de ler e criar novas oportunidades de contato com os livros. Por isso é fundamental encontrar meios e estratégias para a sua dinamização e motivação.

Segundo Prole (2008), a promoção da leitura assenta em três pilares: “hábitos de leitura, competência leitora e leitura literária” (p.2) e estes determinam toda a sua arquitetura: “público-alvo, tipologia e metodologia”. De acordo com o referido autor, os projetos de promoção de leitura devem ter como público-alvo preferencial as crianças e jovens até aos quinze anos e, independentemente do contexto em que os projetos se inserem (escolas ou bibliotecas públicas), a participação da família é fundamental e esta deverá ser a primeira a incentivar o gosto pela leitura.

Na opinião de Azevedo (2007) a promoção da leitura não deverá acontecer somente em espaços convencionais, como a escola e as bibliotecas mas também em todos os outros lugares nos quais “a presença comunitária possa ativamente contribuir para um aumento de literacia dos membros de uma sociedade” (152). Deste modo, o citado autor sugere alguns exemplos de espaços não convencionais onde a leitura deverá ser promovida, tais como: “(...) cafés, restaurantes, lares de terceira idade, centros de saúde, hospitais (...), museus, igrejas, consultórios médicos, centros comerciais, aeroportos (...)”. O autor também acrescenta que o fomento da leitura também deve ser incluído nos programas de recuperação de toxicodependentes, de apoio às famílias carenciadas e dos ATL” (Azevedo, 2007 pp. 152-153).

Contudo, a promoção e dinamização do livro torna-se mais complexa tendo em conta o progresso tecnológico, particularmente nos meios de comunicação de massa, com a forte influência dos audiovisuais e, mais recentemente, com as redes sociais. Neste sentido, devemos estabelecer objetivos e encontrar estratégias para despertar o interesse por novos temas e adequá-las à atualidade e à evolução das novas tecnologias. Na opinião de Azevedo (2007) as estratégias terão que ser feitas “pelo jogo, pela sedução, pela reconstituição de ambientes de prazer e de fruição” (p.152), de forma a transformar a leitura numa atividade agradável, interessante e intelectualmente estimulante.

De acordo com Linuesa (2007, p. 136) apresentamos algumas propostas fundamentais para o fomento da leitura, como por exemplo: valorizar e incentivar o papel da família na narração de contos; destacar o papel do contador de contos. Viver os contos, falar deles, desenhá-los, representá-los, reescrevê-los; fomentar a difusão da literatura infantil e juvenil através dos meios de comunicação; preparar o professorado para transmitir o gosto pela leitura; alargar o âmbito da leitura para além da escola; avaliar com rigor as atividades de estímulo à leitura e encorajar escritores a fazer boa literatura infantil.

Na perspetiva de Carvalho (2011), “a promoção da leitura, enriquecida e com mais oportunidades é um dever de todos nós, educadores em geral” (p.17), por isso consideramos que ela só será eficaz quanto mais apoio e colaboração existir entre os diferentes agentes educativos e culturais.

Atualmente, podemos constatar as diversas iniciativas que surgem no âmbito da promoção da leitura, com a principal preocupação de fomentar, motivar e criar hábitos de leitura na população portuguesa. Exemplo disso é a implementação do *Plano Nacional de Leitura* (PNL) que, segundo Ferreira & Pereira (2007), está centrado na promoção ativa da leitura em Portugal, de modo a elevar os índices de literacia da população, nomeadamente nos mais jovens. Através de múltiplas ações, o PNL visa “o desenvolvimento de competência nos domínios da leitura e da escrita, bem como a correspondente criação de salutar hábitos de leitura – nas escolas, nas bibliotecas, em família, em todo o lado” (Ferreira & Pereira, 2007, p. 122).

Destacamos também a Fundação Calouste Gulbenkian com o projeto *Casa da Leitura*¹ que “oferece não apenas a recensão de mais de 1400 títulos de literatura para a infância e juventude (...) como desenvolve temas, biografias e bibliografias”. Procura

¹ O projeto *Casa da Leitura* visa “promover a leitura junto de crianças, jovens e adultos, professores, bibliotecários e pais. Tem como objetivo capacitar os mediadores de leitura com ferramentas teóricas e práticas suscetíveis de construir uma rede nacional de verdadeiros promotores de leitura”. Obtido em 05 de Março de 2013, de www.gulbenkian.pt.

também “responder a dúvidas mais comuns sugerindo um conjunto de práticas destinadas às famílias e aos mediadores”². Por sua vez a *Casa da Leitura* desenvolveu um projeto inovador, adaptado às novas tecnologias, intitulado *Cata livros* que tem “por objetivo usar a Internet para aproximar jovens leitores de um conjunto de títulos essenciais da literatura para infância e juventude, com destaque para a produção nacional (...)”³.

Outra iniciativa de referência no panorama nacional é o projeto *Voluntários de Leitura*, criado em 2012 pelo CITI – Universidade Nova de Lisboa, em parceria com a AVL – Associação para o Voluntariado de leitura, cuja missão é “potenciar o desenvolvimento de uma rede nacional de voluntariado na área da promoção da leitura”⁴. A iniciativa conta com a participação de vários voluntários que disponibilizam o seu tempo para promover o prazer de ler, desenvolvendo estratégias e dinâmicas de leitura em diferentes espaços, dos quais destacamos, as escolas, as bibliotecas escolares e públicas, as associações e as fundações, os centros de saúde e os hospitais e os centros de acolhimento.

Em termos regionais, consideramos importante referir dois projetos tutelados pela Secretaria Regional da Educação e Recursos Humanos – Direção Regional da Educação (DRE)⁵: o *Plano Regional de Leitura* (PRL) que visa promover a prática da leitura reforçando a cooperação e a conjugação de esforços entre a escola, a família, as bibliotecas e outras organizações sociais e o projeto *Baú de Leitura*, cujo objetivo principal é promover hábitos de leitura e escrita, junto dos alunos de todos os níveis de ensino. O *Baú de Leitura* procura desenvolver atividades de natureza lúdica, nomeadamente em contexto escolar, tais como “tertúlias literárias, atividades de escrita criativa, investigação temática, dramatizações, gincanas, concursos, visitas de estudo, intercâmbios culturais, atividades de expressão artística e plástica, visionamento de filmes, audição de histórias, encontro com escritores e comemorações de efemérides”⁶.

Tal como Linuesa (2007) consideramos que o papel mediador na promoção da leitura é atribuído essencialmente a três instituições: família, escola e bibliotecas. No entanto, também é fundamental “valorizar o papel que o Estado desempenha nas políticas de fomento à leitura e na colaboração com outras instituições” (p. 137) e com outros agentes culturais. As iniciativas acima mencionadas são alguns exemplos de promoção da leitura cujos programas passam não só por criar hábitos de leitura mas também por despertar o interesse e o prazer de ler.

² Obtido em 05 de Março de 2013, de www.casdaleitura.org.

³ Idem.

⁴ Obtido em 10 de Fevereiro de 2013, de www.voluntariosdaleitura.org.

⁵ Obtido em 5 de Março de 2013, de http://www02.madeira-edu.pt/dre/projetos_dre.

⁶ Obtido em 5 de Março de 2013, de <http://projectos.madeira-edu.pt>.

A importância do gestor cultural na promoção da leitura

“O gestor cultural posiciona-se, assim, como mediador entre o processo criativo, a participação e o consumo cultural, tornando viáveis projetos culturais, sejam eles de índole mais estrutural, sejam eles de índole mais criativa”. (Alves 2012, p.123)

Na sequência das principais intervenções para a dinamização e promoção da leitura, consideramos importante refletir sobre a importância do gestor cultural e o seu papel num contexto desta natureza.

De acordo com Alves (2012), foi a partir da década de 70, do século XX, que o investimento público nas artes e na cultura cresceu de uma forma acelerada, como resultado da evolução das sociedades, a nível cultural, social e económico. Contudo, a citada autora refere que, em Portugal, este fenómeno só começou a verificar-se na década de 90, “muito graças à criação do Ministério da Cultura e à entrada de fundos comunitários para a cultura” (p.113). Reitera ainda que é sobretudo nesta década que emerge a gestão cultural e as primeiras profissões associadas ao setor cultural.

Atualmente a gestão cultural está direcionada para a “administração dos recursos culturais de uma determinada área geográfica, cidade, município ou região, de instituições públicas ou privadas, tendo funções mediadoras e operativas” (AGECAL , 2013) e, segundo Miranda (2012, p.46), organiza-se em três grandes grupos: o Setor Cultural (nas áreas do património histórico e cultural, artes performativas e artes visuais), as Indústrias Culturais (ligadas à música, edição, *software* educativo e de lazer, cinema e vídeo, rádio e televisão) e as Atividades Culturais e Criativas.

Sampaio (2012, p. 177) corrobora que, num contexto de gestão cultural, é fundamental desenvolver e aplicar uma política cultural “integrada e colaborativa, com objetivos claros, suportada em boas práticas culturais”, relacionadas com as instituições políticas e culturais, com o *marketing* e comunicação em cultura, com a gestão de recursos humanos e com a função legislativa no setor cultural.

Na perspetiva de Cunha (2002), gestão cultural significa gerir serviços que se materializam em programas e atividades desenvolvidas a partir de um plano de ação e de um plano de políticas culturais públicas, privadas e de organizações não-governamentais. Também significa participar em todas as etapas do desenvolvimento das atividades culturais, relativamente à sua criação, produção, distribuição e difusão cultural.

Os gestores culturais, os programadores, os produtores, os especialistas em marketing cultural e os animadores culturais são, segundo Alves (2012), os principais

profissionais do sector cultural. Neste contexto, a autora realça a importância dos gestores culturais, afirmando que lhes compete não só desenvolver “uma melhor utilização e rentabilização dos conceitos de recursos humanos, técnicos e financeiros de uma estrutura cultural” (p.115) como também uma orientação interna do trabalho com vista a facilitar a sua concretização, inserindo-o numa estratégia social, territorial e comercial. Alves (2012) acrescenta que o gestor cultural deverá possuir o seguinte perfil: evidenciar competências comunicacionais; ter capacidade e sensibilidade para perceber o outro; fomentar a escuta ativa e a abertura intelectual; ter competências ao nível da gestão da mudança (pessoal e organizacional) e da criatividade, para se adaptar, para ajustar as equipas de trabalho e para fazer com que a ação aconteça. Acima de tudo deverá ser um profissional “facilitador e mediador, promovendo e gerindo ação” (Alves, 2012, p.125), tornando viáveis projetos culturais.

Hoje, o gestor cultural tem uma participação mais ativa não só no sentido de disponibilizar e promover os bens culturais, mas também no sentido de dinamizá-los. Por isso acreditamos que o seu papel é fundamental na promoção e implementação de projetos que promovam as várias práticas culturais.

Barros & Júnior (2011) consideram que toda a ação no campo da cultura pode e deve ser precedida de um plano que culmine com a realização de um projeto. Na opinião dos autores, o plano de ação deve ser o ponto de partida de qualquer projeto cultural e deverá possuir a seguinte estrutura: “o que é o projeto; porque foi pensado e proposto; quem o desenvolverá; como será realizado; quanto custará; como e porquê participar do projeto; como seus resultados serão avaliados e como será divulgado” (p.139).

No âmbito dos projetos culturais, está incluído o projeto de promoção da leitura que, segundo Alves *et al.* (2007), é um projeto “que pressupõe a existência de uma estrutura central e específica de coordenação” e “corresponde ao desenvolvimento de programas, através de ações concretas” (p.11).

Os projetos de promoção de leitura, como qualquer outro projeto cultural, envolvem meios humanos que interagem para alcançarem objetivos comuns e pressupõem o empenho, o envolvimento e a responsabilidade de muitos profissionais. Assim, consideramos que também é fundamental a intervenção do gestor cultural, num contexto de promoção da leitura e realização de projetos culturais.

Animação da leitura

Consideramos que a animação deverá ser uma das estratégias de promoção da leitura com o objetivo de motivar as crianças para o interesse e o prazer de ler. Segundo Cruz (2007) esta é uma modalidade da animação cultural “que recorre a atividades artístico-culturais a fim de desenvolver a expressão, a criatividade e a formação cultural dos seus destinatários” (p.16). A citada autora afirma que são as técnicas de animação que difundem o conteúdo dos livros, provocam a imaginação e despertam o interesse pela leitura.

No entanto, não devemos confundir a animação da leitura com a dos tempos livres. De acordo com Calixto (2010) estas áreas são distintas, embora a animação da leitura possa encontrar espaço nos momentos de lazer da criança.

Segundo Prole (2008) existem dois princípios que determinam as condições prévias de animação da leitura: “a formação de leitores competentes, autónomos, capazes de avaliar criticamente o que é lido e construir hipóteses interpretativas” e a “interação entre o texto e o leitor” (p.6). Na sua opinião estas são condições fundamentais para o desenvolvimento da compreensão leitora.

Contudo, a animação do livro e da leitura também devem reunir alguns elementos importantes, tais como: “uma programação; definição de objetivos; adequação de estratégias em torno do livro e da leitura; estratégias com um tempo de realização; adequação da obra ao destinatário; parcerias institucionais e a existência de um animador com perfil (Cruz, 2007, p. 97).

Existem várias estratégias e dinâmicas para as designadas atividades de animação de leitura. Tal como Calixto (2010), acreditamos que elas são muitas vezes utilizadas para incentivar o surgimento de novos leitores e também servem para “(...) levar o mundo dos livros a quem pelos próprios meios dificilmente lhes poderá aceder” (p.150).

De acordo com Duarte (2001, p.47), um projeto de animação da leitura deverá possuir as seguintes estratégias: organização de uma pequena biblioteca em espaços não convencionais; Levantamento de assuntos que interessam aos alunos, pesquisa de livros, vídeos ou, sobre os temas preferidos; Empréstimo de livros; Concursos entre instituições; Rádio escola – entrevistas, publicidade, revista da escola; Semana da leitura; Leiturómetro: cronometrar o tempo da leitura; Adaptação de um livro: peça de teatro, folhetim radiofónico; BD, filme, marionetas, etc.; Leitura/fotografia; Rallypaper/Pedipaper da leitura; Leitura recreativa e Jogos de palavras através da leitura de um texto;

A seleção dos livros também deverá ser um fator de extrema importância para um projeto de leitura. Como refere Prole (2008), a seleção de obras literárias é uma questão importante na interação leitor/texto. O autor acrescenta ainda que esta interação só será possível verificando alguns requisitos ligados à receção leitora, tais como: “adequação das estórias às expectativas, interesses e motivações das crianças; adequação do texto ao desenvolvimento cognitivo e à maturação leitora da criança; qualidade literária das obras” (p. 7).

Atualmente é possível constatar o imenso espólio de histórias animadas que têm como intuito promover a animação da leitura infantil. De acordo com Cruz (2007, p. 61), consideramos importante sugerir algumas delas, como por exemplo: *O Soldado João* (Luísa Ducla Soares); *A pequena galinha vermelha* (Sara Cone Bryan); *A menina de porcelana e o general de ferro* (Ester de Lemos); *Doroteia, a centopeia* (Ana Maria Machado); *O capuchinho vermelho* (Irmãos Grimm); *Joaninha à janela e outras histórias* (António Torrado); *A menina do mar* (Sophia de Mello Breyner); *A ilha dos pássaros doidos* (Clara Pinto Correia); *O galo, o gato e o ratinho* (Fábula de La Fontaine); *Branca de Neve e os sete anões* (Irmãos Grimm); *A raposa e a cegonha* (Fábula de la Fontaine); *As naus de verde pinho* (Manuel Alegre) *A cor das vogais* (Virgílio Alberto Vieira); *Donzela Guerreira* (António Torrado);

De facto, hoje deparamo-nos com uma grande diversidade de histórias destinadas ao público infantil. No entanto, consideramos que não existirá animação da leitura se não existir uma boa seleção dos livros e se não adequarmos esses livros à faixa etária das crianças, aos seus interesses e gostos.

O animador cultural como elemento de intervenção

Num contexto de animação da leitura é importante refletir sobre os principais elementos de intervenção. Segundo Cruz (2007), estes elementos podem ser caracterizados de acordo com os seguintes termos: “professor; educador; animador; mediador; estratega; intermediário; mestre; bibliotecário” (p.23).

Para Nina (2008) “a difusão da literatura infantil, bem como o fomento da leitura, contam com o apoio e a pressuposta cumplicidade dos mediadores” (p.129). A autora destaca a família e a escola como principais elementos de mediação da leitura. Para além destes, refere ainda o animador cultural, cuja função é dinamizar um conjunto de atividades junto de um grupo de crianças. Alves (2012, p. 111) também corrobora que o

animador cultural é o mediador “entre os produtos culturais e os públicos, facilitando uma aproximação e compreensão entre ambos”.

De acordo com Calixto (2010), a profissão de animador cultural é relativamente recente. No entanto, afirma que os animadores têm vindo a conquistar um espaço relevante no desenvolvimento de várias atividades de mediação da leitura. Na opinião do autor, a formação generalista do animador “exige um investimento em pós-graduações ou em cursos especializados que lhes proporcionem um domínio de saberes indispensáveis às boas práticas”, desde a leitura literária, às noções básicas de biblioteconomia” (Calixto, 2010, p. 184).

Também Cruz (2007) considera que a criança necessita de um animador que a eduque para a leitura, servindo de ligação entre esta e o livro ajudando-a a descobrir o valor da literatura e acompanhando-a até alcançar a sua autonomia como leitora. A autora acredita que o animador “puede ser qualquer persona que se prepare para ello, que tenga un base cultural que le permita valorar la lectura y actuar a favor de la educacion y el progreso lector del niño” (Cruz, 2007, p. 23, citado por Sarto, 1998). Deste modo, é importante que o animador pense, em primeiro lugar, nas crianças que quer educar na leitura.

Para que uma atividade de animação de leitura seja bem sucedida, o animador tem que reunir algumas características, tais como: “ter o poder de favorecer a participação individual e do grupo, otimizar recursos, valorizar a leitura, ser conhecedor de livros e do público com que trabalha (...)” (Cruz, 2007, p.30).

Tal como Cruz (2007), concordamos que o animador tem que gostar de livros e da leitura e saber transmitir esse gosto. Também dever ter poder de comunicação, saber relacionar-se com as crianças e ter boa dicção.

Capítulo 3: Destinatários e contexto de intervenção

Instituições de acolhimento para crianças em risco

Antes de clarificarmos o conceito de acolhimento institucional para crianças em risco, importa referir, de um modo geral, o conceito de instituição.

Goffman (1968), define instituição como:

“1) Os organismos que acolhem pessoas inofensivas, mas incapazes de garantir as suas próprias necessidades (lares para idosos, órfãos, indigentes; 2)

estabelecimentos que recebem pessoas também não autônomas, mas potencialmente perigosas para a comunidade (sanatórios e hospitais psiquiátricos); 3) instituições destinadas a proteger a comunidade de pessoas rotuladas como intencionalmente ameaçadoras (prisões, penitenciárias, campos de concentração); 4) instituições vocacionadas para a realização de uma missão (casernas, navios, internatos); 5) estabelecimentos de retiro do mundo, normalmente de teor religioso (abadias, mosteiros e conventos)” (Maia, 2002, p.207).

O conceito de institucionalização, expresso pelo desenvolvimento de lares ou internato, também é definido por Goffman (1968) como um “(...) local de residências e trabalho onde um determinado número de indivíduos em situação semelhante separados da sociedade mais ampla por considerável período de tempo, levam uma vida fechada e formalmente administrada” (Lisboa, 2005, p.49).

De acordo com Gomes (2010, p. 46):

“As instituições de acolhimento podem ser públicas ou cooperativas, sociais ou privadas (...), funcionando em regime aberto – os pais podem visitar a criança, de acordo com horário e regras de funcionamento da instituição, salvo decisão judicial em contrário (art.º 53 da LPCJP). Nos termos do artigo 50.º da LPCJP, o acolhimento em instituição pode ser de curta duração ou prolongado”.

Este tipo de acolhimento procura proteger as crianças e jovens que se encontram em situação de risco e/ou perigo e que, segundo Gomes (2010), pretende-se que seja uma situação temporária. Neste sentido, a autora indica que o Sistema Nacional de Acolhimento para crianças e jovens em perigo apresenta várias respostas sociais, como por exemplo (Gomes, 2010, p. 86):

- Centro de Acolhimento temporário (CAT): Destinada ao acolhimento urgente e temporário de crianças e jovens em perigo, de duração inferior a seis meses, com base na aplicação de medida de promoção e proteção;
- Lar de Infância e Juventude (LIJ): Destinado a crianças e jovens em situação de perigo, de duração superior a seis meses, com base na aplicação de medida de promoção e proteção.
- Apartamento de autonomização (apartamento inserido na comunidade local: Destinada a apoiar a transição para a vida adulta de jovens que possuem competências pessoais específicas.
- Lar residencial: Destinada a alojar jovens adultos com deficiência, que se encontrem impedidos temporária ou definitivamente de residir no seu meio familiar.

- Centro de apoio à vida: Vocacionada para o apoio e acompanhamento de mulheres grávidas ou puérperas com filhos recém-nascidos, que se encontram em risco emocional ou social.
- Lar de apoio: Destinada a acolher crianças e jovens com necessidades educativas especiais.

Independentemente das várias respostas sociais, Gomes (2010) acrescenta que o acolhimento institucional tem de se reestruturar de acordo com as necessidades de desenvolvimento apresentadas por cada criança, “proporcionando-lhes um desenvolvimento integral e integrado” (p.153). De acordo com a citada autora, este género de sistema é essencial para uma criança ou jovem que dele careça em determinada altura da sua vida se “for transitório e terapêutico e se tiver a qualidade necessária e estiver aberto à avaliação, à supervisão e ao acompanhamento quer da criança acolhida quer da família” (p.154).

Na perspetiva de Lisboa (2005) é fundamental que as instituições de acolhimento estabeleçam uma ligação e apoio entre a família e a criança/jovem, fazendo com que esta interação assegure o suporte afectivo a todos os seus internos e garanta “a efectiva desinstitucionalização da criança logo que possível e com maiores probabilidades de êxito” (p.44).

Quando as crianças ou jovens necessitam de ser acolhidos é importante ter em conta alguns princípios, tais como:

“Promover a integração social; preparar para a autonomia; dar apoio às famílias; garantir segurança e protecção; proporcionar um projecto de vida; respeitar os direitos da criança e da família; satisfazer as necessidades básicas da criança; garantir escolaridade ou alternativa educativa; assegurar cuidados de saúde (...)” (Gomes, 2010, p. 113).

Na opinião de Delgado (2007) a instituição de acolhimento deve “procurar transmitir hábitos de conduta e o afecto de que estas crianças são tão carenciadas” (p.92) e não deverá exigir que se adaptem a regulamentos rígidos e autoritários.

Anteriormente, as instituições eram vistas como residências de acolhimento que se preocupavam, essencialmente, “com as necessidades de cuidados básicos onde as principais funções eram a de dar teto e comida” (Gomes, 2010, p.32). Contudo, hoje em dia existe uma nova preocupação em relação aos direitos das crianças e jovens, principalmente no que diz respeito à sua promoção e protecção, sendo fundamental encontrar as melhores respostas para as necessidades específicas das crianças,

nomeadamente educativas, sociais e culturais. Deverão, também, ser-lhes proporcionados “protecção, confiança, segurança e estabilidade (...) e projectos desafiadores para as suas capacidades e características” (Gomes, 2010, p. 33).

Relativamente ao acolhimento institucional em Portugal, Gomes (2010) refere que este é caracterizado por instituições de grandes dimensões com capacidades para receber em média quarenta crianças. No entanto reitera que o “tempo médio de permanência em lares de infância e juventude está estimado em quatro anos” (p. 89), uma vez que o acolhimento deve ser tendencialmente temporário.

A citada autora indica ainda que atualmente existe uma necessidade de qualificação por parte dos técnicos que trabalham nas instituições, de forma a responder, eficazmente, às necessidades das crianças e jovens acolhidos. Na sua opinião, são estes técnicos que irão estimular as suas competências e capacidades, promovendo oportunidades para que os residentes participem, na comunidade, em “atividades de lazer que incentivem a sua integração na mesma, estimulando as suas competências sociais e, conseqüentemente, a sua independência e autonomia” (p.317).

Tal como Gomes (2010), consideramos que as instituições de acolhimento devem privilegiar atividades desportivas, artísticas, culturais, recreativas e ligadas à natureza e, para isso, é preciso ter em conta os gostos e interesses das crianças. A autora considera que é importante promover a sua participação e envolvimento, uma vez que isso lhes permite o desenvolvimento de competências sociais que podem não só melhorar a sua autoestima e autonomia, bem como proporcionar “sensações de expansão da mente, crescimento pessoal, excitação, desafio e alívio do tédio” (Coutinho, 2001, p. 36).

A participação e o envolvimento das crianças ou jovens em atividades de lazer comunitário irão permitir a construção de redes sociais e culturais que têm como principal intuito apoiar estas instituições, as quais, por sua vez, terão em conta as diferentes respostas do sistema de promoção e protecção, deverão integrar as crianças e jovens “nas estruturas da comunidade, nomeadamente escolas, centros de saúde, escuteiros..., tal como outra qualquer criança ou jovem da sua idade” (Gomes 2010, p. 88).

Crianças e jovens em processo de promoção e protecção

A criança quando se encontra em processo de promoção e protecção significa que a instituição de acolhimento já encontrou um meio de intervenção e diagnóstico para a sua vida que, até à data se encontrava em situação de perigo e/ou risco.

Por isso, para compreendermos a situação da criança acolhida é essencial definir o conceito de criança em situação de perigo e/ou risco. Gomes (2010) dá-nos a conhecer este conceito através da definição legal da Lei de Proteção das Crianças e Jovens em Perigo (art.º 3.º, n.º2 da LPCJP). Assim, a criança/jovem está em situação de perigo:

“Quando está abandonada, ou vive entregue a si própria; quando sofre maus-tratos físicos e psíquicos, ou é vítima de abusos sexuais; quando não recebe os cuidados ou o afecto adequados à sua idade e situação pessoal; quando é obrigada a actividades ou trabalhos excessivos, ou inadequados à sua idade, dignidade e situação pessoal, ou prejudiciais à sua formação ou personalidade; quando está sujeita a comportamentos que afectem gravemente a sua segurança ou equilíbrio emocional; quando assume comportamentos, ou se entrega a actividades e consumos que afectem gravemente a sua saúde, segurança, formação e educação, (...)” (Gomes, 2010, p. 39).

Constatamos também que, de acordo com a designação de criança e jovem em perigo e/ou risco, se encontram grupos muito diversos, como por exemplo: “indivíduos em risco de abandono escolar, prostituição, abuso de drogas, comportamentos sexuais de risco, maternidade e paternidade na adolescência, delinquência juvenil e comportamentos violentos, risco de distúrbio de personalidade, distúrbios depressivos, risco de violência na família, risco de exclusão social (...)” (Silva & al, 2004, p. 13). Também Alves (2007) refere que as situações que podem colocar a criança em perigo são a negligência, abandono, abuso físico e psicológico.

Segundo Santos (2010), a pobreza e a falta de recursos económicos das famílias constituem dois dos principais fatores que estão relacionados com os diversos motivos sociofamiliares que caracterizam o panorama das crianças e jovens acolhidos em instituições. Os fatores referidos desenvolvem, consecutivamente, alguns padrões comportamentais problemáticos, tais como “(...) bloqueio básico ao seu desenvolvimento psicológico, dificuldades de relacionamento interpessoal, sentimentos depressivos, níveis elevados de ansiedade e agressividade destrutiva, dificuldades de aprendizagem e insucesso escolar, instabilidade emocional e frágil autoestima” (Lisboa, 2005, p. 16). De um modo geral, estas crianças têm dificuldades de se desenvolver emocionalmente com medo do abandono e também porque “os grupos se alteram com o recolhimento nas instituições, apresentam deficit intelectual ou motor, e são emocionalmente instáveis” (Coutinho, 2001, p. 36).

Gomes (2010) afirma que, nos últimos anos, o perfil das crianças e jovens acolhidos em contexto residencial, tem variado consideravelmente e, atualmente chegam às instituições crianças e jovens “com distúrbios graves da personalidade, exibindo

comportamentos disruptivos, que causam situações de grande conflitualidade” (p.291). No entanto, indica que as instituições estão cada vez mais especializadas, tendo pessoal qualificado para intervir, de forma adequada, em cada uma das situações.

O momento de acolhimento é, na maior parte das vezes, muito complexo e difícil. Segundo Gomes (2010, P. 154) este é:

“ (...) um momento de ruptura, em que as crianças e os jovens perdem as pessoas a quem estavam vinculados, perdem a sua comunidade, o seu contexto familiar, o que os leva com frequência a apresentarem grande revolta. Têm tendência para negarem a situação. Muitas vezes culpabilizam-se por ela, ou culpabilizam os técnicos e os educadores, do estabelecimento onde foram integrados, de toda a situação que estão a vivenciar”.

Quando a criança chega à instituição é fundamental realizar uma análise de diagnóstico, envolvendo a colaboração de todos os parceiros, de forma a preparar, em tempo útil, a definição de um projeto de vida para a criança. Neste sentido, o projeto de vida é uma das funções mais importantes numa instituição, uma vez que “procura encontrar a melhor solução para o futuro das crianças e jovens em causa, nomeadamente: regresso à família, processo de adoção, autonomia de vida” (Gomes, 2010, p. 155).

Relativamente ao contexto educativo das crianças em acolhimento residencial, Coutinho (2001) refere que uma grande parte apresenta necessidades educativas especiais. Na opinião do autor, a comunicação com a criança nem sempre é uma tarefa fácil, pois “exige uma sensibilidade especial por parte dos adultos que estão com ela e de uma preparação específica de determinadas técnicas” (p.38). Neste sentido, Delgado (2007) refere que o acolhimento residencial deve proporcionar um bom ambiente educacional, “capaz de satisfazer as necessidades educativas da criança e o desenvolvimento de competências e capacidades indispensáveis para a vida adulta” (p.78). O citado autor também acrescenta que muitas destas crianças apresentam insucessos e fracassos escolares acima da média. Na sua perspetiva, estes maus resultados estão relacionados com as dificuldades da sua vida pessoal e familiar (experiências passadas de trauma, abuso e negligência), com a retirada da sua casa e os desafios que essa mudança coloca, com a adaptação a um novo espaço e, muitas vezes, a uma nova escola.

É também importante que a escola encontre mecanismos preventivos de atuação em relação a este tipo de problemas. Segundo Lisboa (2005, p.37), “tudo se complica se, da parte da escola e dos professores, o aluno não obtiver nenhum tipo de encorajamento, compreensão e ajuda”.

Na opinião de Delgado (2007) o fraco desempenho destas crianças pode estar associado ao seu contexto de vida, à escola e às respostas que oferece e ao contexto de acolhimento. Deste modo, para que o seu desempenho melhore e o resultado final seja positivo é importante que exista uma combinação entre todas elas.

Para Coutinho (2001), devemos estar atentos às diferenças de ritmos entre as crianças e compreender as suas diferentes culturas “(...) aceitando as suas vivências que não são necessariamente as mais conhecidas da escola, admitindo a sua linguagem, as suas expressões, estimulando a sua capacidade de comunicação e valorizando-a” (p.72). O citado autor considera essencial construir projetos de atuação cultural, com particular atenção para a vivificação das culturas locais. Na sua opinião, a escola, as instituições de acolhimento, a família e a comunidade em geral irão cumprir a sua missão dinamizadora se realizarem este tipo de projetos.

Consideramos que a realização de projetos culturais irá contribuir para melhorar “as dificuldades em termos de aprendizagens sociais (conhecimentos adquiridos, cultural ou socialmente)” ou em termos de desenvolvimento” (Esteves, 2011, p.25) e irá permitir que as crianças descubram “aptidões, capacidades ou interesses pessoais que possam servir ou de estímulo para as aprendizagens ou mesmo de vocações profissionais” (p.26).

De facto, existem diversos fatores que contribuem para o sucesso educacional nas situações de acolhimento. Delgado (2007) enumera alguns, tais como: “aprender a ler cedo e fluentemente; ter acesso a livros; ter um acolhedor que valoriza a educação; desenvolver interesses e hobbies fora da escola; desenvolver uma relação com um adulto de referência que encoraja e apoia o estudo e frequentar a escola regularmente” (p.79). O autor também acrescenta que para melhorar a qualidade do contexto educacional, é fundamental que as crianças acolhidas possam realizar trabalhos de casa e *hobbies*, ter hábitos de leitura e aceder a bibliotecas, a clubes, a jogos educativos, a revistas e jornais, ao computador, entre outros.

Parte II: Estudo Empírico

Capítulo 4: Apresentação e objetivos do estudo

A segunda parte do trabalho incide na apresentação de um estudo de caso efetuado em duas instituições de acolhimento para crianças e jovens em processo de promoção e proteção, tendo por base a análise dos hábitos de leitura de um grupo de crianças com idades compreendidas entre os oito e os doze anos e, por conseguinte, a implementação de um projeto de promoção de leitura.

Como já referido no início desta investigação, propusemo-nos a encontrar resposta para a seguinte questão: Quais são os hábitos de leitura das crianças residentes no Abrigo da Nossa Senhora da Conceição e na Fundação Patronato de São Filipe da Região Autónoma da Madeira?

Considerámos que a recolha de dados e a implementação de atividades que promovessem a leitura infantil poderiam ser fundamentais para obter a solução para o referido problema.

No seguimento da apresentação do nosso estudo empírico, delineámos os objetivos gerais:

- a) Analisar os hábitos de leitura de um grupo de crianças, residentes em instituições de acolhimento;
- b) Implementar um projeto de promoção de leitura.

Decorrentes dos objetivos gerais, sugerimos os seguintes objetivos específicos:

- Caracterizar a população/instituições;
- Descrever os participantes;
- Identificar os hábitos de leitura das crianças;
- Conhecer a perspetiva dos responsáveis sobre os hábitos de leitura das crianças;
- Verificar a perspetiva das crianças sobre a leitura;
- Sensibilizar as crianças para a importância da leitura;
- Promover e dinamizar atividades de leitura;

Capítulo 5: Metodologia

Neste capítulo iremos demonstrar como a problemática foi investigada e a razão por que determinados métodos e técnicas foram utilizados.

Tratando-se da análise dos hábitos de leitura de um grupo de crianças institucionalizadas e da implementação de um projeto que visa promover a leitura infantil, considerámos que a abordagem qualitativa seria a mais adequada para a nossa investigação. Através do recurso a esta metodologia, também designada como “etnografia ao campo de investigação” (Tuckman, 2000, p.507) iremos compreender o contexto em que o participante está envolvido e qual a influência que este contexto exerce sobre as suas ações.

De acordo com Tuckman (2000, citado por Wilson, 1977), a abordagem qualitativa deve ser compreendida da seguinte forma: “os acontecimentos devem estudar-se em situações naturais, ou seja, integrados no terreno (...); os acontecimentos só podem compreender-se se compreendermos a percepção e a interpretação feitas pelas pessoas que neles participam” (p.508). Para o referido autor, este género de investigação desenvolve-se na situação natural e o investigador é o instrumento de recolha de dados. Refere também que é fundamental focar-se no processo, analisar os dados indutivamente e procurar o verdadeiro significado dos acontecimentos.

Segundo Bogdan & Biklen (1994, p. 16) “as estratégias mais representativas da investigação qualitativa são a observação participante e a entrevista em profundidade”. Lessard-Hérbert, Goyette, & Boutin (2005) acrescentam “o questionário” que também serve “para instrumentar as investigações qualitativas” (p.143).

Mais do que avaliar, a abordagem qualitativa tem como principal objetivo descrever ou interpretar. Neste sentido, Freixo (2009) apresenta as principais características desta abordagem: “(...) o investigador é o instrumento-chave de recolha de dados; a principal preocupação é descrever e só depois analisar os dados; os dados são analisados indutivamente; (...) diz respeito essencialmente ao significado das coisas, ou seja ao «porquê» e ao «o quê»” (p.146).

As características supracitadas foram cruciais para a nossa investigação uma vez que esta forma de desenvolver o conhecimento demonstrou a importância da nossa compreensão no processo de investigação. Neste contexto, inserimo-nos no mundo das pessoas que pretendíamos estudar, tentámos conhecê-las, demo-nos a conhecer e procurámos ganhar a sua confiança, elaborando um registo escrito e sistemático de tudo

aquilo que ouvíamos e observávamos. O material recolhido foi complementado com outros dados, nomeadamente registos, artigos e fotografias.

No que diz respeito à fase inicial da metodologia e às questões de ética da nossa investigação, tivemos em conta o direito à privacidade ou à não participação, pelo que todos os participantes teriam o direito de não participar.

Não menos importante para o nosso estudo e, tratando-se de salvaguardar os direitos das crianças que residem nas instituições de acolhimento, os participantes tiveram o direito ao anonimato e à confidencialidade. Neste sentido, Freixo (2009) indica que numa investigação os participantes “têm direito a exigir que os seus dados de identificação pessoal não figurem em qualquer parte acessível dos documentos resultantes de processos de investigação” (p.180). Assim, para garantirmos este anonimato, optámos por identificar os sujeitos não pelos seus nomes mas sim através de um número.

A nossa intenção foi assumir todas as precauções para que o acesso a estes mesmos dados não tivesse um carácter público. Para assegurar a veracidade relativamente aos dados obtidos, formulámos um consentimento informado⁷ às responsáveis de cada instituição, que têm à sua responsabilidade o público-alvo do nosso estudo. O consentimento visou dar a conhecer o nosso trabalho de investigação e seus objetivos, bem como solicitar autorização para que as crianças participassem no projeto.

Amostra

Segundo Freixo (2009), a amostra consiste na escolha de um grupo de sujeitos ou qualquer outro elemento que represente a população estudada. O autor refere que “as características da população definem o grupo de sujeitos que serão incluídos no estudo e precisam os critérios de seleção” (p.183).

Para Ghiglione & Matalon (1993), estudar exaustivamente uma população é um processo longo e dispendioso e acaba por tornar-se praticamente impossível. Neste caso, o maior problema é “escolher um grupo de indivíduos, uma *amostra*, de tal forma que as observações que deles fizermos possam ser generalizadas à totalidade da população” (p.29). Os autores também indicam que a amostra deve ser representativa da população, ou seja, ela deverá apresentar características idênticas às da população. Deste modo, procurámos uma população representativa das crianças em processo de promoção e proteção, selecionando-a aleatoriamente.

⁷ Anexo 1: Consentimento informado.

De acordo com Ghiglione & Matalon (1993), as amostras ditas aleatórias são obtidas através de um sorteio e devem respeitar a condição de definição das amostras representativas, ou seja, “devem atuar de forma a que cada membro da população tenha a mesma probabilidade de fazer parte da amostra” (p.31).

Neste seguimento, selecionámos duas Instituições Particulares de Solidariedade Social que acolhem crianças em situação de perigo, risco e/ou em situação de emergência, localizadas na cidade do Funchal, da Região Autónoma da Madeira. São elas, o Abrigo Infantil da Nossa Senhora da Conceição e a Fundação Patronato de São Filipe.

Inicialmente, realizámos uma pesquisa sobre as instituições particulares que apoiam o público acima referido. Deste modo, obtivemos uma listagem da Secretaria Regional dos Assuntos Sociais⁸, publicada no JORAM - Jornal Oficial da Região Autónoma da Madeira (Jornal Oficial, 2013), que iria facilitar o nosso conhecimento em relação ao panorama das instituições existentes na Região.

Por se tratar de um estudo de caso, onde a investigação consiste na observação participante, considerámos que a escolha das instituições deveria ser delimitada à cidade do Funchal. A proximidade física, no sentido de facilitar o nosso acesso à recolha de dados, também constituiu um motivo de seleção.

Posteriormente, constatámos que a Associação CRIAMAR - Associação de Solidariedade Social para o Desenvolvimento e Apoio a Crianças e Jovens - apoiava algumas instituições particulares, desenvolvendo diversas atividades sociais e culturais com o público infanto-juvenil e tinha um projeto dirigido essencialmente às crianças e jovens em risco da Madeira. Estabelecemos, deste modo, o primeiro contacto com a Associação que foi o principal fio condutor para a nossa entrada nas instituições e de grande auxílio para a sua seleção.

O contacto estabelecido com a Associação foi fundamental, na medida em que obtivemos conhecimento da situação referente às instituições, dos principais motivos de acolhimento das crianças e jovens e da necessidade de uma intervenção sociocultural.

No seguimento da seleção entrámos em contacto com as entidades responsáveis para que autorizassem a nossa investigação e obtivemos de imediato uma resposta positiva. Neste primeiro encontro com as instituições quisemos conhecer, de um modo geral, algumas características da população em análise e compreender de que forma estas poderiam contribuir para o nosso estudo de caso.

⁸ Lista das participações financeiras atribuídas pelo Instituto de Segurança Social da Madeira, IP-RAM no segundo semestre de 2012 a diversas entidades, designadamente a Instituições Particulares de Solidariedade Social e a outras Instituições de apoio social sem fins lucrativos.

Após realizarmos algumas visitas ao Lar Infantil da Nossa Senhora da Conceição e à Fundação Patronato de São Filipe, inteirarmo-nos do seu contexto institucional e conhecermos as suas características, demos início à seleção das crianças que iriam fazer parte do estudo e, posteriormente, do projeto de leitura.

Com o apoio das responsáveis e com o intuito de apurar os hábitos de leitura dos participantes, selecionámos seis crianças de cada instituição, perfazendo um total de doze crianças, com idades compreendidas entre os oito e os doze anos.

Caracterização da População

Relativamente à caracterização das instituições, as responsáveis forneceram alguma documentação⁹ com a finalidade de esclarecer o contexto institucional em que as crianças estão inseridas. Ambas são Instituições Particulares de Segurança Social (IPSS) que acolhem crianças e jovens socialmente carenciados e lhes proporcionam educação, saúde e bem-estar, assemelhando-se, deste modo, a uma estrutura familiar.

Estas entidades têm um acordo de cooperação com a Segurança Social da Região Autónoma da Madeira e estão aos cuidados e orientação da Congregação das Irmãs Franciscanas de Nossa Senhora das Vitórias.

No que diz respeito ao contexto institucional e ao acolhimento das crianças, recebemos as seguintes informações:

Abrigo Infantil da Nossa Senhora da Conceição:

- A Instituição integra três valências: Lar de infância e juventude, semi-internato e jardim-de-infância;
- Tem capacidade para acolher sessenta e nove crianças e jovens no lar, seis crianças e jovens em semi-internato e duas camas de emergência (segundo o Acordo de Cooperação com o Centro de Segurança Social da Madeira);
- A Instituição propõe-se acolher, educar e formar crianças de ambos os sexos, em internato e semi-internato, com idades compreendidas entre um e vinte e um anos para meninas e um a doze anos para meninos.

⁹ Anexo 2: Apresentação das Instituições: Abrigo infantil da Nossa Senhora da Conceição e da Fundação Patronato São Filipe.

Fundação Patronato de São Filipe:

- A Instituição integra duas valências: Lar de Infância e juventude e semi-internato;
- Tem capacidade para acolher trinta e sete crianças e jovens no lar de infância e juventude e vinte crianças e jovens em semi-internato (segundo o Acordo de Cooperação com o Centro de Segurança Social da Madeira);
- A Instituição propõe-se acolher, educar e formar crianças de ambos os sexos, em internato e semi-internato e está organizada em três unidades: duas unidades com capacidade para catorze meninas cada, com idades entre um e vinte e um anos e uma unidade para nove meninos com idades entre um e doze anos.

Segundo o relatório anual das instituições em análise, a ocupação¹⁰ é quase total.

Em 2012 o Abrigo Infantil da Nossa Senhora da Conceição tinha uma lotação de sessenta e duas crianças e jovens residentes, vinte em semi-internato e na Fundação Patronato de São Filipe, trinta e sete crianças e jovens foram acolhidos.

Relativamente à estrutura institucional, constatámos que, ao longo dos anos, estes lares procederam a algumas obras de beneficiação e reestruturação nas suas instalações. Na Fundação Patronato de São Filipe, foram criados novos espaços, como é o caso do salão polivalente e, outros foram reestruturados, como por exemplo a ludoteca, as salas de convívio, cozinha, lavandaria, entre outros.

O Abrigo da Nossa Senhora da Conceição também procedeu a algumas remodelações, nomeadamente em espaços comuns como a sala de estar, salas de estudo, cozinha, refeitório, lavandaria e espaços de lazer.

Para finalizar a caracterização da população, não queremos deixar de frisar alguns objetivos específicos que fazem parte do regulamento e bom funcionamento das duas instituições. São eles:

Abrigo da Nossa Senhora da Conceição:

- Garantir a todas as crianças e jovens o acesso à formação escolar (em estabelecimentos públicos e privados), cívica, religiosa, ética e profissional;
- Dinamizar programas específicos que promovam as competências pessoais e psicossociais;
- Garantir o acesso aos cuidados de saúde e acompanhamento terapêutico, segundo as necessidades de cada um;

¹⁰ Anexo 3: Ocupação por género e faixa etária.

- Possibilitar a integração das crianças/jovens em atividades desportivas, recreativas e culturais, tendo em conta a sua idade e interesse.

Fundação Patronato de São Filipe:

- Garantir o acesso de todas as crianças/jovens a uma educação e formação de qualidade;
- Proporcionar a todas as crianças/jovens a aquisição e desenvolvimento de competências pessoais e sociais, que lhes permitam uma efetiva integração pessoal e social;
- Promover junto das crianças/jovens a aquisição de valores humanos, éticos, culturais, cívicos e religiosos;
- Garantir uma intervenção especializada de acordo com problemáticas específicas de cada criança/jovem;
- Possibilitar o acesso das crianças/jovens aos serviços e equipamentos da comunidade, nomeadamente a clubes desportivos, recreativos e culturais, tendo em atenção a sua faixa etária e gostos pessoais.

Caracterização dos Participantes

O Abrigo Infantil Nossa Senhora da Conceição acolhe, em média, oitenta crianças e jovens, de ambos os sexos, com idades compreendidas entre os um e os vinte e um anos e a Fundação Patronato de São Filipe tem capacidade para sessenta crianças, também de ambos sexos, dos um aos vinte e um anos. É de referir que estes dois lares só acolhem crianças do sexo masculino até aos 12 anos, salvo raras exceções.

De um modo geral, as causas de acolhimento das crianças que residem nestas instituições estão relacionadas com a pobreza extrema, maus tratos físicos e psicológicos, a negligência e o abandono familiar. Estas causas desenvolvem, consecutivamente, sentimentos depressivos, ansiedade e agressividade, insucesso escolar, baixa autoestima, instabilidade emocional, entre outros.

Por vezes, dependendo da estrutura familiar que possuem e da avaliação da sua situação, as crianças recebem visitas regulares dos seus familiares. Algumas delas, quando iniciam as férias escolares, têm a possibilidade de regressar a casa.

Todas as crianças frequentam a escola. De facto, um dos principais objetivos que faz parte do regulamento das instituições é o de “garantir a todas as crianças e jovens o

acesso à formação escolar (em estabelecimentos públicos e privados), cívica, religiosa, ética e profissional¹¹”.

Quando não estão na escola, os seus tempos livres são ocupados com atividades sociais, culturais e de lazer, nomeadamente ligadas ao desporto, à música, à dança, ao teatro ou qualquer outra atividade que seja do interesse da criança, como por exemplo, estudar, brincar com os amigos, ver televisão, navegar na internet e ouvir música.

No campo da literatura, as responsáveis adiantaram que, apesar de incentivarem e promoverem atividades relacionadas com a leitura, a maioria das crianças não tem o hábito de ler.

Após conhecermos algumas características fundamentais dos participantes, solicitámos às responsáveis que seleccionassem um grupo de crianças que pudesse ter interesse por atividades de leitura. Com o seu apoio escolhemos um grupo de doze crianças, de ambos os sexos, entre os oito e os doze anos.

Relativamente à faixa etária escolhida e tratando-se de atividades relacionadas com a leitura, tivemos em consideração os estádios de desenvolvimento da leitura (cf. *Compreensão e Aprendizagem em leitura*, p. 8), de modo a verificarmos o mais adequado, pois uma criança de um ou dois anos não tem os mesmos hábitos e práticas de leitura, ou a mesma compreensão leitora que uma criança de onze ou doze anos. Desta forma, iríamos verificar se o projeto de leitura que pretendíamos implementar se adequava à faixa etária selecionada.

Procedemos, assim, à identificação dos participantes. A tabela 1 identifica as responsáveis do Abrigo Infantil da Nossa Senhora da Conceição e da Fundação Patronato de São Filipe, o cargo que ocupam na instituição e o género. A tabela 2 ilustra as crianças das duas instituições, a sua data de nascimento e o seu género.

¹¹ Anexo 4: Missão e objetivos das instituições.

Tabela 1: Identificação das responsáveis

Participante	Cargo	Género
RA1	Diretora	Feminino
RF2	Coordenadora/responsável	Feminino

Nota: RA: Responsável do Abrigo da Nossa Senhora da Conceição.
RF: Responsável da Fundação Patronato de São Filipe.

Tabela 2: Identificação das crianças

Participante	Data de Nascimento/Idade	Género
A1	30/09/2002 – 10 anos	Masculino
A2	19/07/2002 – 10 anos	Masculino
A3	19/04/2002 – 11 anos	Masculino
A4	19/10/2003 – 9 anos	Feminino
A5	09/12/2003 – 9 anos	Feminino
A6	23/11/2004 – 8 anos	Feminino
F1	26/09/2001 – 11 anos	Feminino
F2	25/03/2004 – 9 anos	Feminino
F3	18/05/2001 – 12 anos	Feminino
F4	28/11/2000 – 12 anos	Feminino
F5	04/01/2001 – 12 anos	Feminino
F6	06/06/2002 – 11 anos	Feminino

Nota: A: Crianças do Abrigo da Nossa Senhora da Conceição.
F: Crianças da Fundação Patronato de São Filipe.

Instrumentos

O nosso estudo de caso envolve a necessidade de realizar observações, de desenvolver entrevistas e questionários e obter documentos e registros fotográficos.

De acordo com Lessard-Hérbert, Goyette, & Boutin (2005), existem três técnicas de recolha de dados que podem servir para instrumentar as investigações qualitativas. Estas técnicas são: “o inquérito, que pode tomar uma forma oral (a entrevista) ou escrita (o questionário); a observação, que pode assumir uma forma direta sistemática ou uma forma participante, e a análise documental” (pp.143-145).

Tuckman (2000) também afirma que, neste tipo de estudo, as fontes de dados mais utilizadas são “(...) entrevistas a diversas pessoas ou participantes na situação, que estão envolvidas no fenómeno em estudo; documentos, relatos de jornais, autobiografias e testemunhos; observação dos fenómenos em acção” (p.516).

Relativamente às entrevistas tivemos em consideração duas fases. Inicialmente, realizámos entrevistas às responsáveis do Abrigo da Nossa Senhora da Conceição e da Fundação Patronato de São Filipe e às doze crianças dessas instituições. Nesta fase pretendíamos conhecer os hábitos de leitura das crianças antes de implementarmos o projeto de promoção da leitura.

Numa segunda fase, após a implementação do projeto, entrevistámos as responsáveis para aferirmos a sua opinião relativamente às atividades desenvolvidas e o seu interesse em dar-lhes continuidade.

Também aplicámos um questionário de perguntas abertas às doze crianças. Considerámos que esta técnica seria fundamental para conhecermos a sua apreciação e gosto pelas sessões de leitura inseridas no projeto.

Recorremos também à observação participante como instrumento de recolha de dados. As notas de campo e os registros fotográficos foram essenciais para obtermos dados e analisarmos o projeto de promoção da leitura e as sessões realizadas.

Entrevistas

Tendo em conta os objetivos gerais e os aspetos metodológicos que delineámos na apresentação do estudo empírico, considerámos fundamental iniciar a nossa recolha de dados com as entrevistas. Tuckman (2000) descreve a entrevista como “um dos processos

directos para encontrar informação sobre um determinado fenómeno” (p.517). Assim, com esta fonte de dados ficaríamos a conhecer os hábitos de leitura da população em estudo.

Como já referimos anteriormente, os entrevistados que fizeram parte integrante desta técnica de recolha foram as duas responsáveis do Abrigo infantil da Nossa Senhora da Conceição e da Fundação Patronato de São Filipe e as doze crianças residentes nas duas instituições.

No que diz respeito ao enquadramento das entrevistas, procurámos desde o início estabelecer um ambiente confortável, para que os entrevistados se sentissem à vontade e falassem naturalmente, num tom de conversa. Posteriormente, pedimos a sua autorização para que as entrevistas fossem gravadas.

Segundo Bogdan e Biklen (1994, p.135), “no início da entrevista, tenta-se informar com brevidade o sujeito do objetivo e garantir-lhe que toda a informação será tratada confidencialmente” – Procedemos em conformidade: informámos os objetivos e as questões que seriam abordadas, apresentando inicialmente um guião da entrevista às responsáveis¹² e às crianças¹³.

De acordo com Ghiglione & Matalon (1993, p. 91), existem três tipos de entrevista: a entrevista “não diretiva” (ou livre): o entrevistador contenta-se em colocar o tema da entrevista, cujas características essenciais resultam do seu carácter alargado e ambíguo (...); a entrevista “semi-diretiva”, onde existe um esquema de entrevista (grelhas de temas, por exemplo) - ordem pela qual os temas podem ser abordados livremente; a entrevista “diretiva ou estandardizada”: que se aproxima a um questionário, no qual só figuram questões abertas, não existindo já praticamente qualquer ambiguidade.

Optámos por utilizar o tipo de entrevista “semi-diretiva”, através do modelo de “entrevista-padrão” onde, segundo Tuckman (2000, p. 518) “os tópicos são especificados antecipadamente, em forma de plano geral”. Deste modo, é o entrevistador quem decide a sequência e o enunciado das questões no decorrer da entrevista.

Como indicam Ghiglione & Matalon (1993), este tipo de entrevista é “adequado para aprofundar um determinado domínio, ou verificar a evolução de um domínio já conhecido” (p.97). Neste caso específico o objetivo seria aprofundar os hábitos de leitura das crianças institucionalizadas.

¹² Anexo 5: Guião de Entrevista para as responsáveis/diretoras das Instituições.

¹³ Anexo 6: Guião de Entrevista para as crianças.

Relativamente à organização da nossa análise tivemos em consideração três pólos cronológicos, de acordo com Bardin (2008): “a pré-análise”; “a exploração do material”; “o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação” (p.121).

Na opinião do citado autor, a “pré-análise” é a fase de organização propriamente dita e possui três missões: “(...) a escolha dos documentos a serem submetidos à análise, a formulação das hipóteses e dos objetivos e a elaboração de indicadores que fundamentem a interpretação final” (p.122). Esta fase tem como objetivo a organização do conteúdo que, ainda segundo o mesmo autor, é composta por cinco atividades principais: “a leitura flutuante” – que consiste em estabelecer contacto com os documentos a analisar e em conhecer o texto; a “escolha dos documentos” – que podem fornecer informações sobre o problema levantado e são fundamentais para a constituição de um *corpus*; “a formulação das hipóteses e dos objetivos” – sendo uma hipótese uma afirmação provisória que pretendemos verificar e o objetivo a finalidade geral a que nos propomos; “a referenciação dos índices e a elaboração de indicadores” – Uma vez escolhidos os índices, damos início à construção dos indicadores precisos e seguros; “a preparação do material” – o material reunido deve ser preparado antes de realizarmos a análise.

Mediante a realização das atividades iniciais, procedemos à exploração do material que “não é mais do que a aplicação sistemática de decisões tomadas” (Bardin, 2008, p. 127). Esta fase consiste em operações de codificação e enumeração. Neste âmbito, Ghiglione & Matalon (1993, p.207) exploram dois tipos de questões: “Como codificar? Como assegurar a fiabilidade do procedimento?”.

Quanto à codificação, são os mesmos autores a referir que esta deve responder aos critérios de “objetividade”, “sistematicidade” e “generalidade”. Nas palavras de Bardin (2008, p.129), “tratar o material é codificá-lo. A codificação corresponde a uma transformação dos dados em bruto do texto”.

Como primeiro processo de codificação transformámos os objetivos de investigação em categorias de análise e procedemos à sua classificação. Para Bardin (2008) a categorização é definida como “(...) a operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto de diferenciação e, seguidamente por reagrupamento segundo o género (analogia) com critérios previamente definidos” (p.117).

Bogdan e Biklen (1994) partilham da mesma opinião ao afirmar que “as categorias constituem um meio de classificar os dados descritivos que recolhemos (...)” (p.221).

Bardin (2008) afirma que existem boas e más categorias. Segundo o autor, as boas categorias possuem as seguintes qualidades: “a exclusão mútua”; “a homogeneidade”; “a pertinência”; “a objetividade e fidelidade”; “a produtividade” (p.147).

De acordo com as qualidades indicadas por Bardin (2008) e alguns exemplos de conjuntos de categorias ilustrados pelo autor, organizámos o nosso instrumento de codificação.

Após construirmos as categorias de análise de conteúdo, prosseguimos com a definição das unidades de análise. Para Ghiglione & Matalon (1993), existem três tipos de unidades de análise: “registro; contexto e enumeração” (p.211).

Na opinião dos autores supracitados, a unidade de registro pode ser definida como um “segmento de conteúdo mínimo que é tomado em atenção pela análise (frase, por exemplo)” (p.212). Bardin (2008) refere que as unidades de registro mais utilizadas são: “a palavra”; “o tema”; “o objecto ou referente”; “o personagem”; “o acontecimento”; “o documento” (p.130).

A unidade de contexto é caracterizada por comparação com a anterior, “já que ela será o mais restrito segmento de conteúdo ao qual nos devemos referir para compreender a unidade de registro (parágrafo, por exemplo)” (Ghiglione & Matalon, 1993, p. 212). Esta unidade serve de unidade de compreensão para codificar a unidade de registro. Pode por exemplo, “ser a frase para o parágrafo e o parágrafo para o tema” (Bardin, 2008, p. 133).

A unidade de enumeração é necessária para “fazer a distinção entre a unidade de registro – o que se conta – e a regra de enumeração – o modo de contagem.” (Bardin, 2008, p. 134).

Depois de aprofundarmos os procedimentos para a exploração do material recolhido, iniciámos a transcrição da gravação das entrevistas¹⁴. Estas constituíram o *corpus* da nossa pesquisa. Numa investigação qualitativa, “as transcrições são os principais “dados” de muitos estudos de entrevista” (Bogdan & Biklen, 1994, p. 172).

Bogdan e Biklen (1994) indicam que existem vários formatos para as transcrições. De acordo com os formatos explicitados por estes autores, optámos pelo “formato típico” (p.173) que é constituído por um cabeçalho no princípio de cada transcrição que consiste na identificação do entrevistado, a data que a entrevista ocorreu, o local da entrevista, seguindo-se as questões e as respetivas respostas.

Procurámos ser fidedignos em relação à transcrição das entrevistas, de modo a não alterar o discurso e respeitando quaisquer interrupções (como por exemplo, pausas,

¹⁴ Anexo 10: Transcrição da gravação das entrevistas.

suspensões ou paragens), reiteraões (como é o caso de repetição de palavras) e hesitações. Neste caso o símbolo usado para identificar as interrupções foram as reticências.

Seguindo os princípios de Bardin (2003) organizámos a entrevista por temas atribuindo, deste modo, objetivos gerais e específicos e um formulário de questões. Assim, estabelecemos os seguintes temas e objetivos:

Entrevistas às responsáveis das Instituições:

- a) Identificação do entrevistado

Recolher dados relativamente à situação profissional das responsáveis.

- b) Contexto Institucional

Compreender o contexto institucional das crianças acolhidas.

- c) Atividades culturais nos tempos livres

Verificar as atividades culturais desenvolvidas pelas crianças nos seus tempos livres.

- d) Hábitos de leitura

Conhecer os hábitos de leitura das crianças acolhidas.

- e) Apreciação do Projeto de promoção de leitura (Entrevista realizada após a implementação do projeto)

Verificar a opinião das responsáveis em relação às atividades desenvolvidas.

Entrevistas às crianças:

- a) Identificação do entrevistado

Recolher dados que identifiquem os entrevistados.

- b) Atividades culturais

Verificar se o entrevistado participa em atividades culturais nos tempos livres.

- c) Interesses e gostos culturais

Conhecer os interesses dos entrevistados relativamente às atividades culturais.

- d) Hábitos de leitura

Apurar os hábitos de leitura do entrevistado.

- e) Projeto de promoção da leitura

Conhecer a opinião do entrevistado em relação ao projeto de leitura

Questionário

O questionário também constituiu um instrumento de recolha de dados para a nossa investigação. De acordo com Freixo (2009), o questionário é um instrumento de colheita de dados que necessita das respostas escritas por parte dos sujeitos, “sendo constituído por um conjunto de enunciados ou de questões que permitem avaliar as atitudes, e opiniões dos sujeitos ou colher qualquer outra informação junto desses mesmos sujeitos” (p.196). É ainda o autor que indica que as questões podem distinguir-se pela sua forma, ou seja, em perguntas abertas ou fechadas. Assim, optámos pelo questionário de perguntas abertas¹⁵, uma vez que pretendíamos que os participantes respondessem livremente, utilizando o seu próprio vocabulário, fornecendo os pormenores e fazendo os comentários que considerassem certos.

Segundo Hill & Hill (2000) este tipo de inquérito torna-se fundamental “quando se pretende obter informação qualitativa” (p.94). Deste modo, verificámos que o questionário poderia facultar informação rica e detalhada sobre a opinião e interesse das crianças em relação ao projeto implementado. Considerámos importante introduzir o resultado dos questionários na última sessão do nosso projeto de leitura.

A observação participante

Optámos por um estudo de observação participante uma vez que pretendíamos ser descritivos, sistemáticos e detalhados em relação a tudo o que víamos e observávamos. Para Tuckman (2000) a observação participante “é o dispositivo mais utilizado para a recolha de dados” (p.508). Deste modo, fomos introduzindo observações e notas de campo (Anexo 9), à medida que as sessões de leitura iam sendo concluídas.

As notas de campo constituíram uma ferramenta crucial para a análise do projeto porque nos ajudaram a interiorizar e a memorizar aquilo que observávamos. De acordo com Bogdan & Biklen (1994) o resultado bem sucedido de um estudo de observação participante baseia-se em “notas de campo detalhadas, precisas e extensivas” (p.150).

Segundo Tuckman (2000), as notas de campo “são tão descritivas como interpretativas ou analíticas” (p.528) e não só relatam o que aconteceu mas também o porquê e os motivos. Para o autor, esta técnica de recolha de informação contém descrições e reflexões, representando assim, os dados e a sua análise. Elas “incluem, muitas vezes, as

¹⁵ Anexo 7: Questionário para as crianças: Apreciação sobre o projeto de leitura.

conclusões e as generalizações.” (Tuckman, 2000, p. 529). Na nossa investigação, as notas de campo também foram importantes para descrever, minuciosamente, as atividades de leitura e as etapas da sua execução.

A fotografia também constituiu um instrumento de observação para o nosso projeto. Nas palavras de Bogdan & Biklen (1994), ela está intimamente ligada à investigação qualitativa e pode ser usada de diferentes maneiras. Os autores referem que “as fotografias dão-nos fortes dados descritivos, são muitas vezes utilizadas para compreender o subjectivo e são frequentemente analisadas indutivamente.” (p.183). Com o registo fotográfico queríamos simplificar a recolha de informação factual. Neste sentido as fotografias também foram um inventário do meio a investigar.

Procedimentos

Análise dos dados

Após efetuarmos a recolha dos dados no processo de trabalho de campo, de apresentarmos os aspetos metodológicos, tais como a caracterização da amostra e os instrumentos, damos início aos procedimentos utilizados e à respetiva análise. Neste contexto, os dados assumem a forma de notas de campo, ou transcrição de entrevistas gravadas durante a visita ao local da situação.

Tuckman (2000), indica que “as notas de campo (...), as transcrições da entrevista (...), constituem os dados para o projeto de investigação qualitativa” (p.527). A sua utilização servirá para encontrar resposta à questão da investigação.

Análise das Entrevistas

Analisámos os dados de acordo com a pré-leitura e a exploração do material recolhido. Deste modo, reunimos os temas das entrevistas como unidades de registo e organizámos as respostas através de categorias, subcategorias e indicadores. Esta organização foi fundamental para encontrarmos respostas relativamente ao problema inicialmente levantado.

Salientamos que, para este efeito, foram criados dois quadros¹⁶ distintos de categorias para as duas responsáveis e para as doze crianças das instituições.

Relativamente às responsáveis, considerámos trinta indicadores. Deste modo, foram determinadas quatro categorias e oito subcategorias:

a) 1ª Categoria: Contexto Institucional

Subcategorias:

- ✓ Natureza jurídica da Instituição;
- ✓ Número de crianças e jovens institucionalizados;
- ✓ Principais causas de acolhimento das crianças;

b) 2ª Categoria: Atividades culturais das crianças nos tempos livres

Subcategorias:

- ✓ Atividades culturais;
- ✓ Tempo disponível;

c) 3ª Categoria: Hábitos de leitura das crianças

Subcategorias:

- ✓ Atividades relacionadas com a leitura;
- ✓ Interesse das crianças pela leitura;

d) 4ª Categoria: Projeto de promoção da leitura

Subcategorias:

- ✓ Interesse das responsáveis pelo projeto.

No que diz respeito às crianças, ponderámos oitenta e dois indicadores e estabelecemos quatro categorias e treze subcategorias:

a) 1ª Categoria: Atividades culturais das crianças nos tempos livres

Subcategorias:

- ✓ Na residência;
- ✓ Na escola;

¹⁶ Anexo 11: Definição de categorias das entrevistas às responsáveis das instituições; definição de categorias das entrevistas às crianças das instituições;

b) 2ª Categoria: Interesses e gostos culturais das crianças

Subcategorias:

- ✓ O que gostam;
- ✓ O que não gostam;

c) 3ª Categoria: Hábitos de leitura das crianças

Subcategorias:

- ✓ Interesse pela leitura;
- ✓ Importância de ler;
- ✓ Suportes de leitura;
- ✓ Género de livros preferidos;
- ✓ Tempo dedicado à leitura;
- ✓ Livros lidos por ano;
- ✓ Leituras preferidas;
- ✓ Práticas de leitura;

d) 4ª Categoria: Projeto de promoção da leitura:

Subcategorias:

- ✓ Interesse das crianças pelo projeto de leitura

Aplicação do projeto de promoção de leitura

A implementação de um projeto de promoção de leitura no lar infantil da Nossa Senhora da Conceição e na Fundação Patronato de São Filipe constituiu um dos objetivos gerais do nosso estudo. Com esta iniciativa pretendíamos fomentar hábitos de leitura, promover e dinamizar atividades de leitura e sensibilizar as crianças destas instituições para a importância desta prática cultural. Também ficaríamos a conhecer a sua motivação e interesse para participar neste género de atividades.

Com base na revisão de literatura que realizámos e no conhecimento que fomos adquirindo ao longo desta investigação, nomeadamente no que diz respeito aos hábitos de leitura das crianças acolhidas e à necessidade de intervenção, demos início à implementação do projeto.

Assim, ponderámos alguns critérios propostos por Prole (2008, p.5) que, na nossa opinião, estruturam qualquer atividade de animação da leitura: Leitura voluntária, continuada e desescolarizada; leitura completa de obras; adequação das obras escolhidas aos interesses e motivações da criança e ao seu desenvolvimento cognitivo, sem descurar a qualidade literária das mesmas; desenvolvimento de atividades lúdicas que estimulem e reforcem os hábitos de leitura e aprofundem a compreensão.

Optámos por seguir estas condições prévias da animação da leitura, tendo em conta os nossos objetivos iniciais: sensibilizar as crianças para a importância da leitura; promover e dinamizar atividades de leitura.

Para a elaboração de um projeto de leitura temos que ter em consideração as obras literárias que devemos selecionar. Neste domínio, Prole (2008) indica que “o diálogo do leitor com a obra só é possível quando se verificam algumas condições que dizem respeito à recepção leitora” (p.7), como por exemplo: adequar histórias às expectativas, interesses e motivações das crianças; adequar o texto ao desenvolvimento cognitivo e à maturação leitora da criança; verificar a qualidade literária das obras.

Procurámos escolher as leituras de acordo com a faixa etária das crianças, os seus interesses e gostos pessoais. Deste modo, para realizarmos uma boa seleção, considerámos importante conhecer algumas iniciativas no âmbito da leitura, nomeadamente, o *Plano Nacional de Leitura* (da responsabilidade do Ministério da Educação) a *Casa da Leitura* (iniciativa da Fundação Calouste Gulbenkian) e do projeto *Voluntários de Leitura* (promovido pelo CITI – Universidade Nova de Lisboa em parceria com a Associação para o Voluntariado de Leitura).

Em termos regionais, recorremos ao *Plano Regional de Leitura* e ao projeto *Bau de Leitura* (projetos da Direção Regional da Educação do arquipélago da Madeira) e à iniciativa *Ler com amor – leitura em voz alta*, da responsabilidade da Companhia *Contigo Teatro*. Estas iniciativas foram cruciais para nos elucidar, de um modo geral, sobre as leituras e livros recomendados para o público infantil e quais as dinâmicas e estratégias utilizadas, tendo em conta as diferentes faixas etárias. Considerámos que também seria interessante selecionar alguns livros infantis de escritores madeirenses, com maior ênfase para as obras de literatura para a infância do escritor madeirense José Viale Moutinho.

De acordo com a nossa revisão de literatura relativamente aos projetos de promoção de leitura preconizados pelas iniciativas acima referidas organizámos um programa de atividades¹⁷.

Programa de atividades

- Tema do projeto: Após realizarmos as entrevistas às crianças e conhecermos alguns dos seus gostos e interesses pessoais, verificámos que seria interessante e motivador,

¹⁷ Anexo 8: Programa de atividades.

promover e dinamizar a leitura de livros de autores madeirenses. Deste modo, optámos por intitular o nosso projeto *Livros da minha terra*.

- **Local:** Como já referimos anteriormente, implementámos o projeto de promoção de leitura em duas Instituições Particulares de Solidariedade Social: Abrigo Infantil da Nossa Senhora da Conceição e na Fundação Patronato de São Filipe.
- **Destinatários:** No projeto participaram doze crianças com idades compreendidas entre os oito e os doze anos, ou seja, um grupo de seis crianças do Abrigo infantil da Nossa Senhora da Conceição e um grupo de seis crianças da Fundação Patronato de São Filipe.
- **Calendarização:** De acordo com a disponibilidade das crianças, os seus tempos livres e o seu percurso escolar, programámos o projeto para os meses de Maio, Junho e Julho de 2013. As atividades foram realizadas duas vezes por semana, das 20 horas às 21 horas, nas duas instituições.
- **Sessões de leitura:** Procurámos orientar as sessões de leitura tendo em conta as características e gostos pessoais das crianças, as suas capacidades e competências, princípios e valores culturais. Para este efeito, introduzimos nas sessões diversas dinâmicas e estratégias de acordo com a sua faixa etária e com os seus interesses.

Perante a nossa revisão de literatura referente à promoção e dinamização da leitura, aos projetos destinados ao público infantil e às obras literárias recomendadas para a infância, considerámos importante desenvolver atividades de animação de leitura através do jogo, leitura em voz alta, conto de histórias, escrita criativa, banda desenhada e de encontros literários com o escritor José Viale Moutinho.

Neste seguimento realizámos onze sessões de leitura, cada uma organizada segundo um plano de sessão¹⁸. Deste modo, as sessões foram planeadas com a seguinte estrutura:

1ª Sessão: *À procura de palavras...à procura de livros*

Objetivos da sessão:

- Motivar o participante para a animação da leitura através do jogo.

¹⁸ Anexo 9: Planos das Sessões.

- Estimular a criatividade do participante.
- Apurar quais os livros escolhidos pelo participante.

Horário e local:

- Sala de atividades do Abrigo Infantil da Nossa Senhora da Conceição: Dia 10 de Junho de 2013, das 20 horas às 21 horas.
- Ludoteca da Fundação Patronato de São Filipe: Dia 11 de Junho de 2013, das 20 horas às 21 horas;

2ª Sessão: *Os livros da minha terra*

Objetivos da sessão:

- Promover livros e autores madeirenses.
- Incentivar os participantes para a leitura em voz alta.
- Verificar o interesse dos participantes pela atividade.

Horário e local:

- Sala de atividades do Abrigo Infantil da Nossa Senhora da Conceição: Dia 12 de Junho de 2013, das 20 horas às 21 horas.
- Ludoteca da Fundação Patronato de São Filipe: Dia 13 de Junho de 2013, das 20 horas às 21 horas;

3ª Sessão: *Um conto para todos*

Objetivos da sessão:

- Promover livros infanto-juvenis do escritor José Viale Moutinho.
- Motivar os participantes para o conto de histórias.
- Apurar a motivação e o interesse dos participantes pela atividade.

Horário e local:

- Sala de atividades do Abrigo Infantil da Nossa Senhora da Conceição: Dia 17 de Junho de 2013, das 20 horas às 21 horas.
- Jardim da Fundação Patronato de São Filipe: Dia 18 de Junho de 2013; das 20 horas às 21 horas;

4ª Sessão: *Imaginação sem limites: escrita criativa*

Objetivos da sessão:

- Motivar os participantes para a escrita criativa.
- Apurar a motivação e o interesse dos participantes pela atividade.

Horário e local:

- Sala de atividades do Abrigo Infantil da Nossa Senhora da Conceição: Dia 19 de Junho de 2013, das 20 horas às 21 horas.
- Ludoteca da Fundação Patronato de São Filipe: Dia 20 de Junho de 2013, das 20 horas às 21 horas;

5ª Sessão: *Uma história aos quadrinhos: Parte I*

Objetivos da sessão:

- Motivar os participantes para a leitura de diferentes géneros narrativos.
- Adaptar o livro “Será que sou neto da bruxa?” de José Viale Moutinho para uma Banda Desenhada.
- Apurar a motivação e o interesse dos participantes pela atividade.

Horário e local:

- Quintal do Abrigo Infantil da Nossa Senhora da Conceição: Dia 24 de Junho de 2013, das 20 horas às 21 horas.
- Ludoteca da Fundação Patronato de São Filipe: Dia 25 de Junho de 2013, das 20 horas às 21 horas;

6ª Sessão: *Uma história aos quadrinhos: Parte II*

Objetivos da Sessão:

- Motivar os participantes para a animação da leitura.
- Apurar o interesse dos participantes pela atividade.

Horário e local:

- Quintal do Abrigo Infantil da Nossa Senhora da Conceição: Dia 26 de Junho de 2013, das 20 horas às 21 horas.

- Ludoteca da Fundação Patronato de São Filipe: Dia 27 de Junho de 2013 das 20 horas às 21 horas;

7ª Sessão: *Vem aí o escritor*

Objetivos da sessão:

- Preparar a chegada do escritor José Viale Moutinho ao Abrigo da Nossa Senhora da Conceição.
- Demonstrar a utilidade de outros suportes de leitura.
- Verificar o interesse e motivação das crianças pela atividade.

Horário e local:

- Quintal do Abrigo Infantil da Nossa Senhora da Conceição: Dia 03 de Julho de 2013, das 20 horas às 21 horas.
- Ludoteca da Fundação Patronato de São Filipe: Dia 04 de Julho de 2013, das 20 horas às 21 horas;

8ª Sessão: *I Encontro com José Viale Moutinho: Apresentação*

Objetivos da sessão:

- Apresentar o escritor José Viale Moutinho às responsáveis das Instituições e às crianças.
- Proporcionar um encontro literário entre ambos.
- Verificar o interesse das crianças pela atividade.

Horário e local:

- Ludoteca do Abrigo Infantil da Nossa Senhora da Conceição: Dia 08 de Julho de 2013, das 20 horas às 21 horas.

9ª Sessão: *II encontro com José Viale Moutinho*

Objetivos da sessão:

- Criar uma história com as crianças de acordo com a sugestão e apoio do escritor José Viale Moutinho.
- Verificar o interesse e motivação das crianças pela atividade.

Horário e local:

- Ludoteca do Abrigo Infantil da Nossa Senhora da Conceição: Dia 10 de Julho de 2013, das 20 horas às 21 horas.

10ª Sessão: *III Encontro com José Viale Moutinho*

Objetivos da sessão:

- Concluir as atividades sugeridas pelo escritor.
- Verificar o interesse e motivação dos participantes pela atividade.

Horário e local:

- Ludoteca do Abrigo Infantil da Nossa Senhora da Conceição: Dia 17 de Julho de 2013, das 20 horas às 21 horas.

11ª Sessão: *Sessão de Encerramento (Apreciação das atividades)*

Objetivos da sessão:

- Aferir o interesse e gosto das crianças pelas atividades desenvolvidas ao longo do projeto de leitura.
- Concluir o projeto de promoção de leitura.

Horário e local:

- Quintal do Abrigo Infantil da Nossa Senhora da Conceição: Dia 22 de Julho de 2013, das 20 horas às 21 horas.
- Ludoteca da Fundação Patronato de São Filipe: Dia 23 de Julho de 2013, das 16 horas às 17 horas.

Capítulo 6: Apresentação dos resultados

Entrevistas realizadas às responsáveis

Considerámos importante demonstrar, em primeiro lugar, os resultados obtidos no que diz respeito às entrevistas realizadas às responsáveis de cada instituição. Neste contexto, obtivemos os seguintes indicadores:

a) Contexto Institucional

Com esta categoria pretendíamos conhecer a natureza jurídica da Instituição, verificar o número de crianças institucionalizadas e compreender as principais causas de acolhimento.

Tabela 3

1ª Categoria: Contexto Institucional		
Subcategorias	Indicadores	Participantes
Natureza Jurídica	Instituição particular de Solidariedade Social (2)	RA1 e RF2
Número de crianças e jovens institucionalizados	Uma média de sessenta crianças e jovens (1)	RA1
	Uma média de cinquenta crianças e jovens (1)	RF2
Principais causas de acolhimento das crianças	A negligência (2)	RA1 e RF2
	O absentismo escolar (2)	RA1 e RF2
	Negligência familiar (1)	RF2
	Violência doméstica (1)	RF2

Relativamente ao contexto institucional constatámos que ambas são Instituições Particulares de Solidariedade Social (IPSS).

Para compreendermos melhor a natureza jurídica das instituições recorreremos a Almeida (2011, p.25), que indica que as IPSS representam a larga maioria das organizações do terceiro sector existentes nas áreas sociais e têm como principais atividades “os cuidados aos idosos, o apoio à infância, a reabilitação de pessoas deficientes

e o apoio à família e à comunidade” Segundo o Estatuto das IPSS (1983), o autor refere ainda que estas são constituídas sem finalidade lucrativa “com o propósito de dar expressão organizada ao dever moral de solidariedade e de justiça entre os indivíduos” (p.25).

Quando questionámos as participantes sobre o número de crianças e jovens acolhidos nas instituições em análise, foi possível constatar que a ocupação é praticamente total. Para esse efeito, confrontámos as respostas obtidas com o relatório anual destas instituições, referente a 2012, fornecido por RA1, que demonstra a ocupação por género e faixa etária (Anexo 3). Segundo as respostas obtidas, em cada instituição existe: [...] *uma média de 60 crianças e jovens [...] (RA1); Trinta crianças internas e [...] 20 crianças externas em situações pontuais [...]* (RF2).

No que diz respeito às principais causas de acolhimento, verificámos que não são diferentes das demais instituições que apoiam crianças em processo de promoção e proteção. Como refere Gomes (2010), as causas de acolhimento da maioria das crianças e jovens em risco estão associadas a “maus tratos, negligência; apresentam problemas de relação com os pares e/ou com os adultos cuidadores; têm problemas de aprendizagem, comportamentos violentos; problemas ao nível da saúde mental” (p.85).

Segundo RF2 *a grande parte das crianças estão cá por causa do absentismo e insucesso escolar [...], a negligência familiar e a violência doméstica.* A participante RA1 partilha da mesma opinião ao afirmar que os motivos de acolhimento das crianças são [...] *a negligência expressa de várias formas e o absentismo escolar.*

Quando a criança se encontra em situação de perigo, risco, ou mesmo em situação de emergência, urge a necessidade de uma intervenção imediata de algumas entidades oficiais que procuram proteger os direitos das crianças.

Com a publicação da Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo (Lei n.º 147/99), em vigor desde 2001, começa a existir uma “participação activa das comunidades para a defesa dos direitos da criança e coloca as Comissões de Protecção de Crianças e Jovens (CPCJ) no centro da prevenção e remoção do perigo e na dinamização da comunidade para o efeito” (Calheiros, Garrido, & Santos, 2011, p. 34). Neste âmbito, RF2 informa que muitas vezes as crianças [...] *são encaminhadas pela Comissão de Protecção de Menores para a Instituição.*

b) Atividades culturais das crianças nos tempos livres

Determinámos esta categoria com a finalidade de apurar as atividades culturais das crianças, nos seus tempos livres. Para chegarmos às atividades de leitura desenvolvidas nas instituições, considerámos pertinente conhecer o que estas proporcionavam às crianças em termos culturais, nomeadamente nos seus tempos livres, fora do contexto escolar.

Tabela 4

2ª Categoria: Atividades culturais das crianças nos tempos livres		
Subcategorias	Indicadores	Participantes
	Desporto (2)	RA1 e RF2
	Literatura (2)	RA1 e RF2
	Música (2)	RA1 e RF2
	Expressão dramática (1)	RA1
	Dança (1)	RF2
Atividades culturais	Expressão Plástica (1)	RF2
	Atividades de lazer (ver televisão, ir à Internet, jogar computador) (1)	RF2
	Duas a três horas por dia	RA1
Tempo disponível	(1)	
	Uma hora (1)	RF2

Existem diversas atividades culturais desenvolvidas nos tempos livres das crianças, pois como indica RA1, são muitas crianças e têm *que ocupar o seu dia fora do horário escolar*. Neste âmbito, a ocupação dos tempos livres é feita com atividades [...] *a nível do desporto, da literatura e da música* (RA1), de [...] *expressão plástica [...] e dança* (RF2), muitas vezes promovidas e dinamizadas por associações particulares que apoiam estas instituições, como por exemplo a CRIAMAR (Associação de solidariedade social para o desenvolvimento e apoio a crianças e jovens).

Também são desenvolvidos alguns projetos culturais nas Instituições, como é o caso do projeto *Academia de Valores* que, segundo RA1, promovem atividades no âmbito da [...] *escrita criativa, a expressão dramática, o coro infantil*.

Algumas crianças [...] *dispõem de muito tempo livre, porque não estão inseridas em nenhuma atividade* (RF2), muitas vezes porque não querem ou não estão interessadas em participar. No entanto *há outro tempo livre em que elas se auto-organizam* (RA1). Esse tempo é organizado de acordo com os seus gostos e interesses. Assim *os que gostam mais de ler, vão ler, os que gostam de ver televisão, vão ver televisão, outros vão para o computador [...]* (RA1).

Segundo Gomes (2010), as instituições de acolhimento devem privilegiar atividades culturais e, para isso, é preciso ter em conta os gostos e interesses das crianças, promovendo a sua participação e envolvimento, uma vez que “(...) lhes permite o desenvolvimento de competências sociais, colocando a criança e o jovem em contacto com modelos relacionais adequados que podem representar benefícios em termos da sua auto-estima e do seu sentimento de pertença” (p.318).

No que diz respeito ao tempo disponível que as crianças têm para participar em atividades culturais, RA1 afirma que têm aproximadamente *duas a três horas por dia*. No entanto diz que a escola preenche muito o seu tempo.

Segundo a participante RF2, muitas atividades são estabelecidas pela Instituição, no entanto as crianças [...] *dispõem normalmente de uma hora para fazerem o que quiserem, ler um livro, ver televisão [...]*.

c) Perspetiva das responsáveis sobre os hábitos de leitura das crianças

Os hábitos de leitura das crianças constituíram um dos pontos cruciais da nossa entrevista. Sendo assim, com esta categoria, tencionávamos saber se as crianças aproveitavam os seus tempos livres para ler e se essas leituras eram recomendadas, ou orientadas, se eram leituras desenvolvidas em contexto escolar ou se simplesmente liam pelo simples prazer de ler, pelo seu interesse pelos livros e pela leitura literária.

Tabela 5

3ª Categoria: Perspetiva das responsáveis sobre hábitos de leitura das crianças		
Subcategorias	Indicadores	Participantes
	Atividades desenvolvidas pela CRIAMAR (2)	RA1 e RF2
Atividades relacionadas com a leitura	Projeto “Academia de Valores” (2)	RA1 e RF2
	Banalizam a leitura por completo (1)	RA1
Interesse das crianças pela leitura	São muito poucos os que leem por vontade própria (1)	RF2

Em primeiro lugar solicitámos às participantes que nos elucidassem quanto às atividades de leitura promovidas e dinamizadas nas Instituições. Com esta informação ficaríamos a conhecer, de um modo geral, os incentivos relativamente a esta prática.

Apercebemo-nos desde logo pelo interesse das responsáveis em promover este tipo de iniciativas junto das crianças, uma vez que [...] *a própria instituição procura fomentar estas atividades [...], bem como [...] transmitir o gosto pela leitura (RA1).*

No que se refere às atividades de leitura propriamente ditas, as Instituições contam com alguns apoios, como já referimos anteriormente, nomeadamente a Associação CRIAMAR e o projeto *Academia de Valores* que procura fomentar a escrita criativa.

Relativamente à intervenção cultural da CRIAMAR, no campo da literatura, foi realizado um estudo cuja “atividade teve como objectivos a socialização entre o grupo e a dinamizadora, a análise sobre as preferências literárias de cada um e o contacto com outros géneros literários” (Marques, 2011, p. 56). O nosso conhecimento sobre este estudo foi importante, na medida em que nos esclareceu, de uma forma geral, sobre os hábitos de leitura das crianças e as suas preferências e interesses sobre a literatura.

Assim, verificámos que, no campo da leitura infantil, existem alguns apoios que procuram promover, dinamizar e motivar as crianças para esta prática cultural.

Para além disso, as próprias instituições pretendem sempre estimular nos mais novos o gosto pela leitura, como por exemplo: [...] *levando-os às livrarias (RA1), ou sugerindo [...] às crianças que no Domingo, entre as 21h e as 22h30, lessem um livro, nem que fosse algumas frases, algumas palavras, uma página do livro (RF2).*

De seguida considerámos fundamental conhecer a perspetiva das responsáveis sobre o interesse e gosto das crianças em ler. Sobre este assunto estávamos conscientes de que as respostas não seriam as mais animadoras uma vez que, na generalidade “o hábito leitoral, em Portugal, nunca adquiriu estatuto cultural, como noutros países, que ainda não o perderam” (Cadório, 2001, p. 10).

Existem alguns estudos estatísticos publicados em 1991 (Freitas e Santos 1991), em 1997 (Freitas, Casanova e Alves, 1997) e em 2007 (Santos, Maria; Neves José; Lima Maria; e Carvalho, Margarida, 2007) que, apesar do melhoramento dos índices de escolaridade, e da evolução no âmbito da promoção e dinamização da leitura, comprovam que os portugueses têm fracos hábitos de leitura.

As crianças destas Instituições não são exceção. Muitas vezes [...] *banalizam a leitura por completo* [...] (RA1). Segundo a participante RA1 os fracos índices de leitura das crianças [...] *também têm a ver com as experiências iniciais de vida* [...].

A participante RF2 também partilha da mesma opinião ao afirmar que *são mesmo poucos os que leem por vontade própria apesar de haver incentivos para tal* [...].

No entanto, RA1 procura ser otimista e dá alguns exemplos de situações pontuais sobre o interesse das crianças pela leitura:

[...] Eu há tempos estive com um dos miúdos na Bertrand e ele por iniciativa própria selecionou um livro que queria, porque já tinha ouvido falar do autor e do título na escola [...], sentou-se numa mesa e começou a ler, há coisas que nos surpreendem [...] (RA1);

Às vezes pensamos que uma criança não estima o livro, mas ela estima e muito. Muitas vezes até têm muitos livros que não leem, mas se for um livro oferecido eles gostam muito [...] (RA1);

Há noite por vezes estão a ler só com um fio de luz da casa de banho, para enganar e pensarmos que já estão a dormir [...] mas estes são mesmo casos excecionais. (RA1);

[...] Quando vemos as crianças e jovens a pegar numa obra de Eça de Queirós, que pensamos que já ninguém lê, e levam esse livro para a mesa-de-cabeceira, para o quarto [...], acho isso uma coisa extraordinária (RA1);

A participante RF2 deixa uma sugestão, no que diz respeito ao interesse da criança pela leitura, ao afirmar que *é fundamental a orientação e o incentivo dos mais velhos, como por exemplo levar um livro à criança, dar-lhe a conhecer algumas leituras, para assim transmitir este gosto pela leitura* [...].

- d) Apreciação das responsáveis sobre o projeto de leitura (entrevista realizada após a implementação do projeto).

Esta categoria surge no âmbito das entrevistas realizadas às responsáveis, após a implementação das atividades de leitura. Deste modo, pretendíamos aferir a opinião das responsáveis em relação às atividades que foram desenvolvidas e ao seu interesse na continuidade das mesmas.

Tabela 6

4ª Categoria: Apreciação das responsáveis sobre o projeto de leitura		
Subcategorias	Indicadores	Participantes
	Muito interessante (1)	RA1
	Divertiram-se neste projeto	
Opinião das responsáveis sobre o projeto	(1)	RA1
	Está de parabéns (1)	RF2
	Incentivou as crianças (1)	RF2
	Nota-se uma evolução (1)	RF2
	Seria fundamental (1)	RA1
	Seria extraordinário (1)	RA1
Interesse das responsáveis na continuidade do projeto	Isso é um desejo que eu tinha (1)	RF2
	Era importante (1)	RF2
	Deveria ter continuidade (1)	RF2

A opinião das responsáveis sobre a implementação de atividades de leitura foi unânime. Ambas consideraram que *foi um projeto bastante interessante* (RA1) e que *incentivámos [...] as crianças um bocadinho mais [...] a olhar para o livro como um amigo [...]* (RF2).

A responsável RA1 refere que a leitura tem muito para trazer de novo à criança, mas *[...] nem sempre é devidamente promovida [...]* apesar de considerar que as crianças até aderem a este tipo de iniciativas. Indica também que *[...] a capacidade de ler e*

interpretar ainda está muito aquém daquilo que ainda se pode fazer [...], portanto, na sua opinião [...] quanto mais se fizer nesta área melhor, para desenvolver a nível cultural [...] (RA1).

A responsável RF2 congratulou-nos relativamente às atividades, pois constatou que *[...] elas tinham gosto quando cá vinha [...]* e manifestavam interesse pelos trabalhos realizados. Como a mesma refere: *Senti agora no verão esse trabalho que foi feito [...] porque elas quando foram para o Porto Santo levaram o livro. Realmente [...] nota-se uma evolução. [...] Elas levaram o livro debaixo do braço [...] eu acho que é alguma coisa que ficou* (RF2).

Quanto ao seu interesse relativamente à continuidade por este género de atividades, as responsáveis informam que *seria fundamental, extraordinário [...] porque ler e escrever é uma competência que faz bem a toda a gente e às crianças muito mais* (RA1).

A participante RF2 também manifesta o seu desejo na continuidade destas atividades. Segundo a sua opinião *[...] era importante [...] a nível da instituição [...] eu acho que era um trabalho que deveria ter continuidade.*

Consideram que é fundamental desenvolver atividades no âmbito da leitura porque reconhecem *[...] as dificuldades que apresentam na escola [...]* (RA1), principalmente na área da compreensão da leitura e da escrita, ficando *[...] muitas vezes prejudicados no seu percurso escolar [...]* (RA1). Por vezes *[...] os livros, a escola não faz sentido [...]* (RF2) para estas crianças e acabam por não ter motivação para a leitura.

Como resposta a estas dificuldades referiram que as crianças *[...] também se podem divertir com ler e escrever, como se divertiram neste projeto [...] de uma forma cultural e lúdica, ao mesmo tempo* (RA1). Segundo RF2, *é preciso trabalhar [...] de uma forma muito criativa e divertida de maneira a que eles tenham gosto em seguir [...]*.

Entrevistas realizadas às crianças

Uma vez investigadas as entrevistas às responsáveis das Instituições, demos início à análise das entrevistas às crianças. Com os resultados obtidos pretendíamos apurar quais os seus hábitos e interesses pela leitura. Considerámos que esta análise iria determinar a necessidade de intervenção de um projeto de promoção da leitura.

a) Atividades culturais das crianças nos tempos livres.

Nesta categoria pretendíamos conhecer, de um modo geral, o que as crianças compreendem por atividades culturais e apurar quais as que fazem parte dos seus tempos livres, tanto na sua residência, como na escola.

Tabela 7

1ª Categoria: Atividades culturais das crianças nos tempos livres		
Subcategorias	Indicadores	Participantes
	Fazer desporto (2)	F1, F4
	Ver televisão (8)	F1, F4, F6, A1, A2, A3, A4, A5
	Ler (9)	F2, F3, F4, F5, F6, A2, A3, A4, A6
Na residência	Brincar (12)	F1, F2, F3, F4, F5, F6, A1, A2, A3, A4, A5, A6
	Ir à Internet (2)	F2, F3
	Estudar (3)	F6, A4, A6
	Passear (1)	A5
	Brincar (8)	F1, F4, F6, A1, A2, A3, A4, A5
	Jogar à bola (3)	A1, A2, A5
Na escola	Desenhar (1)	F2
	Ler na Biblioteca (6)	F3, F5, F6, A2, A4, A6
	Estudar (2)	F6, A6

Quando foi realizada a primeira questão sobre o que as crianças faziam nos seus tempos livres, pretendíamos verificar de que forma ocupavam esse tempo. Considerámos à partida que o grupo iria referir algumas atividades desenvolvidas no âmbito cultural, tais como, nas áreas da literatura, artes plásticas, arte dramática, música, entre outras. No entanto, a maior parte referiu que o seu tempo livre era ocupado com atividades de lazer.

Na sua residência, as atividades privilegiadas são *ver televisão* e *brincar* com os amigos. Na escola aproveitam o tempo livre para *brincar* e *jogar à bola*.

É de referir que a maioria respondeu que ocupava as horas disponíveis para *ler*, ou para atividades relacionadas com a prática da leitura. Considerámos que esta última resposta foi ligeiramente induzida, dado que os participantes já tinham conhecimento dos objetivos da entrevista.

Segundo as entrevistas que realizámos às responsáveis das instituições, as crianças deixam a leitura para segundo plano e preferem ocupar os seus tempos livres, vendo televisão, jogando no computador e brincando com os amigos.

As responsáveis também referiram que, em geral, banalizam a leitura e raramente leem por prazer ou como forma de ocupar esses tempos. As crianças que participaram nestas entrevistas não são exceção. Deste modo, confrontando as suas respostas com as das responsáveis, constatamos que não estavam a ser totalmente sinceras relativamente à forma de ocupar os tempos livres na residência.

b) Interesses e gostos culturais das crianças

Desenvolvemos esta categoria com a finalidade de identificar o que as crianças gostam de fazer e quais os seus interesses em termos de atividades culturais.

Era nossa intenção apurar se referiam a leitura e/ou leitura literária como sendo uma prática do seu interesse.

Tabela 8

2ª Categoria: Interesses e gostos culturais das crianças		
Subcategorias	Indicadores	Participantes
	Atividades na praia (4)	F1, F2, F3, F5
	Ir ao cinema (1)	F2
O que gostam	Fazer desporto (9)	F3, F4, F6, A1, A2, A3, A4, A5, A6
	Dançar (2)	F4, F6
	Tocar viola (1)	F6
O que não gostam	Pintar (1)	F2
	Estudar (2)	A1, A2

Verificámos que atividades que agradam às crianças estão relacionadas com o desporto, como por exemplo, *natação* (F5, A1, A4, A5, A6), *futebol* (A2, A4), *Basquetebol* (A3), *voleibol* (A5) e *ballet* (F5).

Pudemos constatar que a maioria das crianças gosta das atividades em que estão inseridas, à exceção de A1 e A2 que não gostam do *estudo* e F2 não gosta de *pintar*.

Nesta abordagem inicial, ninguém referiu a leitura ou literatura como atividades do seu interesse.

c) Hábitos de leitura das crianças

Esta categoria constitui o objetivo principal da nossa entrevista às crianças. Com ela pretendíamos analisar os seus hábitos de leitura, nomeadamente em relação ao interesse que têm por atividades relacionadas com esta prática, aos suportes e géneros literários a que recorrem, ao tempo que dedicam à leitura e às suas preferências literárias.

Tabela 9

3ª Categoria: Hábitos de leitura das crianças		
Subcategorias	Indicadores	Participantes
Interesse pela leitura	Gosta de ler (11)	F2, F3, F4, F5, F6, A1, A2, A3, A4, A5, A6
	Mais ou menos (1)	F1
Importância de ler	Importante para o futuro (1)	F1
	Para aprender a ler (2)	F2, F4
	Para saber alguma notícia (1)	F3
	Para ter expressividade (1)	F4
	Para aperfeiçoarmos a nossa língua (1)	F6
	Para aprender coisas novas (1)	A1
	Para melhorar a escrita e a leitura (1)	A2
	Sem a leitura não conseguimos comunicar (2)	A3, A5
Sem ler não sabemos nada (1)	A4	
Sem ler não fazemos exercícios (1)	A6	

Tabela 9: Hábitos de leitura das crianças (cont. A)

Subcategorias	Indicadores	Participantes
	Livros (12)	F1, F2, F3, F4, F5, F6, A1, A2, A3, A4, A5, A6
	Manuais escolares (2)	F1, F2
	Revistas (2)	F3, F4
Suportes de leitura	Jornais (2)	A1, A2
	Computadores (8)	F2, F4, F5, A2, A3, A4, A5, A6
	Internet (6)	F1, F2, F3, F4, F5, F6
	Fotocópias (1)	F2
	Romances (5)	F1, F2, F3, F4, F5
	Poesia (5)	F1, F2, F3, F4, A5
	Contos (3)	F1, F2, F5
Gênero de livros preferidos	Mistério/Terror (3)	F1, F2, F6
	Ação/Aventura (5)	F2, F3, F4, F6, A2
	Banda Desenhada (6)	F3, F5, A1, A3, A4, A6
	Arte/Música (2)	F4, F6
	Culinária (1)	F6

Tabela 9: Hábitos de leitura das crianças (Cont. B)

Subcategorias	Indicadores	Participantes
Tempo dedicado à leitura por dia	Meia hora (7)	F1, F2, F3, F4, F5, F6, A1
	Uma hora (4)	A2, A3, A5, A6
	Duas horas (1)	A4
Livros lidos por ano	Um livro (1)	F1
	Dois livros (4)	F2, F3, F5, A4
	Três livros (1)	F4
	Quatro livros (1)	F6
	Cinco livros (1)	A2
	Dez livros (1)	A1
	Doze livros (3)	A3, A5, A6

Tabela 9: Hábitos de leitura das crianças (Cont. C)

Subcategorias	Indicadores	Participantes
Leituras preferidas	<i>100 Bruxarias para lidar com os pais</i> (W.Disney) (1)	F2
	<i>Histórias à solta na minha rua</i> (António Torrado) (1)	F3
	<i>Viagem a um mundo fantástico</i> (J. Gaarder) (1)	F3
	<i>100 bruxarias para mostrar o melhor de ti</i> (W. Disney) (1)	F4
	<i>Freyja</i> (Nuno Morna) (1)	F5
	<i>O cãozinho mágico</i> (Sue Bentley) (1)	F6
	<i>Rita: a fadazinha do hamster</i> (D. Meadows) (1)	F6
	<i>Uma aventura no Porto</i> (Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada) (1)	A1
	<i>BD Pato Donald</i> (1)	A1
	<i>As cinco quinas: O segredo do conde de Faia</i> (Maria João Carvalho) (1)	A3
	<i>Uma aventura: na casa assombrada</i> (Ana M ^a Magalhães e I. Alçada) (1)	A2
	+ <i>365 piadas</i> (2)	A3, A5
	<i>Peter Pan</i> (1)	A3
	<i>Branca de Neve</i> (1)	A4
	<i>Garfield</i> (2)	A4, A6
<i>Pequena Sereia</i> (1)	A6	

Tabela 9: Hábitos de leitura das crianças (Cont. D)

	Gosta de ouvir histórias (12)	F1, F2, F3, F4, F5, F6, A1, A2, A3, A4, A5, A6
Práticas de leitura	Gosta de contar histórias (9)	F2, F3, F4, A1, A2, A3, A4, A5, A6
	Gosta de ler para outras pessoas (7)	F2, F3, F4, A2, A4, A5, A6

No respeitante ao interesse pela leitura, perguntámos as crianças se gostavam de ler. Praticamente todas responderam que sim. Só F1 respondeu *mais ou menos*.

De forma a compreender melhor os seus hábitos, introduzimos uma questão que visava saber a importância que a leitura tem para as crianças. Obtivemos respostas variadas, mas todas referiram o quão importante é esta prática. Neste sentido, disseram que a leitura é importante para [...] *o futuro* (F1), [...] *aperfeiçoarmos a nossa língua* (F6), [...] *aprendermos coisas novas* (A1) e [...] *ter expressividade* (F4).

Segundo os participantes A3, A4, A5 e A6, se não lermos [...] *não conseguimos comunicar*, [...] *não fazemos exercícios*, [...] *não sabemos nada*.

Posteriormente perguntámos quais os suportes de leitura a que elas recorriam. Todas indicaram o *livro* como suporte mais utilizado. Também referiram outros meios como *os computadores* e a *internet*.

Relativamente ao género literário preferido dos participantes foi género narrativo o indicado, com referência a *romances*, *contos*, *ação* e *aventura*. A poesia foi também indicada. A maioria mencionou a *banda desenhada* como uma das suas preferências.

Quisemos também apurar quanto tempo por dia as crianças dedicavam ao ato de ler e quantos livros liam, aproximadamente, por ano. Em relação à primeira questão as respostas foram unânimes: a maioria lê de meia hora a uma hora por dia.

No que diz respeito à leitura de livros por ano, auferimos diferentes respostas. Algumas disseram que liam um a três livros por ano, no entanto afirmaram que [...] *mesmo*

assim é pouco (F1 e F4), outras referiram que leem uma média de [...] *dez a doze livros por ano* (A1, A3, A5 e A6).

Outra questão pertinente foi a leitura preferida das crianças. Como um dos objetivos da nossa investigação seria implementar um projeto de leitura, considerámos fundamental conhecer os livros que mais gostaram de ler. Assim, verificámos que alguns participantes preferiam livros de aventura como é o caso de *Uma aventura: na casa assombrada* de Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada (A2); *As cinco quinas: o segredo do Conde de Faia* de Maria João Carvalho (A3); *Uma aventura no Porto* de Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada (A1) e *Uma viagem a um mundo fantástico* de Jostein Gaarder (F3).

Outros têm preferência pelos contos, tais como: *O cãozinho mágico* de Sue Bentley (F6); *Freyja* de Nuno Morna; *Histórias à solta na minha rua* de António Torrado (F3); *Rita: a fadazinha do hamster* (Daisy Meadows) (F6); *A pequena sereia* (A6); *A branca de neve* (A4). E ainda outros se interessaram por livros infantis de ficção: *100 bruxarias para mostrar o melhor de ti* de Walt Disney (F4); *100 bruxarias para lidar com os pais* de Walt Disney (F2) e a coleção + *365 piadas* (A3 e A5).

Mediante os interesses e opiniões dos participantes sobre a leitura, terminámos esta categoria com a intenção de verificar o seu interesse sobre as diversas práticas de leitura. Neste âmbito questionámos as crianças se gostavam de contar e ouvir histórias ou de ler para outras pessoas. Praticamente todos gostam de ouvir e contar histórias, no entanto nem todos se interessam pela leitura em voz alta ou ler para outras pessoas.

d) Projeto de promoção de leitura

O tema que constitui a quarta e última categoria tem como finalidade conhecer a opinião dos entrevistados em relação à implementação de atividades de leitura e o seu interesse em participar nas mesmas.

Tabela 10

4ª Categoria: Projeto de promoção de leitura		
Subcategorias	Indicadores	Participantes
	Mais atividades de leitura nos tempos livres (12)	F1, F2, F3, F4, F5, F6, A1, A2, A3, A4, A5, A6
Interesse das crianças em participar	Gostava de participar (12)	F1, F2, F3, F4, F5, F6, A1, A2, A3, A4, A5, A6

Verificámos que a intenção de promover e dinamizar atividades de leitura nas instituições foi muito bem aceite por todos os participantes. Estavam curiosos em relação ao tipo de atividades que seriam desenvolvidas e consideraram que deveriam existir mais atividades de leitura nos seus tempos livres.

Projeto de promoção de leitura infantil

A análise do projeto de promoção de leitura foi fulcral para identificarmos a motivação das crianças em participar no projeto, para conhecermos o seu interesse pelos livros e pela leitura infantil e para apurarmos se existe a necessidade de promover este tipo de atividades nas instituições.

Como já referimos anteriormente, estruturámos o nosso projeto de promoção de leitura através de um programa de atividades composto por onze sessões.

A análise da implementação do projeto foi realizada através das nossas observações, notas de campo, registos fotográficos e outros documentos. Procurámos confrontar esta análise com outros estudos relacionados com os hábitos de leitura das crianças e com outros projetos de promoção de leitura.

Relativamente à identificação dos participantes optámos por aplicar o mesmo esquema utilizado para a análise das entrevistas (Tabela 1 e 2, p. 48). Deste modo as crianças do Abrigo infantil da Nossa Senhora da Conceição serão referidas por A1, A2, A3, A4, A5 e A6 e as crianças da Fundação Patronato de São Filipe por F1, F2, F3, F4, F5 e F6.

Os espaços disponibilizados para as sessões de leitura foram a sala de atividades do Abrigo (Figura 1) e a ludoteca da Fundação (Figura 2). Constatámos que as salas tinham excelentes condições e eram adequadas às atividades que pretendíamos realizar.



Figura 1: Sala de Atividades



Figura 2: Ludoteca

Perante as informações inseridas nos planos das sessões, compreendidas como observações/notas de campo, demos início à análise do projeto.

1ª Sessão:

A primeira sessão de leitura intitulou-se *À procura de palavras...à procura de livros* e teve como principais objetivos motivar as crianças para a leitura através do jogo, estimular a sua criatividade e identificar alguns livros do seu conhecimento.

A sessão foi realizada na sala de atividades do Abrigo da Nossa Senhora da Conceição com os participantes A1, A2, A3, A4, A5 e A6 e na ludoteca da Fundação Patronato de São Filipe com F1, F2, F3, F4, F5 e F6.

Neste primeiro encontro, tentámos criar um ambiente descontraído e lúdico motivando o grupo para a animação da leitura através do jogo.

Segundo Castro (2007), o jogo é uma das melhores formas de ocupar os tempos livres, quer seja em família, quer seja na escola, com amigos, ou mesmo sozinhos.

Para o citado autor “jogando desenvolvemo-nos física, mental e emocionalmente, ao mesmo tempo que mantemos a nossa inteligência e reflexos despertos” (p.139).

Na perspectiva de Solé (1991), não podemos considerar o jogo somente como um passatempo ou uma diversão, mas também como “uma aprendizagem para a vida adulta”, uma vez que “os jogos contribuem para o desenvolvimento, a acção, a decisão, a interpretação e para a socialização da criança” (p.16).

Castro (2007) refere que as atividades desenvolvidas através de jogos ocupam um lugar privilegiado nas metodologias e técnicas de ensino e que estas também procuram “estimular o desenvolvimento das capacidades” (p.141). Para Solé (1991) é o educador que irá ajudar a desenvolver na criança a capacidade de se fazer a si própria, “adaptando-se a um mundo que muda cada vez mais depressa, ajudá-la a conquistar certa autonomia e a conhecer o mundo que a rodeia” (p.18).

Como já conhecíamos alguns dos seus gostos relacionados com jogos, optámos por realizar *o jogo do stop* (Anexo 9, p. 139). Pretendíamos que as crianças se lembrassem de livros que leram ou que gostassem de ler, sem utilizar nenhum tipo de ajuda ou auxiliar.

Deste modo, apresentámos o jogo ao grupo. Para Castro (2007) uma boa apresentação requer “a utilização de uma linguagem simples, clara e acessível e implica imaginação, criatividade, fantasia e facilidade, na maneira como se propõe, sugere, explica e apresenta os jogos” (p.144).

De seguida explicámos as regras que “devem ser (...) claras e facilitadoras para todos (...), devem ser poucas, simples (...), devem ser bem entendidas e devem ser cumpridas” (Castro, 2007, p. 147).

Praticamente todas as crianças de ambos os grupos tinham conhecimento das regras e estavam muito motivadas para participar nesta atividade. Só A4, A6 e F1 não conheciam o jogo e sentiram alguma dificuldade em acompanhar os restantes colegas. No entanto, também mostraram interesse em participar.

Relativamente à escolha de palavras para a temática *livros* constatámos que quase todos recorreram aos livros que estavam nas estantes das salas à procura de títulos, à exceção de A3 que foi a única criança que escolheu títulos de livros sem qualquer tipo de ajuda.

No final da sessão considerámos que as crianças deveriam preencher uma ficha de apreciação pessoal (Anexo 9, p. 140) em relação ao jogo. Deste modo poderíamos

identificar o seu interesse e gosto pela atividade realizada e as suas dificuldades para encontrar palavras.

De acordo com Castro (2007, p. 148), as avaliações são sempre importantes e úteis e permitem concluir sobre o sucesso e o insucesso do jogo, o que correu bem e o que correu mal, o que mais gostaram, o que menos gostaram, sugestões e outras coisas mais”.

A avaliar pela apreciação pessoal dos participantes, consideramos que esta atividade foi bem sucedida, uma vez que todos os participantes gostaram do jogo e a maioria queria repeti-lo.

2ª Sessão

A atividade decorreu no Abrigo da Nossa Senhora da Conceição com os participantes A1, A2, A3, A4, A5, A6. Também foi realizada com os participantes F1, F2, F3, F4, F5, na ludoteca da Fundação. A criança F6 foi a única que não esteve presente porque tinha uma visita de um familiar.

Esta sessão teve como título *Os livros da minha terra* e com ela pretendíamos que os participantes adquirissem conhecimentos sobre alguns autores madeirenses e/ou livros de literatura madeirense destinados ao público infanto-juvenil. Também era nossa intenção motivar os grupos para a leitura em voz alta e verificar o seu interesse por esta prática da leitura.

Segundo Jean (2011) ler em voz alta “é projectar-se para os outros, para que eles tenham por fim o desejo de ler aquilo que ouvem”. Para o autor esta prática é “um meio de comunicação, fonte na história e (...) de convívio cultural” (p.192).

A leitura em voz alta é “(...) uma prática pedagógica, de convívio, ritual (...) ela é para todo o programa de formação, uma prática a dominar em absoluto, num mundo saturado de imagens e virtualidades” (Jean, 2011, p. 193).

De acordo com Pennac (1993, p. 165) “o homem que lê em voz alta expõe-se totalmente aos olhos que o escutam”. É fundamental que ele saiba ler bem para cativar o ouvinte, pois se ele ler verdadeiramente “(...) então os livros abrem-se por completo, e a multidão dos que se julgavam excluídos da leitura, mergulham nela atrás dele” (Pennac, 1993, p. 165).

Deste modo, considerámos que através da leitura em voz alta estaríamos a motivar e a incentivar a criança para o interesse e gosto de ler. Como refere Morais (1997, p. 164) “ouvir a leitura, em voz alta (...) cria o desejo de ler por si mesmo, desejo tão irresistível como o de caminhar sozinho”. Para este autor o primeiro passo para a leitura é ouvir livros.

Morais (1997, p.165) destaca três funções da audição da leitura por outra pessoa:

- A nível cognitivo: “ensina a interpretar melhor os factos e os actos, a organizar e a reter melhor a informação, a elaborar melhor cenários e esquemas mentais”;
- A nível linguístico: “(...) leva a criança a acrescentar e a estruturar o seu repertório de palavras e a desenvolver estruturas sintáticas (...)”;
- A nível afetivo: “(...) a criança descobre o universo da leitura pela voz, plena de entoação e de significado, daqueles em quem ela tem mais confiança e com quem se identifica”

Na perspetiva de Jean (2011), é necessário ter algumas noções precisas de fonética para quem lê em voz alta. Assim, de acordo com o autor, a voz alta do leitor está ligada “à respiração, ao fôlego, à articulação, à produção dos sons e fonemas da língua na qual está escrito o texto que tem de se ler” (p.161).

Após conhecermos algumas das estratégias para a leitura em voz alta, seleccionámos alguns livros. Em primeiro lugar, cada criança deveria escolher um dos livros previamente seleccionados e lê-lo em silêncio. De seguida, após a preparação da leitura, pretendíamos incentivar as crianças a lerem o livro em voz alta. Os livros que seleccionámos para as crianças foram os seguintes:

- *A Madalena descobre o basquetebol* de Francisco Fernandes.
- *O menino dos olhos azuis de água* de Octaviano Correia.
- *O rapaz de pedra* de José Viale-Moutinho.
- *Irina* de Francisco Fernandes.
- *Maria e a Estrela do Mar* de Maria Aurora Carvalho Homem.
- *Será que sou neto da bruxa?* de José Viale-Moutinho.
- *Tarde gélida e coração quente – Mãos cheias de contos* de Adriana Mendes.
- *Aliane e Zaneah: dos sonhos às vitórias* de Francisco Fernandes.
- *O Quinas ganha uma casa* de Violante Saramago Matos.
- *Bruxinha Matilde e o dragão cor-de-rosa* de Isabel Fagundes.

Curiosamente, as crianças de ambos os grupos tinham os mesmos gostos e interesses. Tentámos que cada uma escolhesse um livro diferente para ler, no entanto algumas queriam ler o mesmo livro. Sugerimos que formassem grupos de dois e partilhassem a leitura.

A maior parte das crianças selecionou *A Madalena descobre o basquetebol*, de Francisco Fernandes. O interesse por este livro baseou-se no facto de gostarem muito de desporto. Deste modo, o título e a ilustração da capa foram fundamentais para a sua escolha.

Outros livros que suscitaram o interesse das crianças foram *Será que sou neto da bruxa?* de José Viale-Moutinho, *Maria e a estrela do mar* de Maria Aurora Homem, *O menino dos olhos azuis de água* de Octaviano Correia e *Aliane e Zaneah: dos sonhos às vitórias* de Francisco Fernandes.

Após a leitura sugerimos que preenchessem uma ficha (Anexo 9, p. 144) sobre esses livros. Esta ficha visava apurar a apreciação das crianças em relação aos livros lidos.

Antes de concluir a sessão perguntámos às crianças se queriam ler o livro em voz alta. Um responderam que não queriam porque não liam muito bem, outras estavam envergonhadas. No entanto, algumas crianças estavam muito motivadas para ler.

As figuras 3 e 4 ilustram alguns momentos da leitura em voz alta dos livros dos autores acima referidos.



Figura 4: Leitura em voz alta I



Figura 3: Leitura em voz alta II

Em geral, os participantes gostaram de ler os livros que escolheram. Segundo eles, acharam as histórias interessantes, identificaram-se com elas e aprenderam coisas novas. No entanto não conseguimos incentivar todas as crianças a lerem os livros em voz alta. A maioria preferiu lê-los em silêncio.

3ª Sessão

Um conto para todos foi o tema escolhido para a terceira sessão e tinha como principais objetivos dar a conhecer às crianças alguns livros infanto-juvenis do escritor José Viale Moutinho. Pretendíamos também motivá-las para o conto de histórias e verificar o seu interesse por esta prática da leitura.

De acordo com Pennac (1993) quanto mais cedo o prazer da leitura for descoberto, melhor” (p.54) e sugere que uma das maneiras de incentivar este prazer é através do conto de histórias. Rigolet (2009) também refere que “um conto está ligado a alguém que viu muito e muito aprendeu e é a forma privilegiada de transmitir experiência (...)” (p.136). Na opinião de Moutinho (2011) essa experiência também pode ser transmitida através do conto popular e tradicional que se diz e se transmite oralmente. Para o citado autor o conto é propriedade dos povos e ninguém dele se poderá apropriar.

Através de alguns contos mágicos e criativos do escritor José Viale Moutinho demos início a uma nova sessão de leitura. Esta sessão teve lugar na sala de atividades do Abrigo da Nossa Senhora da Conceição com os participantes A1, A3, A4, A5, A6 e na ludoteca da Fundação Patronato de São Filipe com os participantes F1, F3, F4, F5. É de salientar que a criança A2 deixou de participar no projeto uma vez que saiu da instituição e regressou à sua família. As crianças F2 e F6 não participaram na sessão porque tinham visitas dos familiares.

Inicialmente expusemos algumas obras de José Viale Moutinho e pedimos às crianças que escolhessem, em conjunto, um dos livros do autor.

Os livros foram os seguintes:

- *O rapaz de pedra*
- *Frei João sem cuidados*
- *O moço de cego*
- *A gaitinha mágica*
- *Os dois fradinhos*
- *O livrinho das adivinhas*
- *Pedro Pescador*
- *A sopa de pedra*
- *Será que sou neto da bruxa?*
- *Os piratas do capitão alforreca*
- *A casa dos sonhos*
- *Criadores de sonhos*
- *O menino gordo*
- *Histórias da deserta grande*

As crianças do Abrigo da Nossa Senhora da Conceição escolheram o livro *Será que sou neto da bruxa?*. Foi uma escolha unânime, uma vez que já conheciam o livro da sessão anterior e interessaram-se desde logo pela história e suas ilustrações.

Começámos a contar a história e pudemos verificar a atenção das crianças. Estavam muito interessadas e expressavam várias emoções. Também estavam curiosas para saber como o conto iria terminar.

As crianças do Patronato de São Filipe não se sentiam motivadas para participar nesta atividade e não queriam escolher nenhum livro. De forma a incentivar este grupo, informámos qual o livro escolhido pelas crianças do Abrigo e que estas tinham considerado a história muito interessante e divertida. Foi com base nesta informação que o grupo acabou por escolher o mesmo livro. É de referir que quando iniciámos o conto, o interesse destas crianças mudou completamente e estiveram muito concentradas até ao final da história.

Para concluir esta atividade, pedimos aos participantes que preenchessem uma ficha de apreciação (Anexo 9, p.148) em relação à história que ouviram. Deste modo, ficaríamos a conhecer o seu interesse e gosto pelo conto de histórias. As figuras 5 e 6 demonstram alguns momentos da atividade.

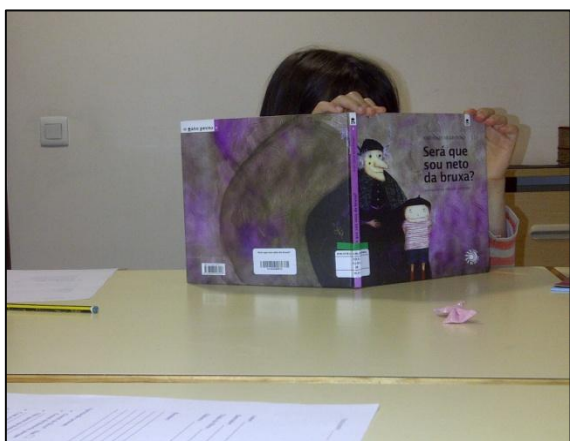


Figura 6: Contar histórias I



Figura 5: Contar histórias II

Praticamente todas as crianças gostaram do conto. Os participantes A1, A6 e F1 acharam a história engraçada, A3 e A5 afirmaram que era muito interessante e a criança A4 também gostou da história porque era muito divertida. As crianças F3 e F4 gostaram porque falava de uma bruxa e o participante F5 referiu que até teria piada se a sua avó fosse mesmo uma bruxa.

Mediante as suas respostas, concluímos que as crianças gostam muito de ouvir histórias, apesar de inicialmente não estarem motivadas para tal. Constatámos que contar histórias poderá ser um meio para estimular a sua criatividade e imaginação e uma forma de motivá-las para o gosto e o prazer de ler.

4ª Sessão

A 4ª sessão tem como tema *Imaginação sem limites: escrita criativa*. Foi realizada na sala de atividades do Abrigo da Nossa Senhora da Conceição, com os participantes A1, A3, A4, A5 e A6 e na ludoteca da Fundação Patronato de São Filipe, com os participantes F1, F2, F3, F4, F5 e F6.

Com esta sessão pretendíamos motivar as crianças para a escrita criativa, verificar a sua imaginação e motivação e apurar o seu interesse pela atividade.

Tendo em conta que as crianças já conheciam o livro *Será que sou neto da bruxa?* de José Viale Moutinho, sugerimos que criassem uma história, inspirando-se nesse livro. Sendo assim, entregámos a cada criança uma ficha com a seguinte questão: “Imagina que sonhavas com uma bruxa. Como seria esse sonho?”.

De início as crianças não estavam muito interessadas em imaginar a história e não foi fácil incentivá-las. Afirmaram que estavam cansadas e já só pensavam no final do ano letivo e nas férias de verão. No entanto, tudo mudou quando começaram a imaginar a história. Através das figuras 7 e 8 é possível verificar a concentração e dedicação das crianças no momento da criação das suas histórias.

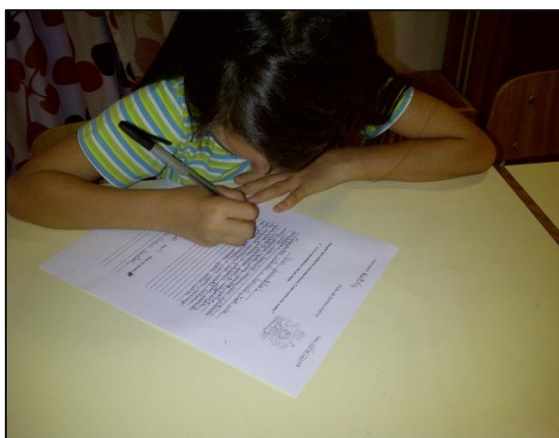


Figura 7: Escrita criativa I



Figura 8: Escrita criativa II

Constatámos o grande entusiasmo das crianças pela atividade. Os seus textos estavam repletos de momentos criativos e originais, embora possuísem alguns erros gramaticais. De facto, a sua capacidade de imaginação não tem limites.

É de referir que a participante A4 não quis participar na atividade porque não gostava de criar e imaginar histórias. Deste modo, sugerimos que, enquanto os colegas criassem as histórias, a criança lesse um dos livros que se encontrava nas estantes da sala. Aceitou a nossa sugestão.

No final da sessão os participantes realizaram a apreciação da atividade (Anexo 9, p. 152). Apesar de inicialmente não estarem motivadas, todas responderam que gostaram de criar a sua história. Os participantes A1, A3, A5, A6, F2, F4 e F6 gostaram da atividade porque gostam de ler, escrever, imaginar e criar histórias. Os participantes F1 e F3 também gostaram porque é divertido imaginar histórias e aprendem a não dar erros. A criança F5 respondeu que gostou da atividade porque estimulou a sua imaginação.

Considerámos que esta atividade deveria fazer parte do nosso projeto porque também constituiu um incentivo à leitura. Promover o prazer da escrita é também uma forma de motivar a criança para o gosto de ler.

5ª Sessão

Esta sessão foi realizada no quintal do Abrigo da Nossa Senhora da Conceição e nela participaram as crianças A1, A3, A4, A5, A6. Também as crianças F1, F2, F3, F4, F5 e F6 participaram na mesma atividade, realizada na ludoteca da Fundação Patronato de São Filipe.

Uma história aos quadrinhos: parte I foi o título escolhido para esta sessão e teve como objetivos principais motivar os participantes para a leitura de diferentes géneros narrativos, adaptar o livro do escritor José Viale Moutinho para uma banda desenhada e apurar a motivação e interesse das crianças pela atividade.

Após comunicarmos os objetivos da sessão aos participantes, demonstrámos um exemplo de uma Banda Desenhada (BD) e explicámos que para criar este género narrativo é necessário planificar um guião. Deste modo planificámos a BD de acordo com os tópicos sugeridos por Figueiredo, Nery, & Leite (2013, pp. 35-41):

- Vinheta: Aqui indica-se o número da Vinheta. Por ex.: Vinheta 1;
- Plano: Tipo de plano a utilizar. Por ex.: plano médio;
- Descrição: Descrição do desenho a realizar.
- Diálogos e textos de apoio: Descrevem-se os textos, diálogos e legendas nos balões;

Segundo os autores acima mencionados, “a história de uma BD inicia-se sempre com a localização da narrativa num determinado espaço e num determinado tempo, sob a forma de relato” (Figueiredo, Nery, & Leite, 2013, p. 36). Referem ainda que a BD é desenhada página a página e cada página é designada por prancha. Por sua vez, cada prancha é constituída por diferentes quadrinhos que se chamam vinhetas.

As vinhetas possuem diferentes planos que definem o afastamento ou a proximidade da imagem desejada. Os espaços na vinheta onde se introduz o texto narrativo são chamados de balões. Aqui são transmitidos os diálogos, os pensamentos e os enquadramentos necessários à história.

Mediante a planificação da BD tivemos em consideração os seguintes passos (Figueiredo, Nery, & Leite, 2013, p. 41): escolher as personagens e as suas características; pensar na história e no espaço onde se desenrola a ação; desenhar a história a lápis; passar o desenho a tinta com uma simples caneta, ou marcador de ponta fina preto; pintar os desenhos com lápis de cor.

Uma vez que o tempo para a realização da BD era limitado, optámos por introduzir no plano do guião, as vinhetas, os planos, os diálogos, os textos de apoio e as descrições dos desenhos. De acordo com estas informações, as crianças só teriam que introduzir os textos, diálogos e legendas nos balões, bem como realizar os desenhos e pintá-los. As figuras 9 e 10 retratam alguns desses momentos.



Figura 9: Banda Desenhada I



Figura 10: Banda Desenhada II

Queríamos que se inspirassem nas ilustrações do livro *Será que sou neto da bruxa?* de José Viale Moutinho, para criarem a história e os desenhos.

Dividimos a atividade em duas partes, dada a sua extensão. Sendo assim, nesta sessão as crianças introduziram os textos e diálogos nos balões e desenharam as descrições a lápis. A segunda parte da atividade (realizada na 6ª sessão) serviu para pintarem os desenhos.

Cada grupo criou a sua banda desenhada, composta por onze páginas. Sugerimos às crianças que escolhessem em conjunto os planos. Sendo assim, a seleção dos planos, e a descrição dos textos e das ilustrações ficaram organizadas da seguinte forma:

Grupo 1

- Página 1 e 6: Participante A4
- Página 2 e 7: Participante A6
- Página 3 e 8: Participante A1
- Pagina 4 e 9: Participante A3
- Página 5: Participante A5

Grupo 2

- Página 2 e 5: Participante F2
- Página 3: Participante F5
- Pagina 6 e 7: Participante F6
- Página 8, 9 e 10: Participante F1
- Página 11: Participante F4
- Página 1 e 4: Participante F3

O grupo 1 não conseguiu concluir as páginas 10 e 11 da BD, uma vez que o tempo era escasso e, comparando com o grupo 2, tinha menos um elemento. No entanto constatámos que as crianças estavam satisfeitas com o seu resultado e entusiasmadas para terminá-la na próxima sessão.

Apesar de, inicialmente, alguns participantes estarem um pouco desmotivados para introduzir os textos e os diálogos na BD, podemos afirmar que esta atividade foi uma das mais apreciadas, até porque já conhecíamos os seus gostos pela leitura de Bandas Desenhadas, pela pintura e pelo desenho.

Considerámos que a sessão foi concluída com sucesso. O facto de ser realizada em conjunto fez com que o grupo se unisse e existisse uma grande entreajuda.

As imagens 11 e 12 procuram demonstrar algumas etapas da realização da Banda Desenhada.



Figura 11: Ilustração da BD



Figura 12: Descrição dos diálogos

6ª Sessão

Com a presente sessão, intitulada *Uma história aos quadradinhos: parte II*, queríamos que os participantes concluíssem a segunda parte da Banda Desenhada. A atividade contou com a participação de A1, A3, A4, A5, A6, no Abrigo da nossa Senhora da Conceição e com as crianças F1, F2, F3, F4, F5, F6, na Fundação Patronato de São Filipe.

Após planificarmos o guião da BD e introduzirmos os primeiros passos para a sua realização (como por exemplo, inserir as ilustrações, os textos e os diálogos), solicitámos que finalizassem a sessão pintando as ilustrações.

Em primeiro lugar teriam que passar os desenhos com uma caneta de ponta fina preta e, posteriormente teriam que pintá-los.

Optámos por trocar as Bandas Desenhadas dos grupos, ou seja, o grupo 1 (grupo do Abrigo da Nossa Senhora da Conceição) pintou as ilustrações do grupo 2 (grupo da Fundação Patronato São Filipe) e vice-versa. Considerámos que desta forma as crianças poderiam conhecer as diferentes perspetivas da BD e poderiam opinar em relação aos outros trabalhos.

Inicialmente as crianças ficaram apreensivas, por não ser a sua BD. No entanto, quando começaram a pintar, constatámos que estavam preocupadas em desenvolver um bom trabalho e estavam curiosas por saber a quem pertencia as ilustrações que pintavam. Assim, as pinturas ficaram organizadas da seguinte forma:

Grupo 1

- Página 1 e 3: Participante A3
- Página 2, 8 e 9: Participante A5
- Página 4 e 5: Participante A6
- Página 6 e 7: Participante A1
- Página 10 e 11: Participante A4

Grupo 2

- Página 1 e 5: Participante F3
- Página 2 e 3: Participante F6
- Página 4: Participante F1
- Página 6: Participante F2
- Página 7 e 9: Participante F4
- Página 8: Participante F5

Com esta atividade foi possível verificar uma grande dedicação por parte das crianças em querer fazer um excelente trabalho, visto que a responsabilidade era maior por se tratar da banda desenhada do outro grupo. Alguns desses momentos estão representados nas figuras 13 e 14.



Figura 13: Pintar a BD

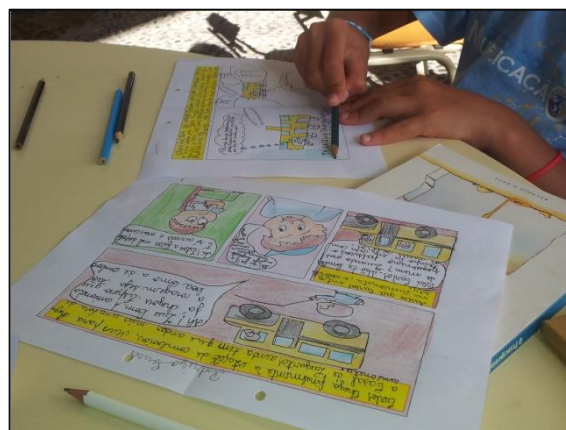


Figura 14: Conclusão da BD

Constatámos que esta atividade foi fundamental para o nosso projeto e que desde logo cativou o interesse das crianças. O resultado final não poderia ser melhor (Anexo 9, p. 160-161).

7ª Sessão

Após desenvolvermos algumas atividades relacionadas com os livros infantis de José Viale Moutinho, considerámos interessante realizar um encontro literário entre o escritor e as crianças das duas instituições. Deste modo, estabelecemos um primeiro contacto com a finalidade de convidá-lo e obtivemos de imediato uma resposta positiva.

Num primeiro encontro com o escritor informámo-lo sobre os objetivos gerais do nosso projeto, bem como relativamente às atividades de leitura desenvolvidas e o público a que se destinam.

Procurámos demonstrar, desde logo, que este encontro seria fundamental para o projeto, uma vez que pretendíamos promover a leitura e livros infanto-juvenis de escritores madeirenses e queríamos proporcionar às crianças a oportunidade de conhecer o autor dos livros que fizeram parte das atividades introduzidas nas sessões. O escritor interessou-se de imediato pelo projeto de leitura e pelo contexto em que as crianças estavam inseridas. Sugeriu desenvolver uma atividade com elas e apresentou algumas ideias e sugestões.

Após estabelecermos os contactos e solicitarmos as devidas autorizações para o encontro literário, iniciámos a sétima sessão de leitura intitulada *Vem aí o escritor*. Esta sessão teve como objetivos principais, preparar a chegada do escritor José Viale Moutinho à instituição, demonstrar a utilidade de outros suportes de leitura e verificar o interesse e motivação das crianças pela atividade.

Esta sessão teve lugar no Abrigo da Nossa Senhora da Conceição com a participação das crianças A1, A3, A4, A5, A6 e com as crianças F1, F2, F3, F4, F5 e F6, na Fundação Patronato de São Filipe.

Demos a conhecer às crianças a biografia do escritor. Para este efeito utilizámos o nosso computador com ligação à Internet. Assim, poderiam aceder a algumas informações sobre a sua vida e obra. Pretendíamos demonstrar às crianças outros suportes e diferentes meios de comunicação para pesquisar livros, textos, escritores e suas biografias, como é o caso da Internet. Recorremos ao sítio web www.josevialemoutinho.wordpress.com, para que pudessem pesquisar a biografia e a vasta obra do autor, nomeadamente, os seus livros para crianças. Foi possível constatar o interesse das crianças no momento em que começaram a explorar a internet para encontrar alguns dados sobre o escritor.

Após explicarmos às crianças os motivos da sua presença e realizarmos várias pesquisas sobre a sua biografia, sugerimos que, na sessão seguinte, trouxessem questões que gostassem de colocar ao escritor.

8ª Sessão

Para proporcionarmos os encontros com o escritor reunimos todas as crianças envolvidas no projeto, numa só instituição. Deste modo, as sessões foram realizadas no Abrigo infantil da Nossa Senhora da Conceição com os participantes A1, A4, A5, A6 e F2, F3, F4, F5, F6. Como já referimos em outras sessões, a criança A2 deixou de fazer parte do projeto porque regressou definitivamente à sua residência familiar. As crianças A3 e F1 também não estiveram presentes nos encontros com o escritor porque foram de férias com os seus familiares.

Esta sessão intitula-se *I Encontro com o escritor José Viale Moutinho* e teve como objetivos principais proporcionar um encontro literário entre o escritor e as crianças e verificar o seu interesse pela atividade.

Constatámos, desde logo, que os participantes estavam entusiasmados com a presença de José Viale Moutinho. Quando o escritor chegou à instituição, as crianças A1, A4, A5 e A6 aguardavam-no, na porta da entrada, muito curiosas e ansiosas para saber como se iriam desenrolar os encontros. Acompanhámos o escritor até à ludoteca do Abrigo, onde já se encontravam os outros participantes. As crianças estavam muito atentas e silenciosas, à espera das suas primeiras palavras. O escritor apresentou-se e estabeleceu desde o início um ambiente descontraído e divertido. Conquistou desde logo a atenção e o interesse de todos os participantes, como podemos constatar nas figuras 15 e 16.



Figura 15: I Encontro Literário



Figura 16: Criar uma história

A criança A5 foi a primeira a intervir, referindo que já o conhecia, uma vez que o escritor tinha estado na sua escola. Também indicou que tinha gostado muito de ler um dos livros da sua autoria, intitulado *O menino gordo*.

No decorrer do encontro, constatámos que as crianças estavam um pouco tímidas com a sua presença, pois quando o escritor lhes colocava alguma questão, ficavam retraídas e não respondiam, ou respondiam muito baixo. No entanto, no momento em que José Viale Moutinho começou a contar uma história (baseada no seu livro *Os dois fradinhos*) ficaram mais descontraídas e soltaram as primeiras risadas. Acharam a história muito engraçada e divertiram-se imenso.

Para incentivar o gosto pela escrita, leitura e pelo conto de histórias, o escritor desafiou as crianças a criarem o seu próprio livro. Mediante as suas indicações, teriam que desenvolver as seguintes atividades: Imaginar e narrar uma história criativa e original; dar um título à história; criar uma capa; introduzir a sua fotografia e biografia na contracapa do livro; escolher um dos seus colegas para ser o ilustrador da sua história.

Como o tempo era limitado para desenvolver esta atividade, o escritor solicitou que as crianças comesçassem a imaginar e a narrar uma história na residência e que a trouxessem no próximo encontro.

No fim da sessão constatámos uma grande cumplicidade entre ambos. As crianças estavam muito motivadas e interessadas em criar o seu próprio livro. Cada uma delas já só pensava na sua história e qual o/a colega que iria ilustrá-la. Verificámos um forte espírito de união e entreajuda.

9ª Sessão

Com esta sessão pretendíamos dar continuidade às atividades sugeridas pelo escritor. Deste modo, proporcionámos o *II Encontro com o escritor José Viale Moutinho*, com os objetivos de retomar a criação de uma história, apoiar o escritor na execução da atividade e verificar a motivação e interesse das crianças.

O encontro realizou-se no Abrigo da Nossa Senhora da Conceição e contou com a presença dos participantes A1, A4, A5, A6, F2, F3, F4, F5 e F6.

As crianças estavam muito entusiasmadas ao ver José Viale Moutinho a chegar à ludoteca do Abrigo com todo o material necessário para a elaboração das histórias.

De seguida apresentaram os seus textos e o escritor sugeriu que cada criança os lesse em voz alta, como é possível verificar nas figuras 17 e 18.



Figura 17: II Encontro literário



Figura 18: Leitura de histórias

No entanto apurámos que, no momento da leitura, algumas crianças liam num tom muito baixo, pois estavam retraídas. A criança A5 foi a que mais surpreendeu o escritor, pela criatividade e originalidade da sua história. No entanto, José Viale Moutinho sugeriu que algumas crianças (F5, A1 e A6) melhorassem os seus textos, uma vez que se basearam em contos já existentes e estes não foram criativos, nem originais.

Apesar de inicialmente demonstrarem alguma timidez com a leitura das suas histórias, considerámos que este encontro foi um dos momentos mais dinâmicos e produtivos do projeto. Para além de criarem as suas próprias histórias, as crianças tiveram a oportunidade de as verem analisadas e criticadas pelo próprio escritor.

É de salientar que o material fornecido por José Viale Moutinho foi fundamental para a realização dos livros. Sem este apoio, as crianças dificilmente teriam a possibilidade de elaborar esta atividade. Podemos constatar nas figuras 19 e 20 alguns dos momentos da criação das suas histórias.



Figura 19: Preparar as capas



Figura 20: Criar o livro

Neste encontro, os participantes conseguiram copiar os seus textos para folhas brancas em formato A3 e introduziram as ilustrações. Cada criança escolheu uma cartolina estampada para formar a capa da sua história. Na frente da capa colaram algumas vinhetas em branco e nelas inseriram o título e o autor do livro. Na contracapa colocaram a biografia e a fotografia do autor e do ilustrador.

Embora esta sessão tenha ultrapassado a hora prevista, podemos afirmar que os objetivos estabelecidos foram cumpridos e os participantes ficaram muito satisfeitos com o trabalho que estavam a desenvolver e motivados para concluí-lo no próximo encontro.

10ª Sessão

O *III encontro com o escritor José Viale-Moutinho* constituiu a 10ª sessão do nosso projeto de leitura, com a participação das crianças A1, A4, A5, A6, F2, F3, F4, F5 e F6. Neste encontro pretendíamos concluir a atividade proposta pelo escritor e verificar a motivação e interesse das crianças pela criação das suas histórias.

Os participantes A4, A5, F2, F3 e F4 tinham o seu trabalho muito adiantado, faltando só pintar as ilustrações e introduzir alguns dados biográficos nas capas. Alguns desses momentos ficaram registados, como é possível constatar nas figuras 21 e 22.



Figura 21: Dados biográficos



Figura 22: Ilustração da história

Os participantes F5, F6, A1, A6 estavam um pouco atrasados em relação às restantes crianças, pois ainda copiavam os textos para as folhas do seu livro e acabaram por ficar um pouco desmotivados. No entanto a motivação e o entusiasmo regressaram quando o escritor referiu que ao terminarem os seus trabalhos, as crianças teriam a oportunidade de escolher um livro da sua autoria.

Ficaram muito animadas e à medida que foram concluindo as suas histórias, tiveram a possibilidade de escolher um dos livros de José Viale Moutinho.

Os livros selecionados pelo escritor para oferecer às crianças foram *A grande festa das formigas rabigas*, *As minhas adivinhas favoritas*, *O grande livro das tradições populares portuguesas*, *O livro da Luizinha*, *Os piratas do capitão alforreca*, *Pedro pescador*.

No final do encontro foi realizada uma sessão de autógrafos e pudemos constatar que as crianças estavam muito satisfeitas e orgulhosas com este encontro com o escritor. As que já tinham concluído o seu trabalho, deliciavam-se e divertiam-se com as leituras dos seus novos livros. As figuras 23 e 24 ilustram esses momentos.



Figura 24: III Encontro literário

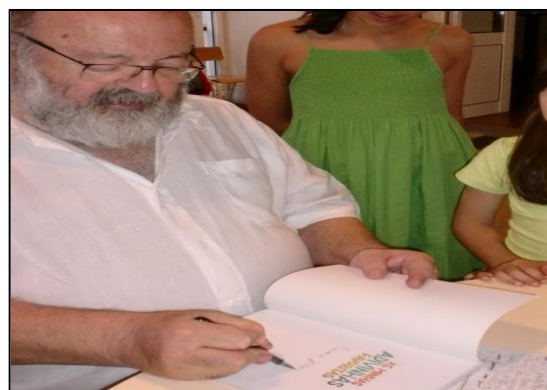


Figura 23: Sessão de autógrafos

Apesar de terminarmos o último encontro para além da hora prevista, podemos afirmar que todos os participantes conseguiram concluir os seus trabalhos (Anexo 9, pp. 172-173). Verificámos que as crianças nem deram pelo passar das horas e estavam determinadas a finalizar as histórias. Constatámos também o seu entusiasmo relativamente a estes encontros e o seu interesse em dar continuidade aos mesmos.

Deste modo, demos por concluído o último encontro com José Viale Moutinho. O escritor despediu-se das crianças com a promessa de regressar e de desafiá-las para uma nova atividade de leitura.

11ª Sessão

Esta sessão intitula-se *Sessão de encerramento: apreciação das atividades*. Teve como objetivos principais aferir o interesse e o gosto das crianças pelas atividades desenvolvidas ao longo das sessões e concluir o nosso projeto de promoção da leitura.

Realizámos a sessão no Abrigo infantil da Nossa Senhora da Conceição com os participantes A1, A3, A4 e A5 e na Fundação Patronato de São Filipe com os participantes F2, F3, F5 e F6. Os participantes A6, F1 e F4 não estiveram presentes porque foram de férias com os seus familiares.

Uma vez que estávamos perante a última sessão do nosso projeto, considerámos importante que as crianças fizessem a apreciação das atividades. Para este efeito recolhemos os dados através de um questionário de perguntas abertas (Anexo 7). O ideal seria realizar entrevistas às crianças, mas não tivemos o tempo necessário nem a facilidade para as fazer. Deste modo, verificámos que este tipo de pergunta poderia dar informação rica e detalhada relativamente ao que pretendíamos apurar.

As questões colocadas foram as seguintes:

- a) Gostaste de participar no projeto de leitura? Porquê?
- b) Quais foram as atividades que mais gostaste de fazer?
- c) Gostarias que estas atividades continuassem a fazer parte dos teus tempos livres? Porquê?

No que se refere aos questionários, aferimos respostas muito positivas sobre as atividades. Inicialmente perguntámos se tinham gostado do projeto de leitura e todas as crianças responderam que sim. De seguida questionámos o porquê de terem gostado e obtivemos as seguintes respostas:

- *Porque foi muito divertido aprender a fazer um livro (A1).*
- *Era divertido, gostei dos jogos e de tudo o que lá aprendemos (A3).*
- *Porque foi divertido estudar sobre biblioteca com José Viale Moutinho (A4).*
- *Aprendi que a leitura é muito importante para a nossa vida e também pode ser divertida (A5).*
- *Porque aprendi coisas novas, jogos novos e outras coisas (F2).*

- *Aprendi que isto é importante para a vida toda. (F3)*
- *Foi interessante aprender mais sobre a literatura portuguesa, foi giro fazermos cada um o seu livro, conhecermos um autor português e fazermos atividades com ele (F5).*
- *Fiquei com a ideia como se realiza um livro e como é importante ler (F6).*

Relativamente às atividades de que mais gostaram, as respostas foram unânimes. Praticamente todas as crianças afirmaram ter gostado de criar um livro com o escritor José Viale Moutinho. Como podemos constatar nas respostas abaixo transcritas, gostaram mais de:

- *Criar um livro com José Viale Moutinho (A1).*
- *Todas as atividades (A3).*
- *Construir uma estória com o escritor José Viale Moutinho (A4).*
- *Criar um livro com a ajuda do escritor José Viale Moutinho e de aprender a fazer uma banda-desenhada (A5).*
- *Banda desenhada e o jogo do stop (F2)*
- *Do livro que nós fizemos com o escritor e do jogo do stop (F3)*
- *Fazer o livro (F5)*
- *O jogo do stop; a realização de um livro à nossa escolha, acompanhados pelo escritor José Viale Moutinho. (F6)*

Para concluir o questionário perguntámos se gostariam que estas atividades continuassem a fazer parte dos seus tempos livres. Todas as crianças responderam que sim, porque:

- *Foi muito divertido estas atividades [...] (A1).*
- *Adorei todas as atividades que fizemos (A3).*
- *Eu gostava de ler com os meus amigos (A4).*
- *Adoro literatura, adoro escrever e ler e porque é muito importante para o meu futuro (A5).*
- *É divertido as atividades que fazemos nos tempos livres (F2).*
- *[...] assim eu aprendia muitas coisas novas e também podia melhorar os meus erros (F3).*

- *[...] é importante informarmo-nos sobre a criatividade portuguesa e devemos dar continuidade à escrita para ela não ficar extinta (F5).*
- *[...] podia me entreter por uma atividade importante (F6).*

De um modo geral, pudemos aferir que as crianças gostaram de participar nas atividades porque aprenderam a valorizar mais a leitura e a literatura portuguesa, aprenderam coisas novas, conheceram autores nacionais e regionais e consideraram as sessões muito divertidas.

As atividades que mais cativaram as crianças foram a criação de uma Banda Desenhada, a criação de um livro com o apoio do escritor José Viale Moutinho e a animação da leitura através do jogo.

Relativamente à continuidade deste projeto, afirmaram que gostariam que as atividades de leitura continuassem a fazer parte dos seus tempos livres. Para além de aprenderem coisas novas e estarem informadas, também podiam divertir-se com as atividades de leitura.

Capítulo 7: Discussão

De acordo com Tuckman (2000) “a discussão de uma investigação tem três funções de relevo: extrair conclusões, interpretar os resultados e apresentar as implicações desses resultados” (p. 565). Neste contexto, iremos demonstrar a nossa interpretação relativamente aos hábitos de leitura das crianças que participaram neste estudo e apresentar algumas reflexões sobre o projeto de promoção de leitura que implementámos no Abrigo Infantil da Nossa Senhora da Conceição e na Fundação Patronato de São Filipe.

Iniciámos o nosso estudo questionando quais seriam os hábitos de leitura das crianças acolhidas nestas duas instituições e, partindo desta problemática, estabelecemos os objetivos da investigação. Deste modo, optámos por recolher os dados através de entrevistas que visavam caracterizar as instituições e os participantes, conhecer a perspetiva das responsáveis das instituições sobre os hábitos de leitura das crianças acolhidas e identificar o interesse das crianças pela leitura.

Após constituirmos os principais temas das entrevistas e recolhermos os dados, organizámos os resultados obtidos através de categorias de análise. A organização foi fundamental, na medida em que nos permitiu encontrar respostas ao problema inicialmente levantado. Para este efeito, criámos dois quadros distintos de categorias para as responsáveis e para as crianças das duas instituições.

Relativamente aos resultados das entrevistas realizadas às responsáveis pelas instituições, pretendíamos obter respostas sobre o contexto institucional em que as crianças estão inseridas, conhecer as atividades culturais desenvolvidas nos seus tempos livres e compreender a sua perspetiva sobre os hábitos de leitura das crianças acolhidas.

No que diz respeito à caracterização das duas instituições de acolhimento, aferimos que são acolhidos, em média, cinquenta crianças e jovens de ambos os sexos. Ao confrontarmos as respostas com outros estudos, constatámos que o panorama do acolhimento residencial em Portugal “(...) é caracterizado por instituições de grandes dimensões, com uma média de 40 crianças acolhidas (...)” (Gomes, 2010, p.85).

Posteriormente quisemos compreender quais as principais causas de acolhimento que, de acordo com as respostas obtidas, estão ligadas à negligência familiar, à violência doméstica e ao absentismo escolar. Alves (2007) e Santos (2010) também referem algumas situações que podem colocar a criança em perigo, tais como o abandono, o abuso físico e psicológico, a pobreza extrema e a falta de recursos económicos das famílias.

Como era nossa intenção implementar um projeto de promoção de leitura nas duas instituições de acolhimento, considerámos que os dois objetivos acima referidos seriam cruciais para conhecermos e compreendermos o público ao qual este projeto se destinava. Na maior parte dos casos, são crianças que provêm de meios sociais desfavorecidos e de um contexto familiar empobrecido, com graves carências afetivas e dificuldades a vários níveis. São crianças que, de uma forma geral, não usufruíram de educação e formação escolar e de práticas culturais nos seus tempos livres, acabando por comprometer o seu percurso de vida pessoal e profissional.

Neste contexto, a intervenção das instituições de acolhimento é fundamental, na medida em procuram encontrar as melhores respostas para as necessidades educativas, sociais e culturais específicas das crianças, nomeadamente o acesso à formação escolar, cívica, religiosa, ética e profissional. Tal como Gomes (2010), consideramos que as instituições também deverão proporcionar-lhes “protecção, confiança, segurança e estabilidade (...) e projectos desafiadores para as suas capacidades e características” (p.33), assemelhando-se o mais possível a uma estrutura familiar. Também é fundamental que estes lares desenvolvam atividades culturais, recreativas e de lazer que incentivem a sua (re)integração na comunidade. Este género de atividades irão estimular “as suas competências sociais e, conseqüentemente a sua independência e a autonomia” (Gomes, 2010, p. 34).

As responsáveis pelas duas instituições de acolhimento também reconhecem a importância que as atividades culturais representam para as crianças, uma vez que elas estimulam a sua imaginação e criatividade, desenvolvem o pensamento e ensinam a gerir as emoções e sentimentos. As mesmas referiram que algumas associações de solidariedade social procuram dar apoio no âmbito sociocultural, como por exemplo a “CRIAMAR” (Associação de solidariedade social para o desenvolvimento de crianças e jovens). Assim, fora do contexto escolar, as crianças aproveitam o seu tempo livre (aproximadamente duas a três horas por dia) para participarem em diversas atividades no âmbito da literatura, da música, da expressão plástica e dramática e outras atividades de lazer e recreativas.

Finalizámos as entrevistas às responsáveis com um tema que visava conhecer a sua perspectiva relativamente aos hábitos de leitura das crianças acolhidas. Neste âmbito, apercebemo-nos que as próprias instituições desenvolvem algumas iniciativas que procuram fomentar a leitura, bem como procuram transmitir o gosto pela literatura. No entanto, as responsáveis afirmaram que a maioria das crianças residentes nestas instituições

possui fracos hábitos de leitura e banaliza a leitura por completo, tendo como principais consequências, dificuldades de aprendizagem, insucesso e absentismo escolar. Reiteram também que os fracos índices poderão estar associados às experiências iniciais de vida das crianças acolhidas. Delgado (2007) também acredita que o fraco desempenho resulta não só do contexto de vida da criança, mas também “(...) de experiências passadas de trauma, abuso e negligência e, muitas vezes, de respostas insensíveis e instáveis do sistema de proteção” (p.79).

De facto, vários estudos indicam que, de um modo geral, as crianças continuam a possuir fracos hábitos de leitura. Na opinião de Ribeiro & Viana (2009), Portugal está inserido num contexto histórico, social e cultural onde “os hábitos de leitura dos pais das nossas crianças e jovens são frágeis, onde ainda há muitos avós analfabetos, e onde as práticas culturais são escassas” (p.27). As crianças que são acolhidas em instituições não são exceção, oriundas de um contexto familiar, que, na maior parte dos casos, é pobremente escolarizado e não tem meios para proporcionar às crianças o acesso aos livros e às diferentes práticas da leitura. Os próprios pais muitas vezes não reconhecem a importância que os livros têm para o sucesso escolar dos seus filhos e acabam por não despertar nos mais novos o prazer de ler.

Embora a leitura não faça parte dos tempos livres e das práticas quotidianas da maior parte das crianças acolhidas, as responsáveis pelas instituições indicam que é necessário desenvolver estratégias e projetos que incentivem e motivem as crianças para esta prática cultural, de modo a melhorar os seus fracos índices de leitura e, consecutivamente, ajudá-los a alcançar o sucesso escolar.

Com o intuito de aprofundar e comprovar tais hábitos, também considerámos fundamental realizar entrevistas a algumas crianças das instituições em análise. Assim, com os resultados obtidos pretendíamos apurar não só as atividades culturais que fazem parte dos tempos livres das crianças acolhidas, mas também queríamos conhecer o seu gosto pela literatura e o seu interesse para participar em atividades relacionadas com esta prática. Acreditámos que os resultados obtidos iriam determinar a necessidade de intervenção de um projeto de promoção da leitura nas instituições de acolhimento.

As primeiras duas categorias apuradas tinham como objetivos verificar quais as atividades culturais que fazem parte dos tempos livres das crianças e quais as que são do seu gosto. Deste modo, aferimos que a maioria prefere ocupar os seus tempos livres com atividades de lazer ligadas ao desporto, brincar com os amigos ou, simplesmente dedicam

esse tempo aos audiovisuais como ver televisão e ir para a internet. Verificámos também que a leitura não foi mencionada como uma prática do seu interesse. Mais uma vez aferimos que a falta de interesse das crianças pelas diferentes práticas culturais, nomeadamente pela literatura, poderá estar associada aos hábitos quotidianos e às vivências anteriores à sua institucionalização.

Foi através da terceira categoria que ficámos a conhecer a ligação dos participantes com a leitura e os livros e, segundo as suas respostas, apurámos que até gostam de ler e reconhecem que é muito importante para a sua vida e para o seu futuro. No entanto, algumas das crianças hesitaram quando questionadas sobre o género de leituras preferidas e tiveram muitas dificuldades para identificar pelo menos um livro que tenham gostado de ler. Não obstante, demonstraram o seu interesse pelos diferentes géneros narrativos, prevalecendo as histórias de ação e aventura, os contos e, preferencialmente, as bandas desenhadas. Também manifestaram o seu gosto por outras práticas da leitura como ouvir e contar histórias e ler em voz alta.

Elaborámos a última categoria que visava conhecer a opinião e o interesse das crianças para participarem em atividades de leitura, nos seus tempos livres. Assim, constatámos que todas as crianças demonstraram interesse em participar e estavam muito motivadas e curiosas para conhecerem o projeto que pretendíamos realizar.

Mediante as respostas que obtivemos através das entrevistas realizadas às duas responsáveis e às crianças, considerámos que faria todo o sentido promover e dinamizar atividades de leitura nas duas instituições de acolhimento. Se por um lado tínhamos o incentivo e o apoio das responsáveis que reconhecem que a promoção da leitura é fundamental para o desenvolvimento intelectual e emocional das crianças acolhidas, por outro lado, contávamos com a motivação dos mais novos para participarem num projeto de leitura. Na nossa opinião, atividades de leitura não só iriam proporcionar às crianças uma maior aproximação a produtos e serviços culturais de que tanto carecem, mas também seriam fundamentais para criar e fomentar hábitos de leitura que, segundo as responsáveis pelas instituições, são praticamente inexistentes.

Neste seguimento propusemo-nos implementar um projeto de promoção de leitura no Abrigo Infantil da Nossa Senhora da Conceição e na Fundação Patronato de São Filipe, cujos objetivos eram promover e dinamizar atividades de leitura e sensibilizar e motivar as crianças para a importância desta prática cultural.

De forma a alcançar os objetivos propostos, recorreremos à observação participante como principal instrumento de recolha de dados qualitativos. Assim, realizámos um programa de atividades de leitura, composto por onze sessões, onde pretendíamos descrever e interpretar tudo o que víamos e observávamos, introduzindo notas de campo e registos fotográficos. O programa teve a duração de três meses e contou com a participação de dozes crianças das duas instituições acima mencionadas, com idades compreendidas entre os oito e os doze anos.

Importa referir que antes de iniciarmos o programa de atividades encontrámos algumas limitações. Inicialmente, a primeira deveu-se ao facto de realizar atividades com crianças que não têm o hábito de ler. Para a maior parte das crianças acolhidas, a leitura não faz parte dos seus hábitos quotidianos, nem dos seus tempos livres e geralmente ela é encarada como uma obrigação e está associada ao estudo e à escola. Contudo, para superarmos estas dificuldades procurámos desenvolver as melhores estratégias para que as crianças se sentissem interessadas e motivadas em participar nas atividades de leitura. Acima de tudo pretendíamos que usufríssem do prazer de ler, sem qualquer sentido de obrigatoriedade.

Deste modo, procurámos seguir algumas linhas orientadoras de acordo com alguns projetos de leitura infantil preconizados pelo *Plano Nacional de Leitura*, pela iniciativa da Biblioteca Calouste Gulbenkian intitulada *Casa da Leitura*, pelo projeto *Voluntários da Leitura* promovido pelo CITI – Universidade Nova de Lisboa e finalmente pelos projetos regionais *Baú de Leitura* e o *Plano Regional de Leitura (PRL)*, da responsabilidade da Direção Regional da Educação (DRE). É de salientar que estas entidades têm um papel importante na promoção e dinamização da leitura cujas iniciativas também passam por abranger outros segmentos do público escolar e não escolar e outros espaços não convencionais de leitura, dos quais realçamos as instituições de solidariedade social que apoiam crianças e jovens.

Também nos deparámos com algumas dificuldades relativamente à seleção de livros de literatura infantil, uma vez que atualmente existe uma extensa oferta livresca destinada ao público mais jovem e, de acordo com Gomes (2007) nem sempre a sua qualidade é a melhor. Na opinião do autor, “não merecem atenção mais de metade do total de títulos para crianças e jovens que anualmente são editados no país” (p.8). Assim, considerámos fundamental delimitar a nossa seleção, escolhendo alguns livros infantis de escritores madeirenses, dos quais destacámos o escritor José Viale Moutinho e as suas

obras destinadas aos mais novos, algumas delas recomendadas pelo Plano Nacional de Leitura (PNL).

Realizámos as sessões de leitura tendo em conta as características e gostos pessoais das crianças, diferentes idades e sexos, capacidades e competências, princípios, valores e experiências sociais e culturais. Tal como Gomes (2007), Prole (2008) e Calixto (2010), acreditámos que para promover e desenvolver um projeto de leitura é importante ter em consideração os indicadores acima mencionados.

Perante a nossa revisão de literatura e o conhecimento que fomos adquirindo ao longo do estudo, introduzimos no nosso projeto alguns critérios que, de acordo com Duarte (2001), Cruz (2007) e Prole (2008) estruturam qualquer atividade de animação da leitura. As entrevistas realizadas às crianças também foram fundamentais, dado que nos permitiram conhecer os seus interesses e gostos pessoais relativamente à literatura infantil. Deste modo, desenvolvemos atividades de leitura através do jogo, do conto de histórias, da leitura em voz alta, da escrita criativa, da adaptação de histórias para banda desenhada e de encontros literários com o escritor José Viale Moutinho.

Das estratégias que captaram maior atenção nas crianças destacamos o conto de histórias e a adaptação de histórias para uma banda desenhada. É de salientar que os encontros literários com o escritor José Viale Moutinho também constituíram um elemento fulcral do nosso projeto de leitura, proporcionando às crianças momentos descontraídos, criativos e deleitáveis. Para além de o escritor possuir uma vasta obra literária destinada ao público infanto-juvenil, também é um notável contador de histórias e, logo no primeiro encontro, cativou a atenção das crianças narrando contos repletos de fantasia e de imaginação, aliados a momentos reais do quotidiano e de vivências passadas da sua infância.

O referido autor partilhou algumas das suas experiências e procurou transmitir às crianças o seu gosto pela literatura, estimulando a sua curiosidade e criatividade e fazendo com que elas criassem as suas próprias histórias. Neste contexto, foi possível observar um enorme interesse das crianças pelas atividades sugeridas por José Viale Moutinho, uma vez que estavam sempre atentas e participativas e acima de tudo estavam motivadas para imaginarem e criarem os seus livros sob o olhar atento e crítico do escritor. O sentido de humor e de comunicação do escritor também permitiram uma grande interação e cumplicidade entre ambos.

Após a conclusão do projeto de leitura questionámos as crianças com o intuito de apurar a sua opinião sobre as atividades desenvolvidas e verificar o seu interesse relativamente à continuidade das mesmas. Através das suas respostas pudemos constatar que ficaram muito satisfeitas em participar neste projeto e para além de se divertirem também afirmaram que aprenderam muito. Uma das atividades mais apreciada pelas crianças foi criar um livro com o apoio do escritor José Viale Moutinho.

Consideramos que os encontros literários e as restantes sessões de leitura incluídas no nosso projeto não só contribuíram para promover obras infantis de ilustres escritores madeirenses, mas também permitiram uma maior aproximação das crianças com os livros e com a literatura infantil, fomentando hábitos de leitura e incentivando-as para o prazer de ler. Também verificámos que as atividades de leitura estimularam nas crianças a sua capacidade de imaginar, criar e aprender, ajudando a superar as suas dificuldades e incertezas e a enfrentar algumas situações difíceis da sua vida. Situações que, no caso das crianças institucionalizadas, muitas vezes estão associadas ao afastamento da sua família de origem e ao seu acolhimento na instituição e que fazem com que se sintam desmotivadas para participarem nas diversas atividades e tarefas do seu quotidiano.

Deste modo, foi possível observar um fator essencial para promover a leitura infantil: a motivação. Tal como Alves *et al.* (2004) acreditamos que a motivação para a leitura é um dos fatores mais importantes para o sucesso na leitura. De acordo com os referidos autores, é fundamental encontrar as melhores estratégias de motivação e estas deverão merecer uma especial atenção por parte da família e da escola.

De facto, o meio social e cultural onde a criança vive e se desenvolve poderá influenciar os seus hábitos de leitura. Neste contexto, consideramos que as instituições de acolhimento têm um papel fundamental na sua promoção e deverão desenvolver programas ou projetos que motivem as crianças para a prática da leitura.

Tal como Esteves (2011), acreditamos que a realização de projetos culturais irá contribuir para melhorar “as dificuldades em termos de aprendizagens sociais (conhecimentos adquiridos, cultural ou socialmente)” ou em termos de desenvolvimento” (p.25) e irá permitir que as crianças descubram “aptidões, capacidades ou interesses pessoais que possam servir ou de estímulo para as aprendizagens ou mesmo de vocações profissionais” (p.26).

Na nossa opinião, fortalecer a área cultural e fomentar hábitos de leitura em instituições que acolhem crianças e jovens em risco, provenientes de meios socioculturais

desfavorecidos, pode ser um excelente meio para melhorarem as suas condições de vida e, sucessivamente, alcançarem o sucesso escolar, a sua independência e autonomia.

Embora exista um grande empenho e dedicação por parte dos profissionais das instituições de acolhimento em fomentar hábitos de leitura e desenvolver atividades relacionadas com esta prática, constatamos que, por vezes, a falta de motivação e interesse das crianças dificultam essa tarefa de implementação. No entanto, como refere Pennac (1993, p.53), a propósito do leitor: “ele continuará a ser um bom leitor se os adultos que o cercam alimentarem o seu entusiasmo (...) se alimentarem o prazer de ler até se transformar em rotina e se ele próprio descobrir o prazer dessa gratuidade”. Deste modo, consideramos que é importante reunir esforços de modo a que a leitura e as práticas em que se realiza despertem nas crianças o interesse e o prazer de ler.

Conclusão

A presente investigação teve como principais objetivos analisar os hábitos de leitura de crianças institucionalizadas e implementar um projeto de promoção de leitura, propondo-nos, para tal, concretizar e apresentar os resultados de um estudo de caso realizado com doze crianças, de dois Lares de Infância e Juventude, da cidade do Funchal.

Iniciámos o nosso trabalho com a parte teórica que nos permitiu fundamentar não só a importância da leitura e das práticas em que se concretiza, mas também a sua promoção e dinamização, o contexto de intervenção e os seus destinatários.

Ao contextualizarmos a importância desta prática cultural, constatámos que, apesar do progresso tecnológico, particularmente nos meios de comunicação e informação, a promoção e a criação de hábitos de leitura continuam a ser fundamentais para o desenvolvimento intelectual, social, cultural e emocional de todas as crianças. Estes hábitos terão que ser criados e fomentados pelos vários mediadores de leitura, dos quais destacámos a família, a escola e as bibliotecas públicas e escolares. Também considerámos fundamental referir o papel de outros mediadores, tais como os animadores e os gestores culturais.

Na nossa opinião, a família tem um papel fundamental na criação de hábitos de leitura e deverá ser a primeira a motivar e incentivar nos mais novos o prazer de ler, de modo a tornar este prazer num hábito, sem qualquer sentido de obrigatoriedade. No entanto, questionámo-nos quais seriam os hábitos de leitura das crianças em processo de promoção e proteção que, em alguns casos, não podem contar com o apoio familiar.

Com intuito de obtermos respostas relativamente ao problema levantado, estabelecemos os principais objetivos da nossa investigação que visavam apurar os hábitos de leitura das crianças no Abrigo Infantil da Nossa Senhora da Conceição e na Fundação Patronato de São Filipe e desenvolver um projeto de promoção da leitura nestas duas instituições.

Tendo em conta o nosso estudo de caso, optámos por desenvolver uma investigação qualitativa, recolhendo os dados através da observação participante e de entrevistas e questionários realizados às duas responsáveis pelas instituições em análise e a doze crianças, com idades compreendidas entre os oito e os doze anos. Com os dados recolhidos pretendíamos caracterizar as instituições e as crianças, compreender o papel das instituições na promoção de atividades culturais, relacionadas com a leitura, conhecer a

perspetiva das responsáveis pelas instituições sobre os hábitos de leitura das crianças acolhidas, e verificar o seu interesse pela leitura e pelos livros.

Através dos resultados obtidos e respetiva análise, verificámos que, na maior parte das vezes, as instituições de acolhimento são as principais agentes de socialização das crianças acolhidas, transmitindo-lhes, educação, valores e competências. Em alguns casos, podemos mesmo afirmar que os profissionais destas instituições são, de facto, a sua família e, por isso, têm também um papel crucial na promoção e dinamização de atividades culturais, com o intuito de criar hábitos e fomentar o interesse e gosto pela leitura.

Perante os dados auferidos, também apurámos que as crianças possuem hábitos muito reduzidos de leitura. De acordo com as responsáveis pelas instituições, as crianças não têm interesse pelos livros e banalizam a leitura por completo, tendo como principais conseqüências, dificuldades de aprendizagem, insucesso e absentismo escolar. Tal como as responsáveis, acreditamos que este desinteresse poderá estar associado às experiências iniciais de vida das crianças e ao seu acolhimento nas instituições, muito embora constatemos que aí são desenvolvidos estratégias e projetos que incentivam e motivam as crianças, de modo a melhorar os seus fracos índices de leitura e, consecutivamente, ajudá-las a alcançar o sucesso escolar, a sua independência e autonomia. Contudo, a falta de recursos e de meios, por vezes dificulta a implementação.

Assim, conscientes das suas dificuldades, considerámos fundamental intervir junto desta população, implementando um projeto e realizando atividades de animação da leitura, com o principal objetivo de sensibilizar as crianças para a importância desta prática e de motivá-las para o prazer de ler. Mediante as observações que realizámos ao longo das sessões de leitura, podemos afirmar que o nosso projeto não só contribuiu para promover obras infantis de ilustres escritores madeirenses, mas também permitiu uma maior aproximação das crianças aos livros e com a literatura infantil, fomentando hábitos de leitura e incentivando-as para o prazer de ler. Ao longo do projeto verificámos uma forte motivação das crianças para participar nas atividades de leitura e um grande interesse em lhes dar continuidade.

Na nossa perspetiva, o projeto de leitura também contribuiu para estimular nas crianças a sua capacidade de imaginar, criar e aprender, ajudando-as a superar as suas dificuldades e incertezas e a enfrentar algumas situações difíceis da sua vida.

Referências Bibliográficas

AGECAL . (2013). *Gestão cultural e Recursos Culturais*. Obtido de www.agecal.pt: <http://www.agecal.pt/artigos/agecal.pdf>.

Almeida, V. (2011). *As Instituições Particulares de Solidariedade Social: Governação e Terceiro Sector*. Coimbra: Edições Almedina, S.A..

Alves, J., Lima, M. J., Borges V. (2007). *Práticas de Promoção da Leitura nos Países da OCDE*. Lisboa: Ministério da Educação.

Alves, S. (2012). Gestão de Recursos Humanos no Sector Cultural: Que Perfis e Competências. In R. N. (Coord.), *Cultura e Sociedade* (pp. 111-129). Porto: Cordão de leitura Unipessoal, Lda.

Alves, S. N. (2007). *Filhos da Madrugada - Percursos adolescentes em Lares de Infância*. Lisboa: Instituto Superior Ciências Sociais e Políticas.

Araújo, M. A. (2008). *A emancipação da literatura infantil*. Porto: Campo das letras - Editores S.A..

Azevedo, F. (2010). *Infância, memória e imaginário: ensaios sobre a literatura infantil e juvenil*. Minho: CIFPEC - Universidade do Minho.

Azevedo, F. J. (2007). *Formar leitores: Das teorias às práticas*. Lisboa: lidel: edições técnicas, lda.

Azevedo, F., & Sardinha, M. d. (2009). *Modelos e práticas em Literacia*. Lisboa: Lidel - edições técnicas, Lda.

Barros, J., Júnior, J. (2011). *Pensar e Agir com a Cultura: Desafios da gestão cultural*. Belo Horizonte: Observatório da Diversidade Cultural.

Bardin, L. (2008). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.

Benavente, A. (1996). *A literacia em Portugal, resultados de uma pesquisa extensiva e monográfica*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Benavente, A., Rosa, A., da Costa, A. F., & Ávila, P. (1996). *A literacia em Portugal: Resultados de uma pesquisa extensa e monográfica*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Bloom, H. (2001). *Como ler e porquê*. Lisboa: Edições Caminho.

Bogdan, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação - Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora, Lda.

Cadório, L. (2001). *O gosto pela leitura*. Lisboa: Livros Horizonte.

Calheiros, M. M., Garrido, M. V., & Santos, S. V. (2011). *Crianças em risco e perigo: Contextos, Investigação e Intervenção*. Lisboa: Edições Sílabo, Lda.

Calixto, J. A. (2010). *Para além da Branca de Neve: Bibliotecas, educação e literacia da informação*. Lisboa : Edições Colibri.

Carvalho, A. d. (2011). *Aprendizagem da leitura: Processos cognitivos, avaliação e intervenção*. Viseu: Psicosoma.

Castro, R. F. (2007). *Manual de Animações e Actividades*. Braga: Barbosa & Xavier, Lda.

Coelho, L. M. (2011). A literatura de Recepção Infantil de Francisco Fernandes: Propostas de Fruição, Escritas de Formação. In S. R. Cultura, *Isleña* (pp. 43-54). Funchal: Serviço de Publicações - DRAC.

Coutinho, C. F. (2001). *Factores que influenciam a aprendizagem de crianças e jovens em Instituições de Acolhimento - Tese de Mestrado*. Porto: Universidade Portucalense.

Cruz, A. d. (2011). *Aprendizagem da leitura - processos cognitivos, avaliação e intervenção*. Viseu: Psicosoma.

Cruz, M. J. (2007). *Animação do livro e da leitura - o projecto ANIB, Tese de Mestrado*. Lisboa: Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação.

Cruz, V. (2007). *Uma abordagem cognitiva da leitura*. Lisboa - Porto: Lidel: edições técnicas, lda.

Cuche, D. (1999). *A noção de cultura nas ciências sociais*. Lisboa: Fim do século - edições unipessoal lda.

Cunha, Maria Helena. (2002) *Gestão Cultural: a profissionalização e a ampliação do mercado cultural*. Obtido de: <http://www.culturaemercado.com.br/pontos-de-vida/profissionalizacao-e-ampliacao-do-mercado-cultural/>.

Delgado, P. (2007). *Acolhimento familiar - Conceitos, práticas e (in)definições*. Porto: Profedições, Lda.

Duarte, I. M. (2001). *Gavetas de leitura - estratégias e materiais para uma pedagogia de leitura*. Lisboa: Edições ASA.

Eco, U. (2003). *Sobre a literatura - ensaios*. Lisboa: Difel.

Educação, M. d. (1996). *Leitura e animação da leitura*. Lisboa: Ministério da Educação Editorial.

Esteves, S. M. (2011). *Tese de Mestrado - Hábitos de estudo de crianças e jovens institucionalizados*. Porto: Universidade Fernando Pessoa - Faculdade de Ciências Humanas e Sociais.

Faria, M. I., & Pericão, M. d. (2008). *Dicionário do livro, da escrita ao livro electrónico*. Coimbra: Edições Almedina, SA..

Ferreira, A. M., & Pereira, M. E. (2007). *Ofício do livro*. Aveiro: Universidade de Aveiro.

Figueiredo, C., Nery, R., & Leite, S. (2013). *Educação Visual 5.º/6.º anos: IMAGINARTE*. Porto: Porto Editora.

Freire, P. (1991). *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Cortez editora & autores associados.

Freitas, E. d., Casanova, J. L., & Alves, N. d. (1997). *Hábitos de leitura: um inquérito à população portuguesa*. Lisboa: Dom Quixote.

Freixo, M. J. (2009). *Metodologia Científica: Fundamentos Métodos e Técnicas*. Lisboa: Instituto Piaget.

Furtado, J. A. (2000). *Os livros e as leituras: Novas tecnologias da informação*. Lisboa: Livros e Leituras.

Furtado, J. A. (2012). *Uma cultura da informação para o universo digital*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos .

Ghiglione, R., & Matalon, B. (1993). *O Inquérito: Teoria à Prática*. Oeiras: Celta Editora Lda.

Gomes, I. (2010). *Acreditar no futuro*. Alfragide: Texto Editores Lda.

Gomes, J. A. (2007). *Literatura para a infância e a juventude e promoção da leitura*. Obtido de Casa da leitura: <http://www.casadaleitura.org>.

Gulbenkian, B. C. (s.d.). www.casadaleitura.org.

Hill, M. M., & Hill, A. (2000). *Investigação por questionário*. Lisboa: Edições Sílabo.

Jean, G. (2011). *A leitura em voz alta*. Lisboa: Horizontes pedagógicos.

Jornal Oficial. (26 de Fevereiro de 2013). <http://www.gov-madeira.pt/joram/2serie/Ano%20de%202013/IIserie-040-2013-02-26.pdf>. Obtido em 12 de Março de 2013, de <http://www.gov-madeira.pt>: <http://www.gov-madeira.pt>.

Lessard-H. M.; Goyette, G.; Boutin, G. (2005). *Investigação Qualitativa*, Lisboa: Stória Editores Lda.

Linuesa, M. C. (2007). *Leitura e cultura escrita*. Mangualde: Edições Pedagogo, Lda.

Lisboa, C. t.-c. (2005). *Casa Pia de Lisboa: um projecto de esperança - as estratégias de acolhimento das crianças em risco*. Cascais: PRINCIPIA, Publicações Universitárias e Científicas.

Literacy, E. H. (2012). <http://ec.europa.eu>. Obtido de <http://ec.europa.eu/education/literacy/what-eu/high-level-group/documents/literacy-report.pdf>.

Lopes, J. A., Velasquez, M. G., Fernandes, P. P., Bárto, V. N. (2004). *Aprendizagem, ensino e dificuldades da leitura*. Coimbra: Quarteto.

Maia, R. L. (2002). *Dicionário de Sociologia - dicionários temáticos*. Porto: Porto Editora.

Marques, E. (2011). *[Con sigo sim] Uma experiência educativa em contexto não formal na Região Autónoma da Madeira*. Funchal.

Menezes, S. T. (1993). *Literatura: o que é*. Lisboa: Difusão cultural: Sociedade editorial e livreira, lda.

Miranda, M. A. (2012). Política Cultural. In R. N. (Coord.), *Cultura e Sociedade* (pp. 45-62). Porto: Cordão de leitura Unipessoal, Lda.

Moniz, A. I., Pimentel, D., & Santos, T. P. (Org.) (2005). *E depois? Sobre a cultura na Madeira*. Funchal: Universidade da Madeira.

Morais, J. (1997). *A arte de ler: psicologia cognitiva da leitura*. Lisboa: Edições Cosmos.

Moutinho, J. V. (2011). *Contos Populares das Ilhas da Madeira e do Porto Santo*. Funchal: Nova Delphi.

Moutinho, J. V. (20 de Junho de 2013). *Biografia: Poderei não ter sido assim*. Obtido de <http://josevialecoutinho.wordpress.com/>.

Nina, I. F. (2008). Tese de Mestrado: *Da leitura ao prazer de ler: Contributos da biblioteca escolar.* Lisboa: Universidade Aberta.

Nunes, R. (2012). *Cultura e sociedade*. Porto: Cordão de leitura - unipessoal, lda.

Ouaknin, M.-A. (1994). *Bibliothérapie - Lire c'est guérir*. Paris: Éditions du Seuil.

P.h. (2011). José Viale Moutinho aborda tradição oral. *Diário de Notícias*, 31.

Pennac, D. (1993). *Como um romance*. Lisboa: Edições ASA.

Pires, M. L. (1981). *História da literatura infantil portuguesa*. Lisboa: Editorial Vega.

Prole, A. (2008). *Como fazer um projecto de promoção da leitura*. Obtido de www.casadaleitura.org, acessado a 22 de Fevereiro de 2013: http://www.casadaleitura.org/portalfbeta/bo/documentos/manual_instrucoes_projectos_a_C.pdf

Raynal, S. (2000). *A gestão por projecto*. Trad. Cristina Maria Reis, Lisboa: Instituto Piaget.

Ribeiro, I., & Viana, F. L. (2009). *Dos leitores que temos aos leitores que queremos*. Coimbra: Almedina.

Rigolet, S. A. (2009). *Ler livros e contar histórias com as crianças*. Porto: Porto Editora lda.

Rocha, L. (2001). José Viale Moutinho: Um "guerrelheiro" literário e jornalístico. *Diário de Notícias da Madeira*, p.25.

Rocha, L. (2010). Viale Moutinho vai lançar em breve novos livros. *Diário de Notícias*, 27.

Rocha, L. (2011). Docentes da UMa analisam literatura infantil na RAM. *Diário de Notícias da Madeira*, 34.

Sacristán, G. (2000). *A educação obrigatória: o seu sentido educativo e social*. Porto: Porto editora lda.

Sacristán, J. G. (2008). *A educação que ainda é possível*. Porto: Porto Editora, Lda.

Sampaio, P. (2012). Boas Práticas em Gestão Cultural. In R. N. (Coord.), *Cultura e Sociedade* (pp. 173-179). Porto: Cordão de leitura Unipessoal, Lda.

Santos, M. A. M. (2010). Tese de Mestrado: *O acolhimento institucional prolongado de jovens em risco*. Coimbra: FPCEUC.

Santos, M. L., Neves, J. S., Lima, M. J., & Carvalho, M. (2007). *A leitura em Portugal*. Lisboa: Ministério da Educação - Gabinete de Estatística e Planeamento da Educação (GEPE).

Silva, M. G. (2008). *Ler e amar na adolescência*. Lisboa: Livros Horizonte.

Silva, M. H., & al, e. (2004). *Crianças e Jovens em Risco: Da investigação à Intervenção*. Coimbra: Livraria Almedina.

Silva, M. M. (2001). *Literatura Infanto Juvenil*. Minho: Companhia Editora do Minho, S.A.

Sim-Sim, I. (2006). *Ler e ensinar a ler*. Porto: Edições ASA.

Solé, M. d. (1991). *O jogo infantil*. Lisboa: Instituto de Apoio à Criança.

Tuckman, B. W. (2000). *Manual de Investigação em Educação*. Fundação Calouste Gulbenkian: Lisboa.

Universidade Lusófona . (2013). *Gestão da Cultura e das Artes: a profissão de gestor cultural*. de [www.ulusofona.pt: http://gestaocultural.ulusofona.pt/aProfissao.htm](http://gestaocultural.ulusofona.pt/aProfissao.htm).

Viana, F. L., Martins, M., & Coquet, E. (2002). *Leitura. Literatura Infantil, Ilustração*. Braga: Centro de Estudos da Criança - U.M.

Anexos

Anexo 1: Consentimento Informado

Apresentação do Estudo

Eu, Carina Correia Almada Costa e Silva Freitas, estou a realizar uma recolha de dados para fins de investigação relativa ao Projeto de Dissertação, no âmbito do Mestrado em Gestão Cultural pela Universidade da Madeira, sob a orientação da Professora Doutora Maria Teresa Nascimento da Professora Doutora Maria Regina Capelo.

Esta investigação, subordinada ao tema “A leitura em instituições de acolhimento: um projeto de promoção da leitura infantil”, tem como objetivos principais analisar os hábitos de leitura de um grupo de crianças com idades compreendidas entre os oito e os doze anos, residentes no Abrigo Infantil Nossa Senhora da Conceição e a Fundação Patronato São Filipe da Região Autónoma da Madeira e, posteriormente, implementar um projeto de promoção da leitura.

Objetivos específicos do Estudo

- Caracterizar o meio/instituições;
- Caracterizar os destinatários;
- Identificar os hábitos de leitura dos destinatários;
- Apurar a perspetiva dos responsáveis sobre os hábitos de leitura das crianças;
- Conhecer a perspetiva das crianças sobre a leitura;
- Sensibilizar as crianças para a importância da leitura;
- Promover e sugerir atividades de leitura.

Sobre a participação na pesquisa

- 1) As entrevistas às crianças:
 - As crianças participarão na pesquisa por meio de entrevistas semiestruturadas, que ocorrerão nas Instituições, no mês de Maio de 2013, no horário a combinar com o responsável.
 - As entrevistas serão gravadas e posteriormente serão transcritas.
 - Os tópicos desenvolvidos nas entrevistas serão os seguintes:
 - Atividades culturais das crianças desenvolvidas nos seus tempos livres;
 - Interesses culturais das crianças;
 - Hábitos de leitura.

2) As entrevistas às responsáveis das Instituições:

- A responsável de cada Instituição participará na pesquisa por meio de entrevistas semiestruturadas, que ocorrerão na Instituição, no mês de Maio de 2013, no horário a combinar.
- As entrevistas serão gravadas e posteriormente serão transcritas.
- Os tópicos desenvolvidos nas entrevistas serão os seguintes:
 - Compreender o contexto institucional das crianças acolhidas;
 - Verificar os hábitos de leitura das crianças nos seus tempos livres;
 - Conhecer a opinião do responsável em relação ao projeto de leitura.

3) Anexo: Guião de entrevista para as crianças e para os responsáveis.

4) Implementação do projeto de promoção da leitura

- Desenvolver atividades de leitura com os participantes nos meses de Maio, Junho e Julho de 2013
- Analisar as atividades de leitura;

5) Cuidados éticos:

- Os dados e resultados desta pesquisa estarão sempre sobre sigilo ético, não sendo mencionados os nomes verdadeiros dos participantes em nenhuma apresentação oral ou trabalho escrito que venha a ser publicado.
- A participação nesta pesquisa não oferece nenhum risco ou prejuízo à pessoa entrevistada. Se no decorrer desta entrevista a criança resolver não continuar, terá toda a liberdade de o fazer.

Após termos sido devidamente informados sobre a investigação acima referida e termos sido esclarecidos de todas as nossas dúvidas, eu _____
(nome do responsável da Instituição) autorizo a participação das crianças do/a
_____ (nome da Instituição) a participarem nas entrevistas e no
projeto de leitura.

Assinatura do/a responsável da Instituição:

Assinatura da Investigadora:

Assinatura da Orientadora:

Assinatura da Coorientadora:

Anexo 2: Apresentação das Instituições

a) Apresentação do Abrigo Infantil da Nossa Senhora da Conceição.



Relatório de Atividades – Ano 2012

PARTE I

1. Apresentação da Instituição

O Abrigo Infantil Nossa Senhora da Conceição, sito à Avenida do Infante, nº 18 – Funchal, é uma Instituição Particular de Solidariedade Social, pessoa coletiva, nº 511015992, que tem a sua origem na reforma do Asilo de Mendicidade e Órfãos do Funchal, fundado em 1847 pelo então Governador Civil do Funchal, o conselheiro José Silvestre Ribeiro, com a finalidade de acolher órfãos e mendigos que deambulavam pela cidade devido a uma crise de fome instalada na Região.

Em 1908, a Instituição foi confiada à Congregação das Irmãs Franciscanas de Nossa Senhora das Vitórias, que mantém o serviço até à atualidade. Em 1959, o Asilo passou a designar-se Abrigo Infantil Nossa Senhora da Conceição, ficando assim, só ao serviço de crianças e jovens socialmente carenciadas.

Atualmente a instituição integra três valências: Lar de Infância e Juventude, Semi-internato e Jardim de Infância. Relativamente ao Lar de Infância e Juventude e semi-internato a instituição tem um Acordo de Cooperação com o Centro de Segurança Social da Madeira para 69 crianças e jovens residentes e 6 em semi-internato. A instituição dispõe também de 2 camas de emergência que são ocupadas sempre que o Serviço de Emergência Social o solicita.

Entre 2001 e 2010 procedeu-se à remodelação e beneficiação da totalidade das instalações que se encontravam bastante degradadas. Tal obra envolveu a criação de cinco unidades com uma relativa autonomia para meninos e meninas e outros espaços comuns como salas de estar, salas de estudo, cozinha, refeitório, lavandaria e espaços de lazer. O Abrigo melhorou assim a qualidade da sua resposta, adequando o edifício às necessidades educativas atuais, de modo a ser a casa das crianças/jovens numa estrutura o mais próximo possível da estrutura familiar. A instituição passou a ter então uma capacidade média para 40 meninas e 20 meninos residentes. Em semi-internato a capacidade é de 20 crianças/jovens

b) Apresentação da Fundação Patronato de São Filipe



Relatório de atividades 2012

PARTE I

1. Apresentação da Instituição

O Patronato Nossa Senhora das Dores, hoje denominado Fundação Patronato São Filipe, pessoa coletiva nº 509484646, sita à Travessa de S. Filipe, 5 - 9060-293 Funchal, fundado em 1925 pelo Pe. Laurindo Leal Pestana, então Pároco de Santa Maria Maior, é uma instituição Particular de Solidariedade Social, canonicamente ereta na Diocese do Funchal, que acolhe crianças e jovens socialmente carenciadas, proporcionando-lhes educação, saúde e bem estar, numa estrutura o mais próximo possível da estrutura familiar.

O Patronato foi desde as suas origens entregue aos cuidados e orientação da Congregação das Irmãs Franciscanas de Nossa Senhora das Vitórias que mantém o serviço até à atualidade.

A Instituição tem um Acordo de Cooperação com o Centro de Segurança Social da Madeira para 37 crianças/jovens residentes e 20 em Semi-internato. O Lar tem um funcionamento permanente e está organizado em três unidades com uma relativa autonomia, de modo a favorecer uma relação afetiva de tipo familiar: duas unidades com capacidade para 14 meninas cada, com idades entre 1 e 21 anos e uma unidade para 9 meninos com idades entre 1 e 12 anos.

Nos últimos sete anos procedeu-se, de forma faseada, a algumas obras de beneficiação e reestruturação das instalações, criando novos espaços como o salão polivalente e reestruturando outros nomeadamente a ludoteca, a sala de convívio no piso 1, a sala de convívio no piso 2, cozinha, lavandaria, garagem, secante fechado e sistemas de proteção e vedação dos espaços exteriores. Procedeu-se também a pintura e a aquisição de equipamento novo para a unidade das meninas no piso 0 e para a unidade dos meninos no piso 0 e piso 1, o que permitiu criar um ambiente mais familiar e juvenil.

Anexo 3: Ocupação por género e faixa etária (2012)

a) Ocupação: Abrigo Infantil da Nossa Senhora da Conceição

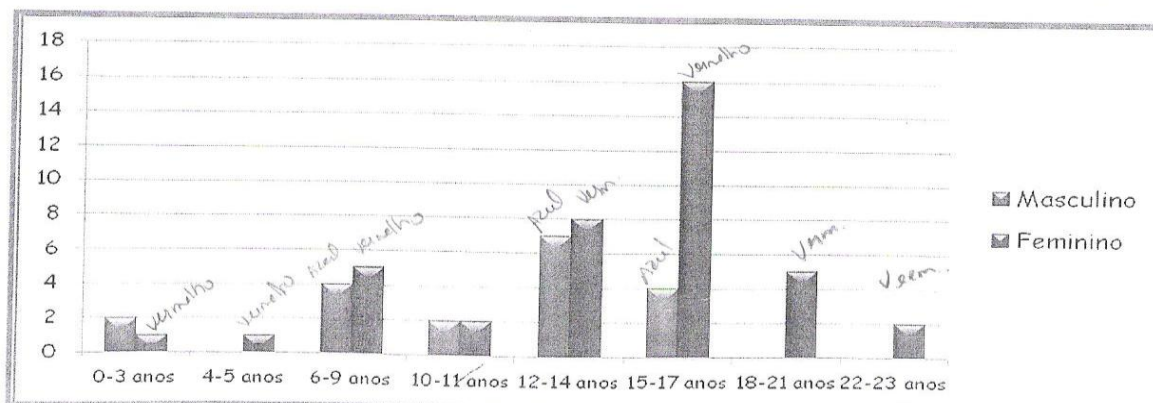


Relatório de Atividades – Ano 2012

6. Crianças e jovens apoiados em 2012

Crianças e Jovens residentes	N.º de Crianças e Jovens
Lotação	62
N.º médio de crianças e jovens apoiados	60
Acolhidos a pedido da Linha de Emergência Social	13
Admitidos com Processo de Promoção e Proteção	15
N.º de jovens com mais de 21 anos apoiadas pela instituição	2
Total de crianças e jovens que cessaram a Medida de Acolhimento:	22
Maioridade / Autonomia	7
Adoção	3
Reintegração na família biológica	3
Transferência para outra Instituição	5
Cessação do Acolhimento de Emergência	4
Semi-internato	N.º de Crianças e Jovens
Lotação	20
N.º médio de crianças e jovens apoiados ao longo do ano	10
Admitidos	5
Cessação do apoio	3

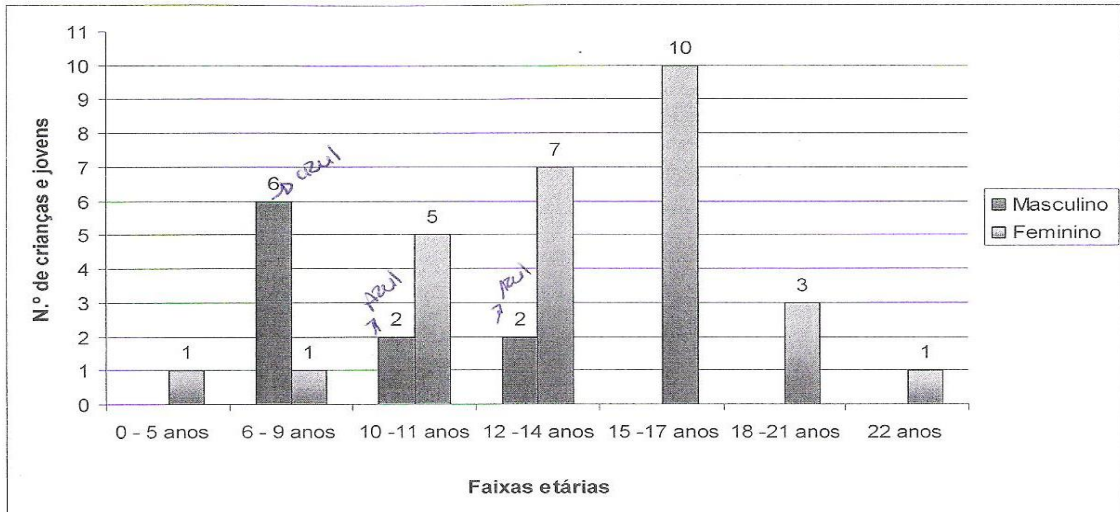
Crianças e jovens residentes por género e faixas etárias em dezembro de 2012



b) Ocupação: Fundação Patronato de São Filipe



6.1. Crianças e jovens residentes por género e faixa etária em 31-12-2012



7. Processos de promoção e proteção em 31-12-2012

	N.º de processos
Tribunal Família e Menores do Funchal	22
Tribunal Judicial de Ponta de Sol	4
Tribunal Judicial de Santa Cruz	2
CPCJ do Funchal	4
CPCJ de Câmara de Lobos	2
CPCJ de Ponta de Sol	3
Total	37

Anexo 4: Missão e objetivos das instituições

a) Missão e objetivos do Abrigo Infantil da Nossa Senhora da Conceição



Relatório de Atividades – Ano 2012

1.1. Missão da Instituição

A missão da instituição orienta-se pela presença e ação da Congregação das Irmãs Franciscanas de Nossa Senhora das Vitórias, cujo carisma visa a promoção humana e espiritual dos mais carenciados. Faz parte da missão da instituição a prestação de um serviço direto às crianças e jovens em risco, de forma aberta e em colaboração com as famílias e com a comunidade em geral.

Enquanto Lar de acolhimento para crianças e jovens em risco, a Instituição propõe-se acolher, educar e formar crianças e jovens de ambos os sexos, em internato e semi-internato, com idades compreendidas entre 1 e 21 anos para meninas; 1 e 12 anos para meninos, podendo admitir-se alguma exceção fora destas faixas etárias, segundo a necessidade da criança/jovem e a capacidade de resposta da instituição.

O Lar tem um regulamento Interno próprio, onde estão consignados alguns objetivos específicos, nomeadamente:

- a) Acolher, educar e formar as crianças e jovens encaminhadas à instituição pelas entidades competentes;
- b) Garantir a todas as crianças e jovens o acesso à formação escolar (em estabelecimentos públicos ou privados), cívica, religiosa, ética e profissional;
- d) Dinamizar programas específicos que promovam as competências pessoais e psicossociais;
- e) Garantir o acesso aos cuidados de saúde e acompanhamento terapêutico, segundo as necessidades de cada educando;
- f) Possibilitar a integração das crianças/jovens em atividades desportivas, recreativas e culturais, tendo em conta a sua idade e interesse.

b) Missão e objetivos da Fundação Patronato de São Filipe



Relatório de atividades 2012

1.1. Missão da Instituição

A Fundação Patronato São Filipe tem por missão a realização da caridade da Igreja no serviço às crianças e jovens em risco, bem como o apoio às suas famílias. A ação da instituição está confiada à Congregação das Irmãs Franciscanas de Nossa Senhora das Vitórias, cujo carisma visa a promoção humana e espiritual dos mais carenciados.

Enquanto Lar de Infância e Juventude, a instituição propõe-se acolher, educar e formar crianças e jovens de ambos os sexos, segundo as normas do Regulamento Interno, orientando-se por determinados objetivos como:

- a) garantir o acesso de todas as crianças/jovens a uma educação e formação de qualidade;
- b) proporcionar a todas as crianças/jovens a aquisição e desenvolvimento de competências pessoais e sociais, que lhes permitam uma efetiva integração pessoal e social;
- c) promover junto das crianças/jovens a aquisição de valores humanos, éticos, culturais, cívicos e religiosos;
- d) garantir uma intervenção especializada de acordo com as problemáticas específicas de cada criança/jovem;
- e) possibilitar o acesso das crianças/jovens aos serviços e equipamentos da comunidade, nomeadamente a clubes desportivos, recreativos e culturais, tendo em atenção a sua faixa etária e gostos pessoais.

Anexo 5: Guião de entrevista às responsáveis

Guião de Entrevista

1. Tema:

“A leitura em instituições de acolhimento: um projeto de promoção da leitura infantil”.

2. Objetivos gerais da entrevista:

- Analisar os hábitos de leitura das crianças em processo de promoção e proteção, residentes no Abrigo da Nossa Senhora da Conceição e na Fundação Patronato de São Filipe, da cidade do Funchal.
- Verificar o interesse das responsáveis pela implementação do projeto de leitura.

3. Organização temática/objetivos específicos

A. Identificação do entrevistado Recolher dados relativamente à situação profissional do entrevistado.
B. Contexto Institucional Compreender o contexto Institucional das crianças acolhidas.
C. Atividades culturais nos tempos livres Verificar as atividades culturais desenvolvidas pelas crianças nos seus tempos livres.
D. Hábitos de Leitura Conhecer os hábitos de leitura das crianças acolhidas.
E. Projeto de promoção da leitura Conhecer a opinião do entrevistado em relação ao projeto de leitura.

4. Participantes

Nas entrevistas irão participar as responsáveis de cada Instituição.

5. Questões

A. Identificação do Entrevistado
- Habilitações literárias: - Cargo: - Género:

<p>B. Contexto Institucional</p> <p>1. Qual o nome da instituição e sua natureza jurídica?</p> <p>2. Quantas crianças e jovens existem atualmente nesta Instituição?</p> <p>3. Quais as causas principais do acolhimento das crianças e jovens?</p>
<p>C. Atividades culturais nos tempos livres</p> <p>4. Para além de frequentarem a escola, as crianças dispõem de tempos livres?</p> <p>5. Se respondeu sim, quanto tempo livre por dia?</p> <p>6. Ocupam esse tempo com atividades culturais? Quais?</p>
<p>D. Hábitos de leitura</p> <p>7. As crianças desenvolvem alguma atividade no campo da literatura?</p> <p>8. Considera que a criação de hábitos de leitura é importante para o desenvolvimento cultural, intelectual e emocional das crianças?</p> <p>9. As crianças aderem facilmente a este tipo de atividades?</p>
<p>E. Projeto de promoção da leitura</p> <p>10. Considera que deveriam existir mais atividades de leitura nos tempos livres das crianças?</p> <p>11. Gostaria que elas participassem em atividades relacionadas com a leitura?</p>
<p>(Entrevista realizada após a implementação do projeto): Apreciação das responsáveis sobre o projeto de leitura</p> <p>Data:</p> <p>Objetivos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Apurar a opinião das responsáveis relativamente ao projeto implementado. • Verificar o interesse das responsáveis na continuidade do projeto. <p>Questões:</p> <p>12. Qual a sua opinião relativamente ao projeto de leitura implementado?</p> <p>13. Considera que este tipo de atividades deveria ter continuidade?</p>

Obrigada pela sua participação!

Anexo 6: Guião de Entrevista às crianças

Guião de Entrevista

1. Tema:

“A leitura em instituições de acolhimento: um projeto de promoção da leitura infantil”.

2. Objetivos gerais da entrevista:

- Analisar os hábitos de leitura das crianças em processo de promoção e proteção, residentes no Abrigo da Nossa Senhora da Conceição e na Fundação Patronato de São Filipe, da cidade do Funchal.
- Verificar o interesse das crianças em relação às atividades de leitura.

3. Organização temática/objetivos específicos

F. Identificação do entrevistado Recolher dados pessoais do entrevistado.
G. Atividades culturais: Verificar se o entrevistado participa em atividades culturais nos tempos livres
H. Interesses e gostos culturais Conhecer os interesses do entrevistado relativamente às atividades culturais
I. Hábitos de Leitura Apurar os hábitos de leitura do entrevistado
J. Projeto de promoção da leitura Conhecer a opinião do entrevistado em relação ao projeto de leitura

4. Participantes

Nas entrevistas irão participar crianças com idades compreendidas entre os 8 e os 12 anos.

5. Questões

F. Identificação do Entrevistado
- Idade: - Data de Nascimento: - Género: - Ano de escolaridade:

<p>G. Atividades culturais</p> <p>1. O que fazes nos teus tempos livres quando estás na residência?</p> <p>2. Quando tens tempo livre na escola o que costumavas fazer?</p> <p>3. Qual é a tua disciplina preferida? Porquê?</p>
<p>4. Interesses e gostos culturais</p> <p>5. Que outras atividades culturais gostarias de fazer?</p> <p>6. Existe alguma atividade que não gostes de fazer?</p>
<p>7. Hábitos de leitura</p> <p>8. Gostas de ler?</p> <p>9. Achas que é importante ler? Porquê?</p> <p>10. A que suportes de leitura recorres?</p> <p>11. Que género de livros gostas de ler?</p> <p>12. Quantas horas por dia costumavas dedicar à leitura de livros não escolares?</p> <p>13. Aproximadamente quantos livros lês por ano?</p> <p>14. Estás a ler algum livro atualmente? Qual o nome do livro e do autor?</p> <p>15. Quais os livros que mais gostaste de ler? Indica o nome do autor?</p> <p>16. Gostas de ouvir histórias?</p> <p>17. Gostas de contar histórias?</p> <p>18. Costumas ler para outras pessoas?</p> <p>19. Já utilizaste a Internet para ler ou pesquisar algum livro?</p>
<p>20. Projeto de promoção da leitura</p> <p>21. Consideras que deveriam existir mais atividades de leitura nos teus tempos livres?</p> <p>22. Gostarias de participar nessas atividades?</p>

Obrigada pela tua participação!

Anexo 7: Questionário realizado às crianças

Participante:

Data:

Apreciação sobre o projeto de leitura

1. Gostaste de participar no projeto de leitura? Sim Não Mais ou menos

2. Porquê?

3. Quais foram as atividades que mais gostaste de fazer?

4. Gostarias que estas atividades continuassem a fazer parte dos teus tempos livres?
Porquê?

Anexo 8: Programas de atividades

a) Programa de atividades do Abrigo infantil da Nossa Senhora da Conceição

Nota: Este programa é suscetível a alterações.

Sessões de leitura infantil				
<i>Livros da minha terra</i>				
Ano/ Mês	Horário	Sessões	Local	Destinatários
2013 Junho	Dia 10 (2ª feira) – 20h.-21h.	1ª Sessão: <i>À procura de palavras, à procura de livros: Jogo do Stop.</i>	Sala de atividades do Abrigo da Nossa Senhora da Conceição	Crianças dos oito aos doze anos residentes no Abrigo da Nossa Senhora da Conceição
	Dia 12 (4ª feira) – 20h.-21h.	2ª Sessão: <i>Os livros da minha terra.</i>	Sala de atividades do Abrigo da Nossa Senhora da Conceição	
	Dia 17 (2ª feira) – 20h.-21h.	3ª Sessão: <i>Um conto para todos</i>	Sala de atividades Abrigo da Nossa Senhora da Conceição	
	Dia 19 (4ª feira) – 20h.-21h.	4ª Sessão <i>Imaginação sem limites: escrita criativa</i>	Sala de atividades do Abrigo da Nossa Senhora da Conceição	
	Dia 24 (2ª feira) – 20h.-21h.	5ª Sessão: <i>Uma história aos quadrinhos: parte I</i>	Quintal do Abrigo da Nossa Senhora da Conceição	
	Dia 26 (4ª feira) – 20h.-21h.	6ª Sessão: <i>Uma história aos quadrinhos: parte II</i>	Quintal Abrigo da Nossa Senhora da Conceição	
2013 Julho	Dia 03 (4ª feira) – 20h.-21h.	7ª Sessão <i>Vem aí o escritor (Biografia de José Viale Moutinho)</i>	Sala de atividades do Abrigo da Nossa Senhora da Conceição	
	Dia 08 (2ª feira) – 20h.-21h.	8ª Sessão <i>I Encontro com o escritor José Viale Moutinho</i>	Ludoteca do Abrigo da Nossa Senhora da Conceição	
	Dia 10 (4ª feira) – 20h.-21h.	9ª Sessão <i>II Encontro com o escritor José Viale Moutinho.</i>	Ludoteca do Abrigo da Nossa Senhora da Conceição	
	Dia 17 (4ª feira) 20h.-21h.	10ª Sessão <i>III Encontro com o escritor José Viale Moutinho</i>	Ludoteca do Abrigo da Nossa Senhora da Conceição	
	Dia 22 (2ª Feira)	Sessão de Encerramento (Apreciação das atividades)	Quintal do Abrigo da Nossa Senhora da Conceição	

b) Programa de atividades da Fundação Patronato de São Filipe

<i>Livros da minha terra</i>				
Sessões de leitura infantil				
Ano/ Mês	Horário	Sessões	Local	Destinatários
2013 Junho	Dia 11 (3ª feira) – 20h.-21h.	1ª Sessão: <i>À procura de palavras, à procura de livros: Jogo do Stop</i>	Ludoteca da Fundação Patronato de São Filipe	Crianças dos oito aos doze anos residentes na Fundação Patronato de São Filipe
	Dia 13 (5ª feira) – 20h.-21h.	2ª Sessão: <i>Os livros da minha terra.</i>	Ludoteca da Fundação Patronato de São Filipe	
	Dia 18 (3ª feira) – 20h.-21h.	3ª Sessão: <i>Um conto para todos</i>	Jardim da Fundação do Patronato de São Filipe	
	Dia 20 (5ª feira) – 20h.-21h.	4ª Sessão <i>Imaginação sem limites: escrita criativa</i>	Ludoteca da Fundação Patronato de São Filipe	
	Dia 25 (3ª feira) – 20h.-21h.	5ª Sessão: <i>Uma história aos quadrados: I Parte</i>	Ludoteca da Fundação Patronato de São Filipe	
	Dia 27 (5ª feira) – 20h.-21h.	6ª Sessão: <i>Uma história aos quadrados: II Parte</i>	Ludoteca da Fundação Patronato de São Filipe	
2013 Julho	Dia 04 (5ª feira) – 20h.-21h.	7ª Sessão <i>Vem aí o escritor (Biografia de José Viale Moutinho)</i>	Ludoteca da Fundação Patronato de São Filipe	
	Dia 08 (2ª feira) – 20h.-21h.	8ª Sessão <i>I Encontro com o escritor José Viale Moutinho</i>	Ludoteca do Abrigo da Nossa Senhora da Conceição	
	Dia 10 (4ªfeira) – 20h.-21h.	9ª Sessão <i>II Encontro com o escritor José Viale Moutinho.</i>	Ludoteca do Abrigo da Nossa Senhora da Conceição	
	Dia 17 (4ª feira) 20h.-21h.	10ª Sessão <i>III Encontro com o escritor José Viale- Moutinho</i>	Ludoteca do Abrigo da Nossa Senhora da Conceição	
	Dia 23 (3ª feira) 16h.-17h.	Sessão de Encerramento (Apreciação das atividades)	Ludoteca da Fundação Patronato de São Filipe	

Nota: Este programa é suscetível a alterações.

Anexo 9: Planos das Sessões

1ª Sessão: *À procura de palavras...à procura de livros!*

Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> - Motivar o participante para a leitura através do jogo. - Estimular a criatividade do participante. - Apurar quais os livros escolhidos pelo participante. 		
Participantes	Crianças dos oito aos doze anos residentes no Abrigo Infantil da Nossa Senhora da Conceição e na Fundação Patronato de São Filipe.		
Recursos	Humanos	Materiais	Espaço
	<ul style="list-style-type: none"> - 1 Dinamizadora - 12 Crianças 	<ul style="list-style-type: none"> - 12 Fichas: “Jogo do Stop” - 12 Fichas: “Apreciação da atividade” - Lápis/canetas - Mesas/cadeiras 	<ul style="list-style-type: none"> - Ludoteca da Fundação Patronato de São Filipe - Sala de Atividades do Abrigo Infantil da Nossa Senhora da Conceição
Atividade	<i>Jogo do Stop</i>		
Descrição da atividade	Os participantes deverão descobrir palavras sobre os vários temas dados pela dinamizadora (por exemplo: verbos, adjetivos, animais, livros, etc.). Cada criança diz uma letra e de seguida escrevem, para cada tema, uma palavra começada com essa letra. O primeiro a acabar diz Stop e os outros têm de parar imediatamente. Ganha quem tiver mais pontos.		
Observações/Notas de campo	<p>No dia anterior (aquando a realização das entrevistas), expliquei ao grupo o porquê da nossa presença na instituição e informámos que iria ser implementado um projeto de promoção de leitura, do qual iriam fazer parte. Comuniquei que as atividades iriam decorrer nos meses de Junho e Julho de 2013.</p> <p>Neste primeiro encontro, tentei criar um ambiente descontraído e lúdico com as crianças, motivando-as para a prática da leitura. Como já conhecia alguns dos seus gostos relacionados com jogos, optei por realizar <i>o jogo do stop</i>. Este jogo tinha como principal finalidade motivar as crianças para a leitura através do jogo e verificar quais os títulos de livros que as crianças selecionavam.</p> <p>No final da sessão entreguei uma ficha de apreciação em relação</p>		

ao jogo. Deste modo iria identificar o seu interesse e gosto pela atividade realizada e as suas dificuldades para encontrar palavras. Considerei que esta atividade foi bem sucedida, pois todos os participantes gostaram do jogo e alguns afirmaram que queriam repeti-lo.

Dia 10 de Junho de 2013, das 20h às 21h - Abrigo da Nossa Senhora da Conceição

Cheguei ao Abrigo por volta das 19 horas 45 minutos. A primeira atividade de leitura só começava às 20 horas, no entanto as crianças A1, A2, A3, A4, A5, A6 já aguardavam na sala e estavam muito curiosas relativamente às atividades que seriam desenvolvidas.

Na primeira sessão distribuí uma ficha com o *jogo do stop*. Praticamente todos conheciam o jogo e as regras, à exceção de A4 e A6. Uma vez que não conheciam o jogo, estas duas crianças sentiram dificuldades em acompanhar as outras. No entanto estavam motivadas para continuar.

Foi complicado quando o grupo teve que escolher palavras para a temática “livros”. Quase todos recorreram aos livros que estavam nas estantes da sala, à procura de títulos de livros que comesçassem com as letras estipuladas. Só A3 escolheu títulos de livros sem qualquer tipo de ajuda e acabou por ganhar o *jogo do stop*. No final da sessão as crianças preencheram uma ficha de apreciação da atividade. A sessão terminou às 21horas.

Dia 11 de Junho de 2013, das 20h às 21h – Fundação Patronato de São Filipe

Eram 20 horas quando cheguei à Fundação. À semelhança do Abrigo, as crianças F1, F2, F3, F4, F5 e F6 também já estavam na “ludoteca” à minha espera, apesar de não estarem tão motivadas como o outro grupo. No entanto, quando expliquei a atividade, responderam logo que já conheciam e mostraram muito interesse em participar.

Em relação à temática “livros” o grupo também foi para as estantes da ludoteca à procura de títulos e acabaram por perder muito tempo. F2 foi a criança com mais dificuldades. Como não conseguia encontrar palavras, isolou-se e não quis terminar a atividade. Tentei ajudá-la para que se sentisse novamente integrada.

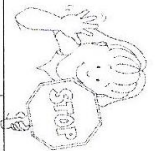
Só terminaram o jogo às 21 horas e 5 minutos, sendo que a vencedora foi F4. Os últimos dez minutos serviram para as crianças preencherem a ficha de apreciação. A sessão terminou às 21 horas e 15 minutos.

Ficha: Jogo do Stop

Participante:

Data:

Jogo do Stop



Total:

Letra	Livros	Animais	Nomes Próprios	Profissões	Verbos	Adjetivos	Pontos
	<input style="width: 40px; height: 20px;" type="text"/>	<input style="width: 40px; height: 20px;" type="text"/>	<input style="width: 40px; height: 20px;" type="text"/>	<input style="width: 40px; height: 20px;" type="text"/>	<input style="width: 40px; height: 20px;" type="text"/>	<input style="width: 40px; height: 20px;" type="text"/>	
	<input style="width: 40px; height: 20px;" type="text"/>	<input style="width: 40px; height: 20px;" type="text"/>	<input style="width: 40px; height: 20px;" type="text"/>	<input style="width: 40px; height: 20px;" type="text"/>	<input style="width: 40px; height: 20px;" type="text"/>	<input style="width: 40px; height: 20px;" type="text"/>	
	<input style="width: 40px; height: 20px;" type="text"/>	<input style="width: 40px; height: 20px;" type="text"/>	<input style="width: 40px; height: 20px;" type="text"/>	<input style="width: 40px; height: 20px;" type="text"/>	<input style="width: 40px; height: 20px;" type="text"/>	<input style="width: 40px; height: 20px;" type="text"/>	
	<input style="width: 40px; height: 20px;" type="text"/>	<input style="width: 40px; height: 20px;" type="text"/>	<input style="width: 40px; height: 20px;" type="text"/>	<input style="width: 40px; height: 20px;" type="text"/>	<input style="width: 40px; height: 20px;" type="text"/>	<input style="width: 40px; height: 20px;" type="text"/>	

- Pontuação:** 15 pontos: Se o participante conseguiu uma palavra e mais ninguém conseguiu;
 10 pontos: Se o participante conseguiu palavras diferentes;
 5 pontos: Se o participante conseguiu palavras iguais;
 0 pontos: Se o participante não conseguiu nenhuma palavra.

Apreciação da atividade (*jogo do stop*)

1. **Gostei do jogo?** Sim. Não. Mais ou menos.
2. **Compreendi as regras do jogo?** Sim. Não. Mais ou menos.
3. **Tive dificuldades em encontrar palavras?** Sim. Não. Mais ou menos.
4. **Fui muito criativo nas palavras que encontrei em relação aos meus colegas?**
Sim. Não. Mais ou menos.
5. **Qual foi o tema que tive mais dificuldades para encontrar palavras?**

6. **E o que tive menos dificuldades?**

7. **No tema “livros” coloquei títulos de livros que já li?**
Sim. Não.
8. **Quais os títulos de livros que coloquei?**

9. **Na minha opinião a dinamizadora escolheu este jogo porque:**

2ª Sessão: Os livros da minha terra

Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> - Promover alguns autores madeirenses e livros de literatura infantil madeirense. - Incentivar os participantes para a leitura em voz alta. - Verificar o interesse dos participantes pela atividade. 		
Participantes	Crianças dos oito aos doze anos residentes no Abrigo Infantil da Nossa Senhora da Conceição e na Fundação Patronato de São Filipe.		
Recursos	Humanos	Materiais	Espaço
	<ul style="list-style-type: none"> - 1 Dinamizadora - 12 Crianças 	<ul style="list-style-type: none"> - 12 Fichas de leitura - Lápis/canetas - Mesas/cadeiras - Livros de autores madeirenses e literatura infantil madeirense 	<ul style="list-style-type: none"> - Ludoteca da Fundação Patronato de São Filipe - Sala de Atividades do Abrigo Infantil da Nossa Senhora da Conceição
Atividade	Leitura de livros de escritores madeirenses		
Descrição da atividade	<p>O participante tem que:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Selecionar um livro da lista facultada pela dinamizadora. - Ler expressivamente em voz alta o livro, após a preparação da leitura. - Preencher uma ficha de leitura sobre o livro que leu. 		
Observações/Notas de campo	<p>Na segunda sessão pretendia que os participantes adquirissem conhecimentos sobre alguns autores madeirenses e sobre as suas obras destinadas ao público infanto-juvenil.</p> <p>Para este efeito selecionei alguns livros e cada criança deveria escolher um livro e lê-lo em voz alta, após a preparação da leitura.</p> <p>Considerarei que a promoção de alguns livros de autores madeirenses poderia suscitar curiosidade nas crianças e iria motivá-las para a leitura dos seus livros.</p> <p>Para terminar a sessão os participantes preencheram uma ficha de</p>		

leitura que visava apurar os seus conhecimentos e a sua apreciação em relação aos livros que leram.

Em geral os participantes gostaram de ler os livros e acharam as histórias interessantes, identificaram-se com elas e aprenderam coisas novas.

Dia 12 de Junho de 2013, das 20h às 21h - Abrigo da Nossa Senhora da Conceição

A sessão iniciou às 20 horas, na sala de atividades do Abrigo. Os participantes A1, A2, A3, A4, A5 e A6 estavam curiosos para conhecer a próxima atividade.

Coloquei os livros selecionados em cima de uma mesa e solicitei que olhassem para eles, para a ilustração das capas e para os seus títulos. De seguida pedi que escolhessem um livro do seu interesse e que o lessem.

A escolha dos livros não foi fácil, visto que A2, A3 e A5 queriam ler o mesmo livro, do autor Francisco Fernandes, intitulado “A Madalena descobre o basquetebol”. No entanto quase todos chegaram a um consenso e escolheram livros diferentes.

As escolhas foram as seguintes:

A1 e A2: “O menino dos olhos azuis de água” de Octaviano Correia.

A3: “A Madalena descobre o Basquetebol” de Francisco Fernandes.

A4: “Maria e a estrela do mar” de Maria Aurora Homem.

A5 e A6: “Será que sou neto da bruxa?” de José Viale Moutinho.

As crianças A1 e A3 foram as únicas que quiseram ler o livro que escolheram em voz alta. A sessão ficou concluída às 21horas e 5 minutos.

Dia 13 de Junho de 2013, das 20h às 21h – Fundação Patronato de São Filipe

A mesma atividade foi realizada com os participantes F1, F2, F3,

	<p>F4, F5, na ludoteca da Fundação. A criança F6 não participou nesta sessão porque tinha uma visita de um familiar.</p> <p>Este grupo não estava muito motivado para participar na atividade. Alguns indicaram que estavam cansados da escola, outros diziam que não tinham vontade de ler. Para os incentivar sugeri que escolhessem um livro e que o lessem no jardim da Fundação. Todos concordaram com a sugestão e iniciaram as leituras.</p> <p>Os livros escolhidos pelas crianças foram os seguintes:</p> <p>F1: “O menino dos olhos azuis de água” de Octaviano Correia.</p> <p>F2: “Será que sou neto da bruxa?” de José Viale Moutinho.</p> <p>F3: “A madalena descobre o basquetebol” de Francisco Fernandes.</p> <p>F4: “Maria e a estrela do mar” de Maria Aurora Homem.</p> <p>F5: “Aliane e Zaneah: dos sonhos às vitórias” de Francisco Fernandes.</p> <p>Quando terminaram as leituras pedi que regressem à ludoteca e que preenchessem a ficha de leitura. Como ainda restavam 30 minutos para terminar a sessão, sugeri que cada criança lesse o livro em voz alta. A criança F5 foi a única que quis ler em voz alta. Terminei a sessão às 21horas.</p>
--	---

Ficha de Leitura
Os livros da minha terra
Leitura em voz alta



Autor: _____

Ilustrador: _____

Título da Obra: _____

Editora: _____

Resumo:

Apreciação pessoal:

• Gostei do livro? Sim Não Mais ou menos

• Gostei da história, porque

• Não gostei da história, porque

• Com a leitura deste livro aprendi

• Gostei especialmente da frase

3ª Sessão: Um conto para todos

Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> - Promover livros infanto-juvenis do autor José Viale Moutinho. - Motivar os participantes para o conto de histórias. - Apurar a motivação e o interesse dos participantes pela atividade. 		
Participantes	Crianças dos oito aos doze anos residentes no Abrigo Infantil da Nossa Senhora da Conceição e na Fundação Patronato de São Filipe.		
Recursos	Humanos	Materiais	Espaço
	<ul style="list-style-type: none"> - 1 Dinamizadora - 12 Crianças 	<ul style="list-style-type: none"> - 12 Fichas de leitura - Lápis/canetas - Mesas/cadeiras - Livros do escritor José Viale Moutinho 	<ul style="list-style-type: none"> - Jardim da Fundação Patronato de São Filipe - Sala de Atividades do Abrigo Infantil da Nossa Senhora da Conceição
Atividade	Conto de uma história		
Descrição da atividade	<p>Os participantes devem:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Escolher em conjunto um dos livros selecionados. - Preencher uma ficha de apreciação sobre a história. <p>A dinamizadora deve:</p> <p>Contar a história escolhida para o grupo.</p>		
Livros a selecionar (livros do escritor José Viale-Moutinho)	<ul style="list-style-type: none"> - “O rapaz de pedra” - “Frei João sem cuidados” - “O moço de cego” - “A gaitinha mágica” - “Os dois fradinhos” - “Os meus misteriosos pais” - “A menina da janela das persianas azuis” 	<ul style="list-style-type: none"> - “A sopa de pedra” - “Será que sou neto da bruxa?” - “O livrinho dos versos para rir” - “A casa dos sonhos” - “Criadores de sonhos” - “O menino gordo” - “Histórias da deserta grande” 	
Observações/Notas de campo	“Um conto para todos” foi o tema escolhido para a terceira sessão e tinha como principais objetivos dar a conhecer alguns		

livros infanto-juvenis do escritor José Viale Moutinho. Pretendia também motivar as crianças para o conto de histórias e verificar o seu interesse por esta prática de leitura.

Deste modo, selecionei algumas obras de José Viale Moutinho e pedi às crianças que escolhessem, em conjunto, um dos livros do autor.

O livro escolhido foi “Será que sou neto da bruxa?”. Foi uma escolha unânime, uma vez que as crianças já conheciam o livro da sessão anterior.

Para concluir esta atividade, pedi aos participantes que preenchessem uma ficha de apreciação em relação à história que ouviram. Assim, ficaria a conhecer o seu interesse e gosto pelo conto de histórias.

Praticamente todos os participantes gostaram da história porque era interessante, engraçada e divertida.

Dia 17 de Junho de 2013, das 20h às 21h - Abrigo da Nossa Senhora da Conceição

Fizeram parte desta atividade as crianças A1, A3, A4, A5, A6. Assim que cheguei ao Abrigo, a diretora informou-me que a criança A2 deixou de participar no projeto uma vez que saiu da Instituição e regressou à sua família.

A sessão começou por volta das 20 horas e 10 minutos. Coloquei os livros selecionados em cima das mesas e expliquei os objetivos da atividade às crianças.

Solicitei que escolhessem, em conjunto, um dos livros selecionados.

Os participantes A1, A3, A4 e A6 escolheram o livro “Será que sou neto da bruxa?”. Só a criança A5 escolheu “Os dois fradinhos”. Neste caso prevaleceu a escolha maioritária. No entanto, não queria que a criança A5 se sentisse desmotivada e emprestei o livro “Os dois fradinhos” para que o lesse, noutra altura e sem qualquer compromisso.

De seguida peguei no livro “Será que sou neto da bruxa?”,

mostrei o título e a ilustração da capa. Comecei a contar a história e desde logo verifiquei a atenção das crianças. Estavam muito interessadas e ao longo da história expressavam várias emoções. Estavam curiosas para saber como a história iria terminar. No final da sessão entreguei às crianças uma ficha de apreciação da atividade e constatei que todas gostaram da história. A1 e A6 acharam a história engraçada, A3 e A5 afirmaram que era muito interessante e a criança A4 também gostou da história porque era muito divertida. A Sessão terminou às 21 horas e 10 minutos.

Dia 18 de Junho de 2013, das 20h às 21h – Fundação Patronato de São Filipe

Pelas 20horas, os participantes F1, F3, F4 e F5 já se encontravam na ludoteca da Fundação. As crianças F2 e F6 não participaram na sessão porque tinham visitas dos familiares.

À semelhança do grupo do Abrigo da Nossa Senhora da Conceição, expliquei às crianças os objetivos da sessão e apresentei os livros selecionados.

Posteriormente, solicitei ao grupo que escolhessem um dos livros selecionados. No entanto, as crianças não se sentiam motivadas para participar e não queriam escolher nenhum livro.

De forma a incentivar o grupo para a atividade, informei que as crianças do Abrigo tinham escolhido o livro “Será que sou neto da bruxa?” e consideraram a história muito interessante e divertida. Foi com base nesta informação que o grupo acabou por escolher o mesmo livro. É de referir que quando comecei a contar a história, o interesse das crianças mudou completamente e, até ao final, estiveram muito concentradas. Ao preencher a ficha de apreciação em relação à história, a criança F1 disse que tinha gostado porque a história era muito engraçada. As crianças F3 e F4 também gostaram porque falava de uma bruxa. A participante F5 referiu que até teria piada se a sua avó fosse mesmo uma bruxa. A atividade terminou às 21horas e 5 minutos.

Ficha de Leitura
Um conto para todos



Autor: _____

Ilustrador: _____

Título da Obra: _____

Editora: _____

Resumo:

Apreciação pessoal:

• Gostei do livro? Sim Não Mais ou menos

• Gostei da história, porque

• Não gostei da história, porque

• Com esta história aprendi que

• Gostei especialmente da frase

4ª Sessão: *Imaginação sem limites: escrita criativa*

Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> - Motivar os participantes para a escrita criativa. - Verificar a criatividade e imaginação dos participantes. - Apurar a motivação e o interesse dos participantes pela atividade. 		
Participantes	Crianças dos oito aos doze anos residentes no Abrigo Infantil da Nossa Senhora da Conceição e na Fundação Patronato de São Filipe.		
Recursos	Humanos	Materiais	Espaço
	<ul style="list-style-type: none"> - 1 Dinamizadora - 12 Crianças 	<ul style="list-style-type: none"> - 12 Fichas de leitura - Lápis/canetas - Mesas/cadeiras 	<ul style="list-style-type: none"> - Ludoteca da Fundação Patronato de São Filipe - Sala de Atividades do Abrigo Infantil da Nossa Senhora da Conceição
Atividade	Imaginar e escrever uma história		
Descrição da atividade	<p>O participante deve:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Imaginar uma história e dar um título. - Ler a história que criou para os outros participantes. - Preencher uma ficha de apreciação da atividade. 		
Observações/Notas de Campo	<p>A 4ª sessão tem como tema “<i>Imaginação sem limites: escrita criativa</i>”. Com esta sessão queria motivar as crianças para a escrita criativa, verificar a sua imaginação e motivação e apurar o seu interesse pela atividade.</p> <p>Tendo em conta que as crianças já conheciam o livro “Será que sou neto da bruxa?” de José Viale Moutinho, sugeri que criassem uma história, inspirando-se nesse livro.</p> <p>Entreguei a cada criança uma ficha com a seguinte questão: “Imagina que sonhavas com uma bruxa. Como seria esse sonho?”.</p> <p>No final da sessão as crianças fizeram a apreciação da atividade e todas afirmaram ter gostado de participar.</p> <p>Embora as histórias criadas pelas crianças possuíssem alguns erros</p>		

gramaticais, verifiquei que eram muito criativas e que de facto a sua capacidade de imaginação não tem limites.

Considerarei que a escrita criativa deveria fazer parte do nosso projeto porque também constituiu um incentivo à leitura.

Dia 19 de Junho de 2013, das 20h às 21h - Abrigo da Nossa Senhora da Conceição

Cheguei ao Abrigo por volta das 19 horas e 50 minutos. Antes de entrar na sala, a criança A5 esperava por mim para devolver o livro “os dois fradinhos” do autor José Viale Moutinho que emprestei na sessão anterior. Disse que tinha gostado muito de o ler. As outras crianças (A1, A3, A4, A6), já se encontravam na sala, no entanto afirmaram estar cansadas e já só pensavam no final do ano letivo e nas férias de verão. Por isso não foi fácil incentivá-las.

Tentei motivá-las explicando os objetivos da sessão. De início não estavam muito interessadas em imaginar uma história. A criança A4 recusou participar na atividade e para não contrariá-la sugeri que, enquanto os colegas criavam a história, ela lesse um dos livros que se encontrava nas estantes da sala. Aceitou a minha sugestão.

Entreguei uma ficha às restantes crianças onde teriam que criar uma história e dar-lhe um título.

De súbito instalou-se um silêncio na sala. Nesse momento constatei que as crianças estavam muito concentradas na escrita e foi assim durante toda a sessão.

Para concluir pedi que fizessem a apreciação da atividade. E, apesar de inicialmente as crianças não estarem motivadas, todas responderam que gostaram de criar a história. Os participantes A1, A3, e A6 gostaram da atividade porque gostam de fazer histórias e a criança A5 disse que gostava de criar textos.

A sessão terminou às 21 horas. Como não deu tempo para lerem as suas histórias, sugerimos que as lessem na próxima sessão.

Dia 20 de Junho de 2013, das 20h às 21h – Fundação Patronato de São Filipe

Cheguei à Fundação às 20horas. Pelo corredor, antes de chegar à ludoteca, encontrei a criança F3, que informou que algumas participantes ainda estavam a jantar e outras estavam a tomar banho. Pedi que as chamasse para iniciarmos a atividade.

A sessão começou por volta das 20 horas e 15 minutos e participaram as crianças F1, F2, F3, F4, F5, F6.

Julguei que, à semelhança do grupo do Abrigo, estas crianças também não estariam muito interessadas em participar. No entanto, quando expliquei os objetivos da sessão, todas estavam motivadas e logo iniciaram a escrita.

Entreguei aos participantes uma ficha onde teriam que criar a história e no final sugeri que fizessem a sua apreciação. Constatei o entusiasmo das crianças pela atividade. Os seus textos estavam repletos de momentos criativos e originais.

Todas as histórias ficaram concluídas, à exceção da história da criança F6 que não conseguiu terminar. Perguntou-me se podia concluir a história em casa. Eu respondi que sim.

Relativamente à apreciação da ficha de escrita criativa, as crianças F2, F4 e F6 responderam que tinham gostado da atividade porque gostam de ler, escrever e imaginar histórias. F1, F3 também gostaram porque é divertido imaginar histórias e aprendem a não dar erros. A participante F5 afirma ter gostado porque esta atividade faz puxar pela cabeça.

Como já passava das 21horas, sugeri que fizessem a leitura das suas histórias na sessão seguinte. Terminámos a atividade por volta das 21 horas e 15 minutos.

5ª Sessão: Uma história aos quadrinhos: Parte I

Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> - Motivar os participantes para a leitura de diferentes géneros narrativos. - Adaptar o livro “Será que sou neto da bruxa?” de José Viale Moutinho para uma Banda Desenhada. - Apurar a motivação e o interesse dos participantes pela atividade. 		
Participantes	Crianças dos oito aos doze anos residentes no Abrigo Infantil da Nossa Senhora da Conceição e na Fundação Patronato de São Filipe		
Recursos	Humanos	Materiais	Espaço
	<ul style="list-style-type: none"> - 1 Dinamizadora - 12 Crianças 	<ul style="list-style-type: none"> - Plano de guião da BD - Folhas A4 - Lápis/borracha/lápis de cor/canetas/réguas - Mesas/cadeiras - Livro “Será que sou neto da bruxa?” 	<ul style="list-style-type: none"> - Ludoteca da Fundação Patronato de São Filipe - Quintal do Abrigo Infantil da Nossa Senhora da Conceição
Atividade	Criar uma Banda Desenhada		
Descrição da atividade	<p>O participante tem que:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Criar uma banda desenhada. - Introduzir as ilustrações, os diálogos e os textos e os balões na BD. 		
Observações/Notas de campo	<p>O tema desta sessão é “<i>Uma história aos quadrinhos: parte I</i>” e tem como objetivos principais motivar os participantes para a leitura de diferentes géneros narrativos, adaptar o livro “Será que sou neto da bruxa?” do escritor José Viale Moutinho para uma Banda Desenhada e apurar a sua motivação e interesse pela atividade.</p> <p>Após informar os objetivos da sessão aos participantes, demonstrei um exemplo de uma Banda Desenhada e expliquei que para criar</p>		

este género narrativo é necessário planificar um guião.

Uma vez que o tempo era escasso para a realização da história, optei por criar as vinhetas, os planos, os diálogos, os textos de apoio e as descrições dos desenhos. De acordo com estas informações, as crianças só teriam que introduzir os textos, diálogos e legendas nos balões, bem como realizar os desenhos.

Mais uma vez queria que se inspirassem no livro “Será que sou neto da bruxa?” de José Viale Moutinho e nas ilustrações de Abigail Ascenso, para criarem os desenhos.

Dividi a atividade em duas partes, dada a sua extensão. Sendo assim, nesta sessão as crianças introduziram os textos e diálogos nos balões e desenharam as descrições a lápis. A segunda parte da atividade (realizada na 6ª sessão) serviu para pintarem os desenhos.

Posso afirmar que esta atividade foi uma das mais apreciadas pelos participantes, até porque já conhecia os seus gostos pela leitura de Bandas Desenhadas, pela pintura e pelo desenho.

Dia 24 de Junho de 2013, das 20h às 21h – Abrigo da Nossa Senhora da Conceição

Cheguei por volta das 20 horas. De modo a criar um ambiente diferente e mais aprazível optei por realizar esta atividade no quintal do Abrigo.

As crianças ainda não tinham chegado. Então, fui ao encontro da técnica e solicitei que as chamasse. Enquanto isso comecei a preparar a atividade.

As crianças A1, A3, A4, A5 e A6 chegaram por volta das 20 horas e 10 minutos. Tinham acabado de jantar e disseram que estavam na sala de convívio a ver desenhos animados. Aproveitei esta informação para dizer que a sessão de hoje estava relacionada com desenhos animados. Ficaram logo entusiasmadas.

Após explicar os objetivos da sessão informei que iriam criar a banda desenhada em conjunto. De seguida demonstrei os passos

para a sua realização.

Através da planificação do guião as crianças iniciaram a Banda Desenhada, composta por onze páginas. Como a atividade era feita em grupo, sugeri às crianças que escolhessem em conjunto os planos. Nestes planos tinham que realizar as ilustrações, desenhar os balões e introduzir os textos. Sendo assim, a seleção dos planos, e a descrição dos textos e das ilustrações ficaram organizadas da seguinte forma:

- Página 1 e 6: Participante A4
- Página 2 e 7: Participante A6
- Página 3 e 8: Participante A1
- Pagina 4 e 9: Participante A3
- Página 5: Participante A5

Todas as crianças estavam muito motivadas para começar, pois gostam muito de desenhar e pintar. Inicialmente, as crianças A4 e A5 não queriam escrever os textos e os diálogos, mas acabaram por fazê-lo.

Os participantes não conseguiram concluir as páginas 10 e 11 da Banda Desenhada, uma vez que o tempo foi escasso e, comparando com o outro grupo, tinha menos uma criança. Sugeri que terminassem as ilustrações na próxima sessão.

Apesar de não concluírem a atividade na totalidade, constatei que as crianças estavam muito satisfeitas com o seu resultado e entusiasmadas para terminá-la na próxima sessão. O facto de ser realizada em conjunto fez com que o grupo se unisse e se ajudasse.

Dia 25 de Junho de 2013, das 20h às 21h – Fundação Patronato de São Filipe

Eram 20horas e 5 minutos quando cheguei à Fundação. As crianças F1, F2, F3, F4, F5, F6 já estavam à minha espera na ludoteca. Antes de começarmos, a criança F6 entregou-me a atividade de escrita criativa, como ficou combinado na sessão anterior.

	<p>Sem perder mais tempo iniciei a atividade e expliquei os objetivos da sessão.</p> <p>Através da planificação do guião as crianças iniciaram a Banda Desenhada, composta por onze páginas. Como a atividade era feita em grupo, sugeri às crianças que escolhessem em conjunto os planos. Nestes planos tinham que realizar as ilustrações, desenhar os balões e introduzir os textos. Sendo assim, a seleção dos planos, e a descrição dos textos e das ilustrações foram organizadas da seguinte forma:</p> <ul style="list-style-type: none">- Página 1 e 4: Participante F3- Página 2 e 5: Participante F2- Página 3: Participante F5- Pagina 6 e 7: Participante F6- Página 8, 9 e 10: Participante F1- Página 11: Participante F4 <p>À semelhança do outro grupo, estas crianças estavam muito interessadas na atividade, pois a maioria gosta muito de ler bandas desenhadas. No entanto quando comecei a distribuir as fichas, as participantes F2, F4 e F5 recusaram-se a introduzir os textos e diálogos porque não tinham vontade de escrever. Sugeri que iniciassem com os desenhos e só no final introduzissem os textos. Apesar da desmotivação de algumas crianças em realizar a atividade, conseguiram concluí-la.</p> <p>Constatámos a sua satisfação por terem realizado a atividade e a sua motivação para terminá-la na próxima sessão. No entanto verificámos alguma desmotivação para introduzir os textos e diálogos na Banda Desenhada.</p>
--	--

6ª Sessão: Uma história aos quadradinhos: Parte II

Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> - Motivar os participantes para animação da leitura. - Apurar o interesse dos participantes pela atividade. 		
Participantes	Crianças dos oito aos doze anos residentes no Abrigo Infantil da Nossa Senhora da Conceição e na Fundação Patronato de São Filipe.		
Recursos	Humanos	Materiais	Espaço
	<ul style="list-style-type: none"> - 1 Dinamizadora - 12 Crianças 	<ul style="list-style-type: none"> - Folhas A4 - Canetas de ponta fina preta/ lápis de cor - Mesas/cadeiras - Livro “Será que sou neto da bruxa”. 	<ul style="list-style-type: none"> - Ludoteca da Fundação Patronato de São Filipe - Quintal do Abrigo Infantil da Nossa Senhora da Conceição
Atividade	Pintar a BD		
Descrição da atividade	<ul style="list-style-type: none"> - Pintar as ilustrações com lápis de cor. - Concluir a Banda Desenhada. 		
Observações/Notas de Campo	<p>Nesta sessão pretendia que os participantes concluíssem a segunda parte da Banda Desenhada.</p> <p>Após planificar o guião da BD e introduzir os primeiros passos para a sua realização (como por exemplo, inserir as ilustrações, os textos e os diálogos), solicitei que finalizassem a atividade pintando as ilustrações. Em primeiro lugar teriam que passar os desenhos com uma caneta de ponta fina preta, de seguida teriam que pintá-los.</p> <p>Optei por trocar as Bandas Desenhadas dos grupos, ou seja, o grupo 1 (grupo do Abrigo da Nossa Senhora da Conceição) pintou as ilustrações do grupo 2 (grupo da Fundação Patronato São Filipe) e vice-versa. Considerei que desta forma as crianças poderiam conhecer as diferentes perspetivas da BD e poderiam opinar em relação aos outros trabalhos.</p> <p>Nesta sessão constatei uma grande dedicação por parte das</p>		

crianças em querer fazer um excelente trabalho, visto que a responsabilidade era maior por se tratar da banda desenhada do outro grupo.

Considerarei que esta atividade foi fundamental para o nosso projeto e que desde logo cativou o interesse das crianças. O resultado final não poderia ser melhor.

Dia 26 de Junho de 2013, das 20h às 21h – Abrigo da Nossa Senhora da Conceição

Cheguei ao Abrigo por volta das 20h00. A atividade realizou-se novamente no quintal da instituição e nela participaram as crianças A1, A3, A4, A5 e A6.

Informei que iriam concluir a Banda Desenhada e que só faltava pintar as ilustrações criadas.

Quando se preparavam para iniciar as pinturas depararam-se com desenhos diferentes e repararam logo que não pertenciam à sua Banda Desenhada. Sugeri que pintassem a BD do grupo da Fundação Patronato São Filipe.

Inicialmente ficaram apreensivos, por não ser o seu trabalho. No entanto, quando iniciaram as pinturas, constatámos que as crianças estavam preocupadas em desenvolver um bom trabalho e curiosas por saber a quem pertencia as ilustrações que pintavam.

As pinturas ficaram organizadas da seguinte forma:

Página 1 e 3: Participante A3

Página 2, 8 e 9: Participante A5

Página 4 e 5: Participante A6

Página 6 e 7: Participante A1

Página 10 e 11: Participante A4

Constatei a satisfação dos participantes em pintar a BD do grupo 2. Comparavam e davam as suas próprias opiniões em relação aos desenhos.

A atividade prolongou-se além do tempo previsto, no entanto as crianças não queriam que a sessão terminasse sem concluírem a BD. A sessão terminou por volta das 21horas e 20 minutos.

Dia 27 de Junho de 2013, das 20h às 21h – Fundação Patronato de São Filipe

Quando cheguei à Instituição, a criança F3 estava no quintal da Fundação à minha espera. Já passavam 5 minutos das 20 horas. Informou-me que as restantes crianças ainda estavam a terminar o jantar. Solicitei que assim que terminassem, descessem para a Ludoteca. A atividade começou por volta das 20 horas e 10 minutos com os participantes F1, F2, F3, F4, F5 e F6.

À semelhança do grupo 1 (Abrigo da Nossa Senhora da Conceição) informei que nesta sessão iriam concluir a BD. Neste caso solicitei que iniciassem as pinturas.

Este grupo também ficou admirado quando coloquei as páginas da BD em cima das mesas e, de imediato constataram que não lhes pertencia. Deste modo, informei que iriam pintar a BD do grupo 1. Não se opuseram e iniciaram as pinturas.

As pinturas ficaram organizadas da seguinte forma:

Página 1 e 5: Participante F3

Página 2 e 3: Participante F6

Página 4: Participante F1

Página 6: Participante F2

Página 7 e 9: Participante F4

Página 8: Participante F5

Como as crianças estavam atentas em relação à atividade, constataram que nesta BD estavam a faltar as últimas duas páginas (página 10 e página 11). Informei que o grupo 1 tinha menos uma criança em relação a este grupo, por isso não teve tempo suficiente para terminar as ilustrações e a introdução dos textos e diálogos.

Verifiquei que, em geral, o grupo gostou de participar nesta atividade. Estiveram sempre motivados, principalmente na fase de pintar a BD. A Sessão ficou concluída às 21 horas.

7ª Sessão: Vem aí o escritor

Objetivos	<p>- Preparar a chegada do escritor José Viale Moutinho ao Abrigo da Nossa Senhora da Conceição.</p> <p>- Demonstrar a utilidade de outros suportes de leitura.</p> <p>- Verificar o interesse e motivação das crianças pela atividade.</p>		
Participantes	Crianças dos oito aos doze anos residentes no Abrigo Infantil da Nossa Senhora da Conceição e na Fundação Patronato de São Filipe.		
Recursos	Humanos	Materiais	Espaço
	<p>- 1 Dinamizadora</p> <p>- 12 Crianças</p>	<p>- Computador</p> <p>- Internet</p> <p>- Mesas/cadeiras</p>	<p>- Ludoteca da Fundação Patronato de São Filipe</p> <p>- Sala de Atividades do Abrigo Infantil da Nossa Senhora da Conceição</p>
Atividade	Apresentação da Biografia de José Viale Moutinho		
Descrição da Atividade	<p>Pesquisar na Internet a biografia de José Viale Moutinho.</p> <p>Explicar às crianças os motivos da presença do escritor.</p>		
Observações/Notas de Campo	<p>Após realizar algumas atividades relacionadas com os livros infantis de José Viale Moutinho, considerei interessante proporcionar um encontro literário entre o escritor e as crianças das Instituições. Deste modo, estabeleci um primeiro contacto com a finalidade de convidá-lo e obtive de imediato uma resposta positiva.</p> <p>No primeiro encontro com o escritor informei os objetivos gerais do projeto de leitura, bem como as atividades de leitura desenvolvidas e o público a que se destina.</p> <p>Procurei demonstrar, desde logo, que este encontro seria fundamental para o nosso projeto, uma vez que pretendia promover livros infanto-juvenis de escritores madeirenses e queria</p>		

proporcionar às crianças a oportunidade de conhecer o autor dos livros que fizeram parte das atividades introduzidas nas sessões.

O escritor interessou-se de imediato pelo projeto de leitura e pelo contexto em que as crianças estavam inseridas. Sugeriu desenvolver uma atividade com elas e apresentou algumas sugestões.

Após estabelecer os contactos e de obter as devidas autorizações, iniciei a sétima sessão de leitura intitulada “*Vem aí o escritor*”. Esta sessão teve como objetivos principais preparar a chegada do escritor José Viale Moutinho ao Abrigo da Nossa Senhora da Conceição, demonstrar a utilidade de outros suportes de leitura e verificar o interesse e motivação das crianças pela atividade.

Dei a conhecer às crianças a biografia do escritor. Para este efeito utilizei o meu computador com ligação à Internet. Assim, as crianças poderiam aceder a algumas informações sobre a vida e obra do escritor.

Considerarei importante demonstrar às crianças outros suportes e diferentes meios de comunicação para pesquisar livros, escritores e suas biografias, como é o caso da Internet.

Recorri ao sítio web www.josevialehoutinho.wordpress.com, para que pudessem pesquisar a biografia e a vasta obra do autor, nomeadamente, os seus livros para crianças.

Foi possível constatar o interesse das crianças no momento em que começaram a explorar a internet para encontrar alguns dados sobre o autor. Após pesquisar a biografia do autor e explicar às crianças os motivos da sua presença, sugeri que pensassem em questões que gostariam de colocar ao escritor.

Dia 03 de Julho de 2013, das 20h às 21h – Abrigo infantil da Nossa Senhora da Conceição

Esta sessão teve lugar no Abrigo da Nossa Senhora da Conceição, no dia três de Julho, pelas 20 horas e contou com a participação das crianças A1, A3, A4, A5, A6.

	<p>Informei que na próxima sessão teríamos a presença do escritor José Viale Moutinho, por isso seria fundamental prepararmos a sua chegada à Instituição.</p> <p>Desde logo vi o interesse dos participantes e a sua curiosidade em saber como seria este encontro. As crianças A1, A3 e A5 foram as que mostraram maior entusiasmo.</p> <p>De modo a preparar este encontro, liguei o meu computador para que as crianças pudessem pesquisar na Internet algumas informações sobre a vida e obra do escritor. Acabou por não ser muito funcional porque só tínhamos um computador para cinco crianças e todas queriam aceder ao mesmo tempo. No entanto, conseguimos cumprir a atividade e as crianças adquiriram alguns conhecimentos em relação à vasta obra do autor.</p> <p>Uma vez que a sessão já estava a terminar, sugeri que em sua casa pensassem em algumas questões que gostassem de colocar ao escritor. A sessão terminou por volta das 21 horas.</p>
--	---

8ª Sessão: I Encontro com José Viale Moutinho: Apresentação

Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> - Apresentar o escritor José Viale Moutinho às responsáveis das Instituições e às crianças. - Proporcionar um encontro literário entre ambos. - Verificar o interesse das crianças pela atividade. 		
Participantes	Crianças dos oito aos doze anos residentes no Abrigo Infantil da Nossa Senhora da Conceição e na Fundação Patronato de São Filipe.		
Recursos	Humanos	Materiais	Espaço
	<ul style="list-style-type: none"> - 1 Dinamizadora - 12 Crianças 	<ul style="list-style-type: none"> - Quadro - Canetas/apagador - Mesas/cadeiras - Livros 	<ul style="list-style-type: none"> - Ludoteca do Abrigo Infantil da Nossa Senhora da Conceição
Atividade	I Encontro entre o escritor e as crianças		
Descrição da atividade	<ul style="list-style-type: none"> - Apresentação escritor/crianças. - Contar histórias. - Criar uma história. 		
Observações/Notas de campo	<p>Antes de realizar este primeiro encontro com o escritor, perguntei às responsáveis se seria possível reunir todas as crianças envolvidas no projeto, numa só Instituição. Ambas afirmaram que sim. Deste modo, as sessões com o escritor foram realizadas no Abrigo infantil da Nossa Senhora da Conceição com os participantes A1, A4, A5, A6 e F2, F3, F4, F5, F6. A criança A2 deixou de fazer parte do projeto logo na terceira sessão porque regressou definitivamente à sua residência familiar. As crianças A3 e F1 também não estiveram presentes nos encontros com o escritor porque foram de férias com os seus familiares.</p> <p>Os principais objetivos desta sessão eram apresentar o escritor José Viale Moutinho às responsáveis das Instituições e às crianças, proporcionar um encontro literário entre ambos e verificar o interesse das crianças pela atividade.</p> <p>Desde logo foi possível constatar o entusiasmo das crianças pela</p>		

presença do escritor. Estavam curiosas e ansiosas para saber como se iam desenrolar os encontros.

Dia 08 de Julho de 2013, das 20h às 21h – Abrigo infantil da Nossa Senhora da Conceição

O escritor chegou à Instituição, por volta das 19 horas e 50 minutos. Os participantes A1, A4, A5 e A6, já o aguardavam, muito curiosos e ansiosos por saber como se iriam desenrolar os encontros. Correram em direção ao escritor, muito eufóricos, chamando pelo seu nome. Criou-se desde logo uma empatia muito grande entre ambos.

De seguida, acompanhei o escritor até à Ludoteca. O restante grupo já lá estava. Entretanto, a técnica do Abrigo da Nossa Senhora da Conceição veio receber e dar as boas vindas ao escritor em representação da diretora, que não podia estar presente. A responsável da Fundação Patronato São Filipe também esteve presente neste primeiro encontro.

Constatei que na Ludoteca encontravam-se quatro crianças que não faziam parte do projeto, mas que queriam conhecer o escritor. Assim perguntei ao escritor se não tinha qualquer inconveniente em relação à presença destas crianças neste primeiro encontro. O mesmo respondeu que não.

Juntamente com as crianças, uni as mesas e as cadeiras como solicitado por José Viale Moutinho. As crianças sentaram-se e logo ficaram muito atentas e silenciosas, à espera das suas primeiras palavras.

O escritor apresentou-se e estabeleceu desde o início um ambiente descontraído e divertido e captou a atenção de todos os participantes. A criança A5 foi a primeira a dizer que já o conhecia, pois o escritor tinha estado na sua escola. Também referiu que tinha gostado muito de ler um dos livros da sua autoria, intitulado “o menino gordo”.

Constatei que inicialmente as crianças estavam um pouco tímidas com a sua presença, pois quando o escritor fazia alguma questão,

ficavam retraídas e não respondiam, ou respondiam muito baixinho. No entanto, logo que José Viale Moutinho começou a contar uma história (baseada no seu livro “os dois fradinhos”) ficaram mais descontraídas e soltaram as primeiras risadas. Acharam a história muito engraçada.

Já no fim do encontro foi possível verificar a grande afinidade entre ambos.

Para incentivar o gosto pela escrita e pelo conto de histórias, José Viale Moutinho desafiou as crianças a contarem uma história e a criarem o seu próprio livro. Neste livro, teriam que criar a capa, escolher um título, narrar uma história à sua escolha, introduzir a sua fotografia e biografia e escolher um dos seus colegas para ser o ilustrador. Como o tempo era limitado para desenvolver esta atividade, o escritor referiu que as crianças comesçassem a imaginar e a escrever uma história na residência e que a trouxessem no próximo encontro.

Antes de concluirmos a sessão, a diretora do Abrigo da Nossa Senhora da Conceição chegou, deu as boas vindas ao escritor e agradeceu a sua presença.

Pelas 20 horas, as crianças F2, F3, F4, F5, F6, juntamente com a sua responsável, regressaram à Fundação Patronato de São Filipe. As crianças do Abrigo, como já estavam na sua residência, perguntaram-me se podiam ficar mais tempo, para começar a criar a história. Concordei e com o consentimento da diretora fiquei até às 21 horas e 30 minutos.

9ª Sessão: II encontro com José Viale Moutinho

Objetivos	<p>- Criar uma história com as crianças de acordo com a sugestão e apoio do Escritor José Viale Moutinho.</p> <p>- Ajudar o escritor na execução da atividade.</p> <p>-Verificar o interesse e motivação das crianças pela atividade.</p>		
Participantes	Crianças dos oito aos doze anos residentes no Abrigo Infantil da Nossa Senhora da Conceição e na Fundação Patronato de São Filipe.		
Recursos	Humanos	Materiais	Espaço
	<p>- 1 Dinamizadora</p> <p>- 12 Crianças</p>	<p>- Quadro</p> <p>- Mesas/cadeiras</p> <p>- Canetas/lápis</p> <p>- Canetas de feltro</p> <p>- Borrachas/réguas</p> <p>- Fita cola/Tesouras</p> <p>- Folhas brancas A3</p> <p>- Cartolinas estampadas</p> <p>- Vinhetas brancas</p> <p>- Cordel</p>	<p>- Ludoteca do Abrigo Infantil da Nossa Senhora da Conceição</p>
Atividade	II Encontro com o escritor José Viale Moutinho		
Descrição da atividade	- Continuar a criar a história.		
Observações/Notas de Campo	<p>Nesta sessão pretendia dar continuidade às atividades sugeridas pelo escritor. Deste modo, proporcionei o “<i>II Encontro com o escritor José Viale Moutinho</i>”, com a finalidade de retomar a criação de uma história, apoiar o escritor na execução da atividade e verificar a motivação e interesse das crianças.</p> <p>A sessão realizou-se no dia 09 de Julho, no Abrigo da Nossa Senhora da Conceição e contou com a presença dos participantes A1, A4, A5, A6, F2, F3, F4, F5 e F6.</p> <p>As crianças estavam muito entusiasmadas ao ver José Viale</p>		

Moutinho a chegar à ludoteca do Abrigo com todo o material necessário para a elaboração dos livros.

De seguida apresentaram os seus textos e o escritor sugeriu que cada criança os lesse em voz alta. No entanto verifiquei que, no momento da leitura, a maior parte das crianças liam num tom muito baixo, pois estavam envergonhadas.

Apesar de inicialmente estarem um pouco retraídas com a leitura das suas histórias considerei que este encontro foi um dos momentos mais dinâmicos e produtivos do projeto.

Para além de terem a possibilidade de criarem as suas próprias histórias, tiveram a oportunidade destas serem analisadas e criticadas pelo escritor.

Dia 09 de Julho de 2013, das 20h às 21h – Abrigo infantil da Nossa Senhora da Conceição

Cheguei com o escritor José Viale Moutinho por volta das 20 horas. As crianças do Abrigo e do Patronato já se encontravam à nossa espera nos corredores da Instituição. Solicitei que entrassem na ludoteca para iniciarmos a sessão.

Traziam consigo as suas histórias. De seguida, o escritor solicitou a cada criança que as lesse em voz alta.

A criança A5 foi a que mais surpreendeu o autor, pela criatividade e originalidade da sua história. No entanto, José Viale Moutinho sugeriu que algumas crianças (F5, A1 e A6) melhorassem os seus textos, uma vez que se basearam em contos já existentes e não eram criativos, nem originais.

Após a leitura das histórias, ajudei o escritor a colocar o material que tinha trazido em cima das mesas. As crianças ficaram logo entusiasmadas.

Este material, fornecido pelo escritor, foi fundamental para a formatação dos livros. Inicialmente os seus textos seriam copiados para folhas brancas em formato A3. Em segundo lugar, cada criança escolhia um colega para ilustrar o seu texto. Para terminar

	<p>escolhiam uma capa de cartolina estampada e introduziam uma vinheta em branco onde indicavam o título e o autor da obra e na contracapa colocavam a sua biografia e fotografia.</p> <p>Nesta sessão quase todas as crianças conseguiram introduzir os textos e criar as capas das suas histórias. No entanto senti alguma dificuldade em concluí-la, uma vez que as crianças queriam continuar. O encontro terminou pelas 21 horas e 50 minutos.</p> <p>No próximo encontro com o escritor teriam que concluir a atividade.</p>
--	--

10ª Sessão: III Encontro com José Viale Moutinho

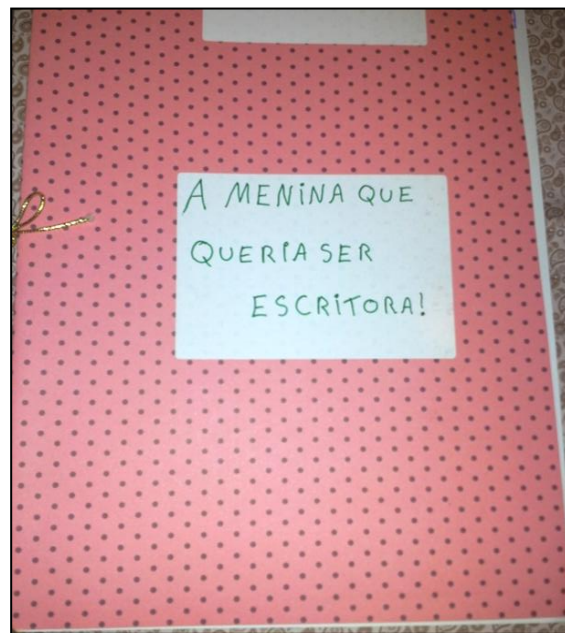
Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> - Apoiar o escritor José Viale Moutinho na execução das atividades. - Concluir as atividades sugeridas pelo escritor. - Verificar o interesse e motivação dos participantes pela atividade. 		
Participantes	Crianças dos oito aos doze anos residentes no Abrigo Infantil da Nossa Senhora da Conceição e na Fundação Patronato de São Filipe.		
Recursos	Humanos	Materiais	Espaço
	<ul style="list-style-type: none"> - 1 Dinamizadora - 9 Crianças 	<ul style="list-style-type: none"> - Quadro - Mesas/cadeiras - Canetas/lápis - Canetas de feltro - Borrachas/réguas - Fita cola/Tesouras - Folhas brancas A3 - Cartolinas estampadas - Cordel 	<ul style="list-style-type: none"> - Ludoteca do Abrigo Infantil da Nossa Senhora da Conceição
Atividade	III encontro com o escritor José Viale-Moutinho		
Descrição da	- Conclusão da história.		

atividade	- Despedida do escritor
Observações/Notas de Campo	<p>O “<i>III encontro com o escritor José Viale Moutinho</i>” constituiu a 10ª sessão do nosso projeto de leitura. Neste encontro pretendia concluir a atividade proposta pelo escritor e verificar a motivação e interesse das crianças pela criação das suas histórias.</p> <p>Dia 09 de Julho de 2013, das 20h às 21h – Abrigo infantil da Nossa Senhora da Conceição</p> <p>Cheguei à Instituição, juntamente com o escritor José Viale Moutinho, por volta das 20 horas. Como já era habitual, os participantes A1, A4, A5, A6, F2, F3, F4, F5 e F6 aguardavam-nos no corredor. De seguida, uma das técnicas da Instituição encaminhou-nos para outra sala de atividades, uma vez que a ludoteca estava ocupada. Esta sala era muito mais ampla em relação à ludoteca e também possuía boas condições para a realização dos trabalhos. Juntamente com as crianças, transportámos o material para esta nova sala de modo a dar continuidade à criação das suas histórias.</p> <p>Os participantes F5, F6, A1, A6 estavam um pouco atrasados em relação às restantes crianças, pois ainda copiavam os textos para as folhas do seu livro e acabaram por ficar um pouco desmotivados. No entanto a motivação e o entusiasmo regressou quando o escritor referiu que ao terminar os seus trabalhos, as crianças teriam a oportunidade de escolher um livro da sua autoria. Ficaram muito animadas e à medida que foram concluindo as suas histórias, escolheram um dos livros de José Viale Moutinho.</p> <p>No fim do encontro foi realizada uma sessão de autógrafos e constatei que as crianças estavam muito satisfeitas e orgulhosas com os seus novos livros. Considerei que os encontros literários com o escritor José Viale Moutinho foram fundamentais para o nosso projeto e para a promoção da leitura infantil. Senti que o contacto direto entre o escritor e as crianças impulsionou uma grande motivação nas crianças.</p> <p>A sessão ficou concluída por volta das 21 horas e 30 minutos.</p>

Histórias criadas pelas crianças



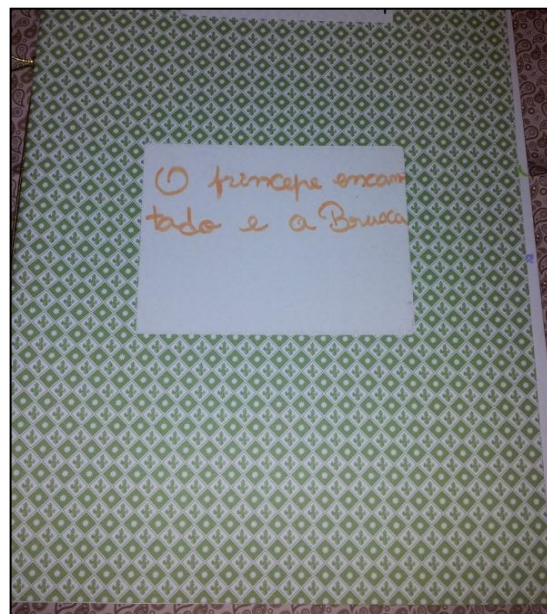
Participante A1
"Quando eu fui ao Porto Santo"



Participante A5
"A menina que queria ser escritora"

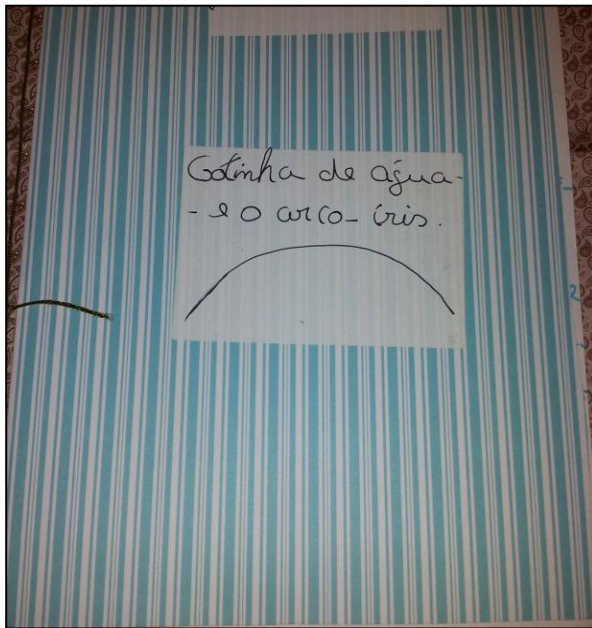


Participante A6
"A minha ida à praia"



Participante A4
"O príncipe encantado e a Bruxa"

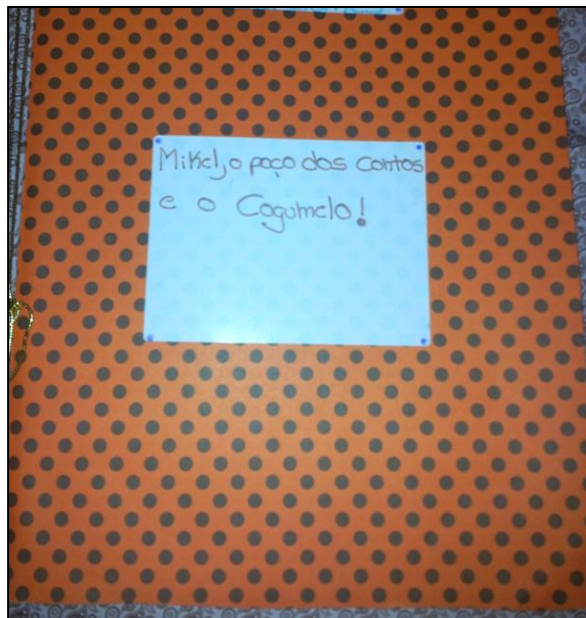
Histórias criadas pelas crianças (Cont.)



Participante F3
"Gotinha de água e o arco-íris"



Participante F6
"Qual será o sonho dele?"



Participante F4
"Mikel, o poço dos contos e o cogumelo!"



Participante F5
"Uma grande e estranha amizade!"

11ª Sessão: Sessão de Encerramento (Apreciação das atividades)

Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> - Concluir o projeto de promoção da leitura. - Aferir o interesse e o gosto das crianças pelo projeto de promoção de leitura. 		
Participantes	Crianças dos oito aos doze anos residentes no Abrigo Infantil da Nossa Senhora da Conceição e na Fundação Patronato de São Filipe.		
Recursos	Humanos	Materiais	Espaço
	<ul style="list-style-type: none"> - 1 Dinamizadora - 8 Crianças 	<ul style="list-style-type: none"> - 12 Fichas de Apreciação das atividades - Mesas/cadeiras - Canetas/lápis 	<ul style="list-style-type: none"> - Ludoteca da Fundação Patronato de São Filipe - Sala de Atividades do Abrigo Infantil da Nossa Senhora da Conceição
Atividade	Apreciação do projeto de leitura		
Descrição da atividade	<ul style="list-style-type: none"> - Apreciação das sessões através de um questionário. - Conclusão do projeto de leitura. 		
Observações/Notas de Campo	<p>A 11ª sessão tem como título “<i>Sessão de encerramento: apreciação das atividades</i>” e com ela pretendia aferir o interesse e o gosto das crianças pelas atividades desenvolvidas ao longo das sessões e concluir o projeto de promoção da leitura.</p> <p>Uma vez que estávamos perante a última sessão do projeto, considerei importante que as crianças fizessem a apreciação das atividades. Para este efeito recolhi os dados através de um questionário de perguntas abertas.</p> <p>O ideal seria realizar entrevistas às crianças, mas não consegui o tempo necessário nem a facilidade para as fazer. Deste modo, verifiquei que com este tipo de perguntas poderia obter informação rica e detalhada relativamente ao que pretendia apurar.</p> <p>De um modo geral, aferi que as crianças gostaram de participar nas atividades porque aprenderam a valorizar mais a importância da</p>		

leitura, conheceram coisas novas e acharam as sessões muito divertidas. As atividades que mais gostaram foram a criação de uma Banda Desenhada, o jogo do stop e criar um livro com o escritor José Viale Moutinho.

Relativamente à continuidade deste projeto, as crianças afirmaram que gostariam que as atividades de leitura continuassem a fazer parte dos seus tempos livres. Segundo as suas respostas, para além de aprenderem coisas novas e estarem informados, também podiam divertir-se com a literatura portuguesa.

Dia 22 de Julho de 2013, das 20h às 21h – Abrigo infantil da Nossa Senhora da Conceição

Cheguei à Instituição por volta das 20 horas. A última sessão realizou-se no quintal do Abrigo e contou com a presença dos participantes A1, A3, A4 e A5. A criança A6 não esteve presente porque estava de férias com os seus familiares.

Informei que esta seria a última sessão do projeto de leitura e, de seguida solicitei que respondessem a um questionário. Apercebi-me de algum desânimo, pois as crianças não queriam que fosse o último dia e interrogaram-me se iria voltar mais vezes. Informei-lhes que tinha intenção de regressar para devolver-lhes os seus trabalhos e se a Instituição concordar, desenvolver novas atividades de leitura. Ficaram mais otimistas e começaram a responder às questões.

No que concerne aos questionários respondidos, aferi respostas muito positivas relativamente às atividades. Quando questionadas sobre o seu interesse em participar no projeto, todas responderam que tinham gostado, *“porque foi divertido estudar sobre biblioteca com José Viale Moutinho”* (A4), *“porque era divertido, gostei dos jogos e de tudo o que lá aprendemos”* (A3), *“porque foi muito divertido aprender a fazer um livro”* (A1), *“porque aprendi que a leitura é muito importante para a nossa vida e também pode ser divertida”* (A5).

Relativamente às atividades que mais gostaram, as respostas foram unânimes. A criança A4 gostou “*de construir uma estória com o escritor José Viale Moutinho*”, a criança A1 também afirmou que gostou “*de criar um livro com José Viale Moutinho*”, a criança A5 gostou “*muito de criar um livro com a ajuda do escritor José Viale Moutinho e de aprender a fazer uma banda-desenhada*”, a criança A3 respondeu que gostou “*de todas as atividades*”.

Quando questionadas se gostariam que estas atividades continuassem a fazer parte dos seus tempos livres, todas responderam que sim porque “*adorei todas as atividades que fizemos*” (A3), porque “*eu gostava de ler com os meus amigos*” (A4), porque “*foi muito divertido estas atividades*” (A3), porque “*adoro literatura, adoro escrever e ler e porque é muito importante para o meu futuro*” (A5).

Após responderem aos questionários, conclui a última sessão de leitura e despedi-me das crianças com a promessa de regressar brevemente. Por volta das 20 horas e 45 minutos fui ao encontro da diretora da Instituição para despedir-me e informar que brevemente iria entregar um relatório das atividades. A mesma agradeceu, referindo que as portas da Instituição estariam sempre abertas.

Dia 23 de Julho de 2013, das 20h às 21h – Fundação Patronato de São Filipe

Eram 16 horas quando cheguei à Instituição. Esta sessão realizou-se mais cedo em relação às outras, uma vez que as crianças estavam de férias escolares e a responsável sugeriu que realizasse a atividade neste horário.

Antes de chegar à ludoteca constatei que as crianças estavam na sala de informática. Deste modo, solicitei que descessem até à sala para responderem a um questionário e que esta seria a última sessão. Assim, nesta atividade participaram as crianças F2, F3, F5 e F6. Não conseguimos obter as respostas das crianças F1 e F4 porque estavam de férias com os seus familiares.

À semelhança das crianças do Abrigo estavam um pouco desanimadas com o fim do projeto, perguntando se eu não iria regressar. Mais uma vez referi a intenção de voltar e ficaria muito contente se pudesse dar continuidade ao projeto.

De seguida responderam ao questionário e constatei que, do mesmo modo que as crianças do Abrigo, também gostaram de participar neste projeto porque *“foi interessante aprender mais sobre a literatura portuguesa, foi giro fazermos cada um o seu livro, conhecermos um autor português e fazermos atividades com ele”* (F5), porque *“aprendi que isto é importante para a vida toda”* (F3), porque *“aprendi coisas novas, jogos novos e outras coisas”* (F2), porque *“fiquei com a ideia como se realiza um livro e como é importante ler”* (F6).

Relativamente ao seu interesse pelas atividades a criança F5 respondeu que gostou mais de *“fazer o livro”*, a criança F3 também gostou do *“livro que nós fizemos com o escritor e do jogo do stop”*, a criança F2 gostou mais da *“banda desenhada e do jogo do stop”* e a criança F6 respondeu *“o jogo do stop; a realização de um livro à nossa escolha, acompanhados pelo escritor José Viale-Moutinho”*.

Para concluir o questionário perguntei-lhes se gostariam que estas atividades continuassem a fazer parte dos seus tempos livres. Todas responderam que sim, porque *“é importante informarmos sobre a criatividade portuguesa e devemos dar continuidade à escrita para ela não ficar extinta”* (F5), porque *“assim eu aprendia muitas coisas novas e também podia melhorar os meus erros”* (F3), porque *“é divertido as atividades que fazemos nos tempos livres”* (F2) e porque *“podia me entreter com uma atividade importante”* (F6).

Dei por concluída a última sessão e despedi-me das crianças referindo que voltaria brevemente.

Fui ao encontro da responsável do patronato para me despedir e informar que posteriormente iria trazer o relatório das atividades.

Anexo 10: Transcrição das entrevistas gravadas

Entrevista 1

Entrevistado: RA1

Sexo: Feminino

Cargo: Diretora

Data da Entrevista: 10/05/2012

Local: Abrigo Infantil da Nossa Senhora da Conceição

1. Qual o nome da instituição e sua natureza jurídica?

“Abrigo Infantil da Nossa Senhora da Conceição. Instituição Particular de Solidariedade Social”.

2. Quantas crianças e jovens existem atualmente nesta Instituição?

“Uma média de 60 crianças e jovens”.

3. Quais as causas principais do acolhimento das crianças e jovens?

“A negligência expressa de várias formas e o absentismo escolar”.

4. Para além de frequentarem a escola, as crianças dispõem de tempos livres?

“Sim, nós dispomos de uma variedade de atividades, até porque temos muitas crianças e temos que ocupar o seu dia, fora do horário escolar. Neste momento a instituição tem a colaboração da CRIAMAR, que desenvolve algumas atividades a nível do desporto, da literatura e da música. Também temos outro projeto que se chama “Academia de Valores” em que promovemos a escrita criativa, a expressão dramática, o coro infantil. De resto é aproveitar o que há na comunidade, porque há muitas coisas que não estão no nosso programa e surgem na comunidade. Os tempos livres normalmente são organizados por nós e há outro tempo livre em que eles se auto-organizam. Os que gostam mais de ler, vão ler, os que gostam de ver televisão, vão ver televisão, outros vão para o computador, mas eles têm realmente um espaço em que eles pode fazer realmente aquilo que mais gostam”.

5. Se respondeu sim, quanto tempo livre por dia?

“A escola preenche bastante tempo, mas em média 2 a 3 horas por dia, à noite e na parte da manhã, isto falando do 2º ciclo para cima, pois quem tem aulas à tarde tem a manhã praticamente livre”.

6. Ocupam esse tempo com atividades culturais? Quais?

“Sim”.

7. As crianças desenvolvem alguma atividade no campo da literatura?

“Sim, para além das atividades desenvolvidas pela CRIAMAR e “Academia de

Valores” a própria instituição procura fomentar estas atividades. Procuramos transmitir o gosto pela leitura levando-os às livrarias. Eu há tempos estive com um dos miúdos na Bertrand e ele por iniciativa própria selecionou um livro que queria, porque já tinha ouvido falar do autor e do título na escola, sentou-se numa mesa e começou a ler, há coisas que nos surpreendem. Às vezes pensamos que uma criança não estima o livro, mas ela estima e muito. Muitas vezes até têm muitos livros que não leem, mas se for um livro oferecido eles gostam muito. Eu já tive essa experiência várias vezes e vejo que eles de fato gostam de receber um livro.

8. Considera que a criação de hábitos de leitura é importante para o desenvolvimento cultural, intelectual e emocional das crianças?

“Sim, são muito importantes. Ajudam muito na concentração e a elaborar o pensamento, porque as vezes a gente pergunta a uma criança o que queres ser quando fores grande, o que queres fazer, e eles muitas vezes encolhem os ombros sem saber o que responder e a leitura vem dar ideias, vem desenvolver o pensamento, ensina a gerir as emoções. É fundamental, a leitura nunca passa de moda, embora tenha aparecido os computadores, etc., ela está sempre presente no nosso dia-a-dia”.

9. As crianças aderem facilmente a este tipo de atividades?

“Há umas que sim, outros nem tanto e há outras que nos surpreendem bastante. Há noite por vezes estão a ler só com um fio de luz da casa de banho, para enganar e pensarmos que já estão a dormir, mas estes são mesmo casos excecionais. Enquanto que há outros que banalizam a leitura por completo, que também tem a ver com as experiências iniciais de vida. É muito importante a criança ler livros e revistas, tudo desde pequenina por lhe vai preparar mais o espírito para se aproximar da leitura. A escola também tem um peso fundamental, pois quando vemos as crianças e jovens a pegar numa obra de Eça de Queirós, que pensamos que já ninguém lê, e levam esse livro para a mesa-de-cabeceira, para o quarto, acho isso uma coisa extraordinária”.

10. Considera que deveriam existir mais atividades de leitura nos tempos livres das crianças?

“Sim”.

11. Gostaria que elas participassem em atividades relacionadas com a leitura?

“Sim”.

Transcrição da entrevista realizada após a implementação do projeto: Apreciação da

responsável sobre o projeto de leitura

Data da Entrevista: 07/08/2012

Local: Abrigo Infantil da Nossa Senhora da Conceição

12. Qual a sua opinião relativamente ao projeto de leitura implementado?

“Um projeto bastante interessante (...) que realmente a área da leitura nem sempre é devidamente promovida e (...) as crianças até aderem (...) e tem muito para trazer de novo a uma criança. A capacidade de ler e interpretar ainda está muito aquém daquilo que ainda se pode fazer, portanto quanto mais se fizer nesta área melhor, para desenvolver a nível cultural”.

13. Considera que este tipo de atividades deveria ter continuidade?

“Seria fundamental, extraordinário! Porque ler e escrever é uma competência que faz muito bem a toda a gente e às crianças muito mais. A gente vê as dificuldades que apresentam na escola, muitas vezes não é por falta de inteligência, nem até por falta de assiduidade mas por dificuldades na área da leitura e da escrita (...), na compreensão da leitura e portanto ficam muitas vezes prejudicados no seu percurso escolar porque têm estas áreas em baixo. E também se podem divertir com ler e escrever, como se divertiram neste projeto (...) de uma forma cultural e lúdica, ao mesmo tempo.”

Entrevista 2

Entrevistado: RF2

Sexo: Feminino

Cargo: Responsável/Coordenadora

Data da Entrevista: 13/06/2012

Local: Fundação Patronato de São Filipe

1. Qual o nome da sua instituição e sua natureza jurídica?

R: “Fundação Patronato de São Filipe. Instituição Particular de Solidariedade Social”.

2. Quantas crianças e jovens existem atualmente nesta Instituição?

R: “Trinta crianças internas e apoiamos outras vinte crianças externas em situações pontuais, nomeadamente com o vestuário, transporte para a escola, ajuda para o passe”.

3. Quais as causas principais do acolhimento das crianças e jovens?

“A grande parte das crianças estão cá por causa do absentismo e insucesso escolar, que faltam às aulas ou não vão à escola e são encaminhados pela Comissão de Proteção de menores para a instituição, a negligência familiar e a violência doméstica”.

4. Para além de frequentarem a escola, as crianças dispõem de tempos livres?

“Para além da escola, as crianças quando chegam têm a terça-feira yoga, à quarta-feira literatura criativa, à quinta-feira expressão dramática. Na sexta-feira é mais tempo livre à escolha das crianças. Ficam a ver um filme, a ver televisão, o que elas quiserem. No fim-de-semana algumas das crianças regressam a casa, à sua família. Ao sábado praticam desporto e no domingo é novamente livre. Podem desenvolver as atividades que quiserem”.

5. Se respondeu sim, quanto tempo livre por dia?

“Para além das atividades estabelecidas pela instituição, dispõem normalmente de 1 hora para fazerem o que quiserem, ler um livro, ver televisão etc. Algumas delas até dispõem de muito tempo livre, porque não estão inseridas em nenhuma atividade”.

6. Ocupam esse tempo com atividades culturais? Quais?

“Sim, no campo da música, da expressão plástica, da literatura e dança”.

7. As crianças desenvolvem alguma atividade no campo da literatura?

“Sim, no campo da literatura, para além das atividades desenvolvidas com a CRIAMAR, sugeri às crianças que no Domingo, entre as 21h e as 22h30, que lessem um livro, nem que fosse algumas frases, algumas palavras, uma página do livro. Eles

até iniciaram bem. Há dois ou três adolescentes que estão agora virados para a leitura de romances. A maioria das outras crianças lê livros que fazem parte do programa escolar. São mesmo poucos os que leem por vontade própria apesar de haver incentivos para tal. Uma das leituras que está sempre à disposição delas é a leitura do jornal, mas elas não o leem, so leem mesmo o título, o signo e a programação disponível para a televisão”.

8. Considera que a criação de hábitos de leitura é importante para o desenvolvimento cultural, intelectual e emocional das crianças?

“Sem dúvida que sim. É importante até para elas melhorarem a nível do português, tanto a falar como a escrever. É claro que a escola tem muita importância nestes hábitos, mas eles próprios deviam tornar os conteúdos programáticos mais criativos e dinâmicos para ajudar as crianças a desenvolverem os seus hábitos de leitura”.

9. As crianças aderem facilmente a este tipo de atividades?

“As vezes sim, outras vezes não. Depende também do entusiasmo das crianças. É fundamental a orientação e o incentivo dos mais velhos, como por exemplo levar um livro à criança, dar-lhe a conhecer algumas leituras, para assim transmitir este gosto pela leitura”.

10. Considera que deveriam existir mais atividades de leitura nos tempos livres das crianças?

“Sim”.

11. Gostaria que elas participassem em atividades relacionadas com a leitura?

“Sim”.

Transcrição da entrevista realizada após a implementação do projeto: Apreciação da responsável sobre o projeto de leitura

Data da Entrevista: 08/08/2012
Local: Fundação Patronato São Filipe

12. Qual a sua opinião relativamente ao projeto de leitura implementado?

“Eu acho que está de parabéns, porque incentivou as jovens e as crianças um bocadinho mais (...) a olharem para o livro como um amigo (...). Senti agora no verão esse trabalho que foi feito (...) porque elas quando foram para o Porto Santo levaram o

livro. Realmente (...) há aqui (...) também nota-se uma evolução. Não foi só porque eu falei (...) mas já falei isto vários anos. Elas levaram o livro debaixo do braço (...) eu acho que é alguma coisa que ficou. E também senti que elas tinham gosto, quando vinha (...) quando (...) o que faziam (...) também vinham manifestar isso, o que fizeram, o que trabalharam (...) também senti isso.

13. Considera que este tipo de atividades deveria ter continuidade?

“Isso é um desejo que eu tinha (...) dar uma certa continuidade. (...) Estes jovens (...) que os livros, a escola não faz sentido, não têm motivação para a leitura (...) há sempre um ou outro que consegue pegar num livro, ler, mas (...). É preciso trabalhar de uma maneira (...) de uma forma muito criativa e divertida de maneira a que eles tenham gosto a seguir (...) [ah agora tenho tempo, vou ler] (...). É uma coisa que nós adultos não temos tempo para ler mas gostaríamos (...) e mesmo no meu caso até compro os livros mas não os leio (...). E isto torna-se muito difícil por vezes passar para eles. (...) Eu tento com algumas mas não é fácil. Eu acho que era importante (...) a nível da instituição eu acho que era um trabalho que deveria ter continuidade.”

Entrevista 3

Entrevistado: F1

Sexo: Feminino

Data de Nascimento/Idade: 26/09/2001 - 11 anos

Ano de escolaridade: 5º ano

Data da Entrevista: 09/05/2013

Local: Fundação Patronato de São Filipe

1. O que fazes nos teus tempos livres quando estás na residência?

“Brinco, à bola, às escondidas às apanhadas, faço ginástica, vejo televisão, vejo desenhos animados, filmes”.

2. Quando tens tempo livre na escola o que costumavas fazer?

“Dou voltas à escola, vou para o recreio brincar com os outros meninos. Não costumo ir para a biblioteca, não tem livros que eu goste de ler”.

3. Qual é a tua disciplina preferida? Porquê?

“É o português, porque é o mais fácil e é a nossa língua, aprendo o vocabulário, a ler e a escrever”.

4. Que outras atividades culturais gostarias de fazer?

“Gostava de fazer atividades na praia”.

5. Existe alguma atividade que não gostes de fazer?

“Não”.

6. Gostas de Ler?

“Mais ou menos”.

7. Achas que é importante ler? Porquê?

“É, porque desenvolve a falar e é importante para o futuro”.

8. A que suportes de leitura recorres?

“Livros, Manuais escolares e internet”.

9. Que género de livros gostas de ler?

“Contos, poemas, romances e mistério. Terror não gosto muito, tenho um pedacinho de medo de ler esses livros”.

10. Quantas horas por dia costumavas dedicar à leitura de livros não escolares?

“Meia hora por dia”.

11. Aproximadamente quantos livros lês por ano?

“Um livro por ano, mas acho que é pouco”.

12. Estás a ler algum livro atualmente? Qual o nome do livro e do autor?

“Não”.

13. Quais os livros que mais gostaste de ler? Indica o nome do autor?

“A formiga que queria chegar à lua. Não me lembro o nome do autor”.

14. Gostas de ouvir histórias?

“Sim”

15. Gostas de contar histórias?

“Mais ou menos”.

16. Costumas ler para outras pessoas?

“Mais ou menos”.

17. Já utilizaste a Internet para ler ou pesquisar algum livro?

“Sim, às vezes”.

18. Consideras que deveriam existir mais atividades de leitura nos teus tempos livres?

“Sim”.

19. Gostarias de participar nessas atividades?

“Sim”.

Entrevista 4

Entrevistado: F2

Sexo: Feminino

Data de Nascimento/Idade: 25/03/2004 – 9 anos

Ano de escolaridade: 3º ano

Data da Entrevista: 09/05/2013

Local: Fundação Patronato de São Filipe

1. O que fazes nos teus tempos livres quando estás na residência?

“Vou aos computadores, leio e brinco”.

2. Quando tens tempo livre na escola o que costumavas fazer?

“Gosto de desenhar”.

3. Qual é a tua disciplina preferida? Porquê?

“Língua Portuguesa, porque gosto de ler e escrever”.

4. Que outras atividades culturais gostarias de fazer?

“Gostava de ir ao cinema, ir à praia”.

5. Existe alguma atividade que não gostes de fazer?

“Pintar”.

6. Gostas de Ler?

“Sim”.

7. Achas que é importante ler? Porquê?

“Sim, para aprender”.

8. A que suportes de leitura recorres?

“Livros, Manuais, Computador, Internet e fotocópias”.

9. Que género de livros gostas de ler?

“Romances, poesia, contos, aventuras, policiais, mistério e terror”.

10. Quantas horas por dia costumavas dedicar à leitura de livros não escolares?

“Meia hora por dia”.

11. Aproximadamente quantos livros lês por ano?

“Dois”.

12. Estás a ler algum livro atualmente? Qual o nome do livro e do autor?

“Cem bruxarias para lidar com os pais, dos livros secretos da Wicth”.

13. Quais os livros que mais gostaste de ler? Indica o nome do autor?

“Cem bruxarias para lidar com os pais”.

14. Gostas de ouvir histórias?

“Sim”

15. Gostas de contar histórias?

“Sim”.

16. Costumas ler para outras pessoas?

“Sim”.

17. Já utilizaste a Internet para ler ou pesquisar algum livro?

“Sim”.

18. Consideras que deveriam existir mais atividades de leitura nos teus tempos livres?

“Sim”.

19. Gostarias de participar nessas atividades?

“Sim”.

Entrevista 5

Entrevistado: F3

Sexo: Feminino

Data de Nascimento/Idade: 18/05/2001 – 12 anos

Ano de escolaridade: 5º ano

Data da Entrevista: 09/05/2013

Local: Fundação Patronato de São Filipe

1. O que fazes nos teus tempos livres quando estás na residência?

“Jogo às bonecas, leio livros e vou ao facebook”.

2. Quando tens tempo livre na escola o que costumavas fazer?

“Vou para a biblioteca ler livros”.

3. Qual é a tua disciplina preferida? Porquê?

“É o português, por causa que eu gosto de ler e gosto de fazer as atividades de português”.

4. Que outras atividades culturais gostarias de fazer?

“Bodyboard”.

5. Existe alguma atividade que não gostes de fazer?

“Não, eu gosto de fazer todas as atividades até agora”.

6. Gostas de Ler?

“Sim”.

7. Achas que é importante ler? Porquê?

“Sim, para a nossa vida, quando nós quisermos saber de alguma notícia. Se nós não soubermos ler nunca vamos saber o que aconteceu no nosso dia-a-dia”.

8. A que suportes de leitura recorres?

“Leio livros, revistas e também vou às vezes à Internet”.

9. Que género de livros gostas de ler?

“Romances, poesia, banda desenhada, aventuras e mais nada”.

10. Quantas horas por dia costumavas dedicar à leitura de livros não escolares?

“Meia hora por dia”.

11. Aproximadamente quantos livros lês por ano?

“Às vezes leio 1 hora e meia na biblioteca da escola e em casa à noite também 1 hora e meia.”

12. Estás a ler algum livro atualmente? Qual o nome do livro e do autor?

“Sim, Histórias à solta na minha rua, de António Torrado”.

13. Quais os livros que mais gostaste de ler? Indica o nome do autor?

“Gostei de ler o “Grilo, grilarim, cantarolas no jardim”, é de António Torrado também. E também gostei de ler “oitenta e um: sete macacos e tu és um”; a “rã felisbela” e “histórias à solta na minha rua””.

14. Gostas de ouvir histórias?

“Gosto”.

15. Gostas de contar histórias?

“Gosto. As vezes o meu professor manda ler e eu ponho sempre o dedo no ar porque gosto de ler”.

16. Costumas ler para outras pessoas?

“Sim”.

17. Já utilizaste a Internet para ler ou pesquisar algum livro?

“Sim. Eu no outro período fui à Internet pesquisar este livro do António Torrado, porque não tinha o livro e depois a irmã comprou-me o livro”.

18. Consideras que deveriam existir mais atividades de leitura nos teus tempos livres?

“Sim”.

19. Gostarias de participar nessas atividades?

“Sim”. Acho que é importante para mim, porque não sei ler assim tão bem e precisava aprender mais coisas”.

Entrevista 6

Entrevistado: F4

Sexo: Feminino

Data de Nascimento/Idade: 28/11/2000 – 12 anos

Ano de escolaridade: 5º ano

Data da Entrevista: 09/05/2013

Local: Fundação Patronato de São Filipe

1. O que fazes nos teus tempos livres quando estás na residência?

“Canto, danço, brinco, leio, vejo TV e ando de bicicleta”.

2. Quando tens tempo livre na escola o que costumavas fazer?

“Ler ou brincar”.

3. Qual é a tua disciplina preferida? Porquê?

“Português e matemática. Porque são interessantes e são as que eu sei mais também e (...) para arranjar um emprego”.

4. Que outras atividades culturais gostarias de fazer?

“Gostaria de andar no ballet e (...) andar na nataçãõ”.

5. Existe alguma atividade que não gostes de fazer?

“Não”.

6. Gostas de Ler?

“Sim”.

7. Achas que é importante ler? Porquê?

“Sim, para aprendermos a ler e a ter expressividade a ler (...) e para conseguirmos arranjar um bom futuro para a vida”.

8. A que suportes de leitura recorres?

“Livros, revistas, no computador e na internet”.

9. Que género de livros gostas de ler?

“Romances, poesia, aventuras e policiais, mistério e arte e música”.

10. Quantas horas por dia costumavas dedicar à leitura de livros não escolares?

“Aproximadamente meia hora”.

11. Aproximadamente quantos livros lês por ano?

“Três, mas mesmo assim acho que é pouco”.

12. Estás a ler algum livro atualmente? Qual o nome do livro e do autor?

“Sim, Viagem a um mundo fantástico e (...) com bruxarias para mostrar o melhor de ti”.

13. Quais os livros que mais gostaste de ler? Indica o nome do autor?

“Aliane e Zaneah: dos sonhos às vitórias do Francisco Fernandes”.

14. Gostas de ouvir histórias?

“Gosto”

15. Gostas de contar histórias?

“Sim”.

16. Costumas ler para outras pessoas?

“Sim”.

17. Já utilizaste a Internet para ler ou pesquisar algum livro?

“Sim, por exemplo (...) as histórias à solta na minha rua do António Torrado”.

18. Consideras que deveriam existir mais atividades de leitura nos teus tempos livres?

“Sim, mais algumas”.

19. Gostarias de participar nessas atividades?

“Sim, na literatura”.

Entrevista 7

Entrevistado: F5

Sexo: Feminino

Data de Nascimento/Idade: 04/01/2001 – 12 anos

Ano de escolaridade: 6º ano

Data da Entrevista: 14/05/2013

Local: Fundação Patronato de São Filipe

1. O que fazes nos teus tempos livres quando estás na residência?

“Leio e brinco com os meus amigos”.

2. Quando tens tempo livre na escola o que costumavas fazer?

“Vou para a biblioteca e leio algum livro”.

3. Qual é a tua disciplina preferida? Porquê?

“Educação física porque gosto de fazer exercício”.

4. Que outras atividades culturais gostarias de fazer?

“Gostava de fazer atividades na praia”.

5. Existe alguma atividade que não gostes de fazer?

“Não”.

6. Gostas de Ler?

“Sim”.

7. Achas que é importante ler? Porquê?

“Sim”.

8. A que suportes de leitura recorres?

“Livros, revistas, computadores e internet”.

9. Que género de livros gostas de ler?

“Romances, contos, banda desenhada”.

10. Quantas horas por dia costumavas dedicar à leitura de livros não escolares?

“Quando vou para a cama, quando a senhora vem apagar a luz”.

11. Aproximadamente quantos livros lês por ano?

“Um ou dois”.

12. Estás a ler algum livro atualmente? Qual o nome do livro e do autor?

“Freyja de Nuno Morna”.

13. Quais os livros que mais gostaste de ler? Indica o nome do autor?

“O cãozinho mágico de Sue Bentley”.

14. Gostas de ouvir histórias?

“Sim”.

15. Gostas de contar histórias?

“Não”.

16. Costumas ler para outras pessoas?

“Não”.

17. Já utilizaste a Internet para ler ou pesquisar algum livro?

“Só para trabalhos de pesquisa”.

18. Consideras que deveriam existir mais atividades de leitura nos teus tempos livres?

“Algumas”.

19. Gostarias de participar nessas atividades?

“Sim”.

Entrevista 8

Entrevistado: F6

Sexo: Feminino

Data de Nascimento/Idade: 06/06/2002 – 11 anos

Ano de escolaridade: 5º ano

Data da Entrevista: 14/05/2013

Local: Fundação Patronato de São Filipe

1. O que fazes nos teus tempos livres quando estás na residência?

“Estudo, leio, vejo televisão e brinco”.

2. Quando tens tempo livre na escola o que costumavas fazer?

“Brinco, às vezes vou para a biblioteca ler e estudo para os testes”.

3. Qual é a tua disciplina preferida? Porquê?

“História, porque é fácil, porque tenho interesse para saber mais sobre Portugal e sobre

o mundo”.

4. Que outras atividades culturais gostarias de fazer?

“Dançar, nadar, andar a cavalo e tocar viola”.

5. Existe alguma atividade que não gostes de fazer?

“Não”.

6. Gostas de Ler?

“Sim”.

7. Achas que é importante ler? Porquê?

“Sim, porque aperfeiçoamos a nossa língua e também aprendemos com eles”.

8. A que suportes de leitura recorres?

“Livros, revistas e internet”.

9. Que género de livros gostas de ler?

“Aventuras, mistério, culinária, arte e música”.

10. Quantas horas por dia costumavas dedicar à leitura de livros não escolares?

“Meia hora”.

11. Aproximadamente quantos livros lês por ano?

“Quatro, dos grandes”.

12. Estás a ler algum livro atualmente? Qual o nome do livro e do autor?

“Sim, o cãozinho mágico, o autor é Sue Bentley”.

13. Quais os livros que mais gostaste de ler? Indica o nome do autor?

“Rita: a fadazinha do Hamster e o cãozinho mágico”.

14. Gostas de ouvir histórias?

“Sim”

15. Gostas de contar histórias?

“Não. Depende, se for para muitas pessoas não gosto”.

16. Costumas ler para outras pessoas?

“Não”.

17. Já utilizaste a Internet para ler ou pesquisar algum livro?

“De vez em quando”.

18. Consideras que deveriam existir mais atividades de leitura nos teus tempos livres?

“Sim”.

19. Gostarias de participar nessas atividades?

“Sim”.

Entrevista 9

Entrevistado: A1

Sexo: Masculino

Data de Nascimento/Idade: 30/09/2002 – 10 anos

Ano de escolaridade: 3º ano

Data da Entrevista: 29/05/2013

Local: Abrigo Infantil da Nossa Senhora da Conceição

1. O que fazes nos teus tempos livres quando estás na residência?

“Eu vejo televisão e brinco”.

2. Quando tens tempo livre na escola o que costumavas fazer?

“Jogo à bola e gosto de jogar aos congelados”.

3. Qual é a tua disciplina preferida? Porquê?

“É a matemática, porque gosto de fazer contas”.

4. Que outras atividades culturais gostarias de fazer?

“Gostava de fazer natação”.

5. Existe alguma atividade que não gostes de fazer?

“Eu não gosto do estudo”.

6. Gostas de ler?

“Sim”.

7. Achas que é importante ler? Porquê?

“Sim, porque aprendemos coisas novas”.

8. A que suportes de leitura recorres?

“Livros e jornais”.

9. Que género de livros gostas de ler?

“Banda Desenhada”.

10. Quantas horas por dia costumavas dedicar à leitura de livros não escolares?

“Meia hora por dia”.

11. Aproximadamente quantos livros lês por ano?

“Mais ou menos dez livros”.

12. Estás a ler algum livro atualmente? Qual o nome do livro e do autor?

“Sim, uma aventura no Porto”.

13. Quais os livros que mais gostaste de ler? Indica o nome do autor?

“O pato Donald”.

14. Gostas de ouvir histórias?

“Sim”

15. Gostas de contar histórias?

“Sim”.

16. Costumas ler para outras pessoas?

“Às vezes”.

17. Já utilizaste a Internet para ler ou pesquisar algum livro?

“Só para pesquisar”.

18. Consideras que deveriam existir mais atividades de leitura nos teus tempos livres?

“Sim”.

19. Gostarias de participar nessas atividades?

“Sim”.

Entrevista 10

Entrevistado: A2

Sexo: Masculino

Data de Nascimento/Idade: 19/07/2002 – 10 anos

Ano de escolaridade: 4º ano

Data da Entrevista: 14/05/2013

Local: Abrigo Infantil da Nossa Senhora da Conceição

1. O que fazes nos teus tempos livres quando estás na residência?

“Eu brinco, vejo televisão, leio livros”.

2. Quando tens tempo livre na escola o que costumavas fazer?

“Costumo brincar à bola, às escondidas e às vezes leio livros”.

3. Qual é a tua disciplina preferida? Porquê?

“Educação física porque adoro jogar à bola”.

4. Que outras atividades culturais gostarias de fazer?

“Gostava de entrar na CRIAMAR, para jogar futebol”.

5. Existe alguma atividade que não gostes de fazer?

“Eu não gosto de estudo”.

6. Gostas de ler?

“Sim”.

7. Achas que é importante ler? Porquê?

“Sim, para melhorar a nossa escrita e a nossa leitura”.

8. A que suportes de leitura recorres?

“Livros, jornais e computadores”.

9. Que género de livros gostas de ler?

“Gosto de ler livros de ação”.

10. Quantas horas por dia costumas dedicar à leitura de livros não escolares?

“Uma hora”.

11. Aproximadamente quantos livros lês por ano?

“Cinco livros”.

12. Estás a ler algum livro atualmente? Qual o nome do livro e do autor?

“As cinco quinas à procura do tesouro do conde de faia”.

13. Quais os livros que mais gostaste de ler? Indica o nome do autor?

“Uma aventura na casa assombrada”.

14. Gostas de ouvir histórias?

“Sim”.

15. Gostas de contar histórias?

“Sim”.

16. Costumas ler para outras pessoas?

“Sim”.

17. Já utilizaste a Internet para ler ou pesquisar algum livro?

“Não”.

18. Consideras que deveriam existir mais atividades de leitura nos teus tempos livres?

“Sim”.

19. Gostarias de participar nessas atividades?

“Sim”.

Entrevista 11

Entrevistado: A3
Sexo: Masculino

Data de Nascimento/Idade: 19/04/2002 – 11 anos

Ano de escolaridade: 5º ano

Data da Entrevista: 14/05/2013

Local: Abrigo Infantil da Nossa Senhora da Conceição

1. O que fazes nos teus tempos livres quando estás na residência?

“Nos meus tempos livres vejo televisão, jogo matraquilhos, leio livros e brinco às escondidas e apanhados”.

2. Quando tens tempo livre na escola o que costumavas fazer?

“Costumo brincar e ir à sala de jogos”.

3. Qual é a tua disciplina preferida? Porquê?

“Língua Portuguesa, porque gosto de ler e escrever textos”.

4. Que outras atividades culturais gostarias de fazer?

“Basquetebol”.

5. Existe alguma atividade que não gostes de fazer?

“Eu gosto de todas as atividades”.

6. Gostas de ler?

“Sim”.

7. Achas que é importante ler? Porquê?

“Sim, porque ler, sem a leitura não conseguimos comunicar”.

8. A que suportes de leitura recorres?

“Livros e computador”.

9. Que género de livros gostas de ler?

“Banda Desenhada”.

10. Quantas horas por dia costumavas dedicar à leitura de livros não escolares?

“Uma hora”.

11. Aproximadamente quantos livros lêes por ano?

“Mais ou menos doze livros”.

12. Estás a ler algum livro atualmente? Qual o nome do livro e do autor?

“Sim, “Mais 365 piadas””.

13. Quais os livros que mais gostaste de ler? Indica o nome do autor?

“Peter Pan”.

14. Gostas de ouvir histórias?

“Sim”.

15. Gostas de contar histórias?

“Sim”.

16. Costumas ler para outras pessoas?

“Às vezes”.

17. Já utilizaste a Internet para ler ou pesquisar algum livro?

“Sim”.

18. Consideras que deveriam existir mais atividades de leitura nos teus tempos livres?

“Sim”.

19. Gostarias de participar nessas atividades?

“Claro!”.

Entrevista 12

Entrevistado: A4

Sexo: Feminino

Data de Nascimento/Idade: 19/10/2003 – 9 anos

Ano de escolaridade: 4º ano

Data da Entrevista: 14/05/2013

Local: Abrigo Infantil da Nossa Senhora da Conceição

1. O que fazes nos teus tempos livres quando estás na residência?

“Eu leio livros de desenhos animados, brinco e estudo ou vejo televisão”.

2. Quando tens tempo livre na escola o que costumavas fazer?

“Ler e brincar”.

3. Qual é a tua disciplina preferida? Porquê?

“Matemática, porque sei mais contas e outras coisas”.

4. Que outras atividades culturais gostarias de fazer?

“Natação e futebol”.

5. Existe alguma atividade que não gostes de fazer?

“gosto de todas”.

6. Gostas de ler?

“Sim”.

7. Achas que é importante ler? Porquê?

“Sim, porque sem ler não sabemos nada”.

8. A que suportes de leitura recorres?

“Computadores e livros”.

9. Que género de livros gostas de ler?

“Banda Desenhada”.

10. Quantas horas por dia costumas dedicar à leitura de livros não escolares?

“Duas”.

11. Aproximadamente quantos livros lês por ano?

“Leio mais ou menos dois livros”.

12. Estás a ler algum livro atualmente? Qual o nome do livro e do autor?

“Não, aliás, estou a ler o Garfield”.

13. Quais os livros que mais gostaste de ler? Indica o nome do autor?

“Garfield, Branca de Neve”.

14. Gostas de ouvir histórias?

“Sim”.

15. Gostas de contar histórias?

“Sim”.

16. Costumas ler para outras pessoas?

“Sim”.

17. Já utilizaste a Internet para ler ou pesquisar algum livro?

“Sim”.

18. Consideras que deveriam existir mais atividades de leitura nos teus tempos livres?

“Sim”.

19. Gostarias de participar nessas atividades?

“Sim”.

Entrevista 13

Entrevistado: A5

Sexo: Feminino

Data de Nascimento/Idade: 09/12/2003 – 9 anos

Ano de escolaridade: 4º ano

Data da Entrevista: 14/05/2013

Local: Abrigo Infantil da Nossa Senhora da Conceição

1. O que fazes nos teus tempos livres quando estás na residência?

“Eu vejo televisão, jogo matraquilhos e às vezes vou passear”.

2. Quando tens tempo livre na escola o que costumavas fazer?

“Jogo à bola, brincar com os colegas e tirar corridas”.

3. Qual é a tua disciplina preferida? Porquê?

“Língua Portuguesa, porque sem a língua portuguesa não conseguimos fazer as outras disciplinas”.

4. Que outras atividades culturais gostarias de fazer?

“Natação e voleibol”.

5. Existe alguma atividade que não gostes de fazer?

“Gosto de todas as atividades”.

6. Gostas de ler?

“Sim”.

7. Achas que é importante ler? Porquê?

“Sim, porque é importante para nós comunicarmos e conseguirmos ler muito bem”.

8. A que suportes de leitura recorres?

“Livros e computadores”.

9. Que género de livros gostas de ler?

“Gosto de ler livros com o tipo de texto em prosa”.

10. Quantas horas por dia costumavas dedicar à leitura de livros não escolares?

“Eu leio das nove e meia às dez e meia da noite”.

11. Aproximadamente quantos livros lês por ano?

“Doze”.

12. Estás a ler algum livro atualmente? Qual o nome do livro e do autor?

“Sim, “Mais 365 piadas””.

13. Quais os livros que mais gostaste de ler? Indica o nome do autor?

“O Garfield”, “O bambi”, “o Aladino” e livros sobre o comportamento”.

14. Gostas de ouvir histórias?

“Sim”

15. Gostas de contar histórias?

“Sim”.

16. Costumas ler para outras pessoas?

“Sim”.

17. Já utilizaste a Internet para ler ou pesquisar algum livro?

“Sim”.

18. Consideras que deveriam existir mais atividades de leitura nos teus tempos livres?

“Sim”.

19. Gostarias de participar nessas atividades?

“Sim”.

Entrevista 14

Entrevistado: A6

Sexo: Feminino

Data de Nascimento/Idade: 23/11/2004 – 8 anos

Ano de escolaridade: 3º ano

Data da Entrevista: 14/05/2013

Local: Abrigo Infantil da Nossa Senhora da Conceição

1. O que fazes nos teus tempos livres quando estás na residência?

“Leio, brinco e estudo”.

2. Quando tens tempo livre na escola o que costumavas fazer?

“Eu costumo ler e estudar”.

3. Qual é a tua disciplina preferida? Porquê?

“A minha disciplina preferida é educação física”.

4. Que outras atividades culturais gostarias de fazer?

“Eu gostaria de fazer a natação”.

5. Existe alguma atividade que não gostes de fazer?

“Não”.

6. Gostas de ler?

“Sim”.

7. Achas que é importante ler? Porquê?

“Sim, porque assim nós não sabíamos fazer exercícios”.

8. A que suportes de leitura recorres?

“Os suportes de leitura é o livro e o computador”.

9. Que género de livros gostas de ler?

“Banda desenhada”.

10. Quantas horas por dia costumás dedicar à leitura de livros não escolares?

“Só no estudo”.

11. Aproximadamente quantos livros lês por ano?

“Eu leio por ano mais ou menos doze livros”.

12. Estás a ler algum livro atualmente? Qual o nome do livro e do autor?

“Não”.

13. Quais os livros que mais gostaste de ler? Indica o nome do autor?

“Os livros que gosto de ler é Garfield e a Pequena Sereia”.

14. Gostas de ouvir histórias?

“Sim”.

15. Gostas de contar histórias?

“Sim”.

16. Costumas ler para outras pessoas?

“Sim”.

17. Já utilizaste a Internet para ler ou pesquisar algum livro?

“Sim”.

18. Consideras que deveriam existir mais atividades de leitura nos teus tempos livres?

“Sim”.

19. Gostarias de participar nessas atividades?

“Sim”.

Anexo 11: Definição das categorias

1) Definição de categorias das entrevistas às responsáveis

Categorias	Definição
a) Contexto Institucional	Ambicionamos perceber o contexto institucional das crianças acolhidas.
b) Atividades culturais das crianças nos tempos livres	Pretendemos obter informação relativamente às atividades culturais que as crianças desenvolvem nos seus tempos livres.
c) Hábitos de leitura das crianças	Queremos compreender a opinião das responsáveis sobre os hábitos de leitura das crianças.
d) Apreciação das responsáveis sobre o Projeto de leitura (entrevista realizada após a implementação do projeto)	Aspiramos conhecer a opinião das responsáveis em relação às atividades desenvolvidas no projeto de promoção da leitura

2) Definição de categorias das entrevistas às crianças

Categorias	Definição
a) Atividades culturais das crianças nos tempos livres	Pretendemos verificar quais as atividades culturais que as crianças participam nos seus tempos livres.
b) Interesses e gostos culturais das crianças	Queremos conhecer os interesses da criança no que concerne às atividades culturais.
c) Hábitos de leitura das crianças	Ambicionamos apurar os hábitos de leitura das crianças.
d) Projeto de promoção da leitura	Pretendemos conhecer a opinião das crianças em relação à implementação de um projeto de leitura nas Instituições.